



UNIVERSIDADE FEDERAL DA PARAÍBA
CENTRO DE CIÊNCIAS HUMANAS, LETRAS E ARTES
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM LINGUÍSTICA
MESTRADO EM LINGUÍSTICA

EDICLÉCIA SOUSA DE MELO

GESTOS EMBLEMÁTICOS PRODUZIDOS POR DUAS CRIANÇAS
COM SÍNDROME DE DOWN NA TERAPIA FONOAUDIOLÓGICA

João Pessoa-PB

2017

EDICLÉCIA SOUSA DE MELO

**GESTOS EMBLEMÁTICOS PRODUZIDOS POR DUAS CRIANÇAS
COM SÍNDROME DE DOWN NA TERAPIA FONOAUDIOLÓGICA**

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Linguística da Universidade (PROLING), da Universidade Federal da Paraíba (UFPB), em cumprimento às exigências para a obtenção do grau de Mestre em Linguística.

Orientador: Prof^o Dr^o Giorvan Ânderson dos Santos Alves

Coorientadora: Prof^a Dr^a Marianne Carvalho Bezerra Cavalcante

João Pessoa-PB

2017

M528g Melo, Ediclécia Sousa de.
Gestos emblemáticos produzidos por duas crianças com
síndrome de down na terapia fonoaudiológica / Ediclécia Sousa
de Melo. - João Pessoa, 2017.
135 f. : il. -

Orientador: Giorvan Anderson dos Santos Alves.
Coorientadora: Marianne Carvalho Bezerra Cavalcante.
Dissertação (Mestrado) – UFPB/CCHLA

1. Síndrome de Down. 2. Aquisição da Linguagem.
3. Multimodalidade - Fonoaudiologia. 4. Gestos Emblemáticos.
I. Título.

UFPB/BC

CDU – 616.899(043)

EDICLÉCIA SOUSA DE MELO

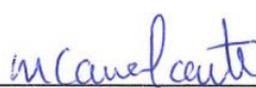
**GESTOS EMBLEMÁTICOS PRODUZIDOS POR DUAS CRIANÇAS COM
SÍNDROME DE DOWN NA TERAPIA FONOAUDIOLÓGICA**

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Linguística da Universidade (PROLING), da Universidade Federal da Paraíba (UFPB), em cumprimento às exigências para a obtenção do grau de Mestre em Linguística.

BANCA EXAMINADORA



Prof^o Dr^o Giorvan Anderson dos Santos Alves (Orientador/PROLING-UFPB)



Prof^a Dr^a Marianne Carvalho Bezerra Cavalcante (Coorientadora /PROLING-UFPB)



Prof^a Dr^a Isabelle Cahino Delgado (UFPB)

Prof^o Dr^o José Moacir Soares da Costa Filho (Avaliador Externo-IFPB)

AGRADECIMENTOS

A Deus por ter me concedido a oportunidade de concretizar mais um sonho. Agradeço à Nossa Senhora, minha mãezinha, por estar sempre comigo ao longo dessa caminhada.

Aos meus pais e meu irmão, Severina, Edinilson e Erivaldo pela compreensão e grande contribuição, me ajudando sempre a cuidar de Marília para que pudesse estudar e concluir esta pesquisa. Família, obrigada acreditar na realização deste objetivo e por sempre estar ao meu lado.

Ao meu esposo Anderson França que me incentivou, me auxiliou e esteve ao meu lado nos bons e nos difíceis momentos da minha vida.

À minha coorientadora Marianne Cavalcante por ter me acolhido no projeto de pesquisa desde o 3º semestre da graduação. Obrigada pela confiança, dedicação, paciência, carinho e atenção. Serei eternamente grata por tudo que a/prendi. Gratidão, gratidão!

Agradeço ao professor Giorvan Ânderson por ter dedicado sua atenção a este trabalho, me acolhendo como orientanda e me instruindo com bastante presteza. Grata por todas as contribuições, professor! Tenho certeza que fui privilegiada por Deus ao ter professores como o senhor e Marianne como orientadores!

Agradeço à professora Isabelle Cahino por contribuir com a construção deste trabalho e por aceitar participar da banca de qualificação e defesa.

Agradeço à professora Evangelina Faria pelo incentivo que me foi dado ao longo de toda trajetória acadêmica.

Agradeço a Paulo Ávila por vivenciarmos momentos de pesquisa e pelo companheirismo ao longo dessa caminhada.

Ao meu amigo Ivonaldo Lima por partilhar seu conhecimento, estando sempre disposto a me ouvir, me instruir, me acalmar. Gratidão, companheiro!

Agradeço ao professor José Moacir pela aceitação ao participar da banca e por suas contribuições para meus estudos no LAFE.

Às minhas amigas Danieli, Valmira, Bruna, Laís, Driely pelo carinho, pela amizade que construímos e pelos bons momentos partilhados!

Aos amigos conquistados ao ingressar no mestrado, Cássio, Priscila, Marilene, Andreia, Cícero, Raquel, Felipe, Almir, Bruno por ter compartilhado ótimos momentos de discussões e de aprendizado.

Às meus amigos Mirian Silva, Marcos Mituaçu, Vanessa Buarque por sempre me motivar e por acreditar na realização deste sonho.

Agradeço a todos os amigos da comunidade quilombola Mituaçu, comunidade essa em que nasci e vivi as aventuras da infância. Que orgulho ser de um quilombo!

À CAPES por ter me concedido um bolsa de estudos que foi de grande valia para a realização deste trabalho.

RESUMO

A Síndrome de Down é uma alteração genética causada pela presença de três cromossomos 21 em todas as células ou em parte delas, acarretando em uma aparência específica da face, assim como a hipotonia muscular, problemas auditivos, visuais e atrasos no desenvolvimento do indivíduo. A literatura da área aponta que nessas crianças o processo de aquisição da linguagem é considerado lento, e que as produções gestuais são mais privilegiadas que as produções vocais. Por outro lado, estudos em aquisição da linguagem mais recentes apontam para uma multimodalidade linguística, mostrando que as produções linguísticas são favorecidas através da intervenção fonoaudiológica. Além disso, constata-se que os emblemas (gestos culturais, como o apontar, acenar e etc.) são privilegiados nas trocas interativas. Diante do exposto, o objetivo deste trabalho é analisar as produções multimodais (emblemas e produção vocal) de duas crianças com SD em contexto clínico. Participam do estudo dois irmãos, cuja a faixa etária inicial de uma criança é 36 meses (C1) e a da outra criança é de 60 meses (C2). Os dados foram filmados na Clínica Escola de Fonoaudiologia, em uma universidade pública paraibana. A coleta se deu por meio de registro de imagens, com duração de 30 minutos (tempo estimado da terapia fonoaudiológica) e consentidas pelos supervisores, terapeutas e responsáveis pelas crianças. Em seguida, os dados foram gravados em mídia DVD e transcritos no ELAN (*Eudico Linguistic Annotator*). No referido software, observamos e transcrevemos as produções multimodais (gesto, produções vocais e olhar) infantis e das terapeutas. Diante das análises feitas, observa-se que os emblemas são gestos amplamente produzidos por essas duas crianças, principalmente o gesto de apontar, executado com fins referenciais. Constata-se, quantitativamente, que cada criança tem uma produção emblemática específica, pois enquanto C1 tem menos emblemas e uma produção vocal variada, C2 produz mais emblemas (gestos dêiticos), havendo uma ausência de produção vocal e maior inserção em cenas de Atenção Conjunta. Ao finalizar o estudo, verifica-se que os emblemas são gestos utilizados pelas duas crianças e pelas terapeutas de forma multimodal. Além disso, foi observado que o contexto clínico é um espaço que propicia à interação entre os sujeitos. Cada criança participa das trocas interativas com recursos multimodais que lhes são disponíveis, constituindo-se como sujeitos interativos nas cenas de Atenção Conjunta.

Palavras-chave: Síndrome de Down; Aquisição da linguagem; Multimodalidade; Emblemas

ABSTRACT

Down syndrome is a genetic disorder caused by the presence of three 21 chromosomes in all or part of cells, resulting in a specific facial appearance, as well as muscular hypotonia, hearing and visual problems, and, in general, individuals with Down syndrome present delays in their development. The literature of the area points out that the process of language acquisition in these children is considered slow, and that the gestural productions are more privileged than the vocal productions. On the other hand, more recent language acquisition studies point to a linguistic multimodality, showing that linguistic productions are favored through speech-language intervention. In addition, it is clear that emblems (cultural gestures, such as pointing, waving, etc.) are privileged in communicative exchanges. Therefore, the objective of this work is to analyze the multimodal productions (emblems and vocal production) of two children with DS in clinical context. These participants are two siblings, whose initial ages are 36 months, in the case of one child (C1), and 60 months, as for the other sibling (C2). The data were filmed at the Clinical School of Speech Therapy at a public university in Paraiba. The collection was done by means of recording images, with duration of 30 minutes (estimated time of speech therapy), fortnightly, and consented by the supervisors, therapists and those responsible for the children. The data were then recorded on DVD media and transcribed in ELAN (Eudico Linguistic Annotator). In the mentioned software, we observed and transcribed the multimodal productions (gestures, vocal productions and look) by the children and therapists. In view of the analyses made, it is observed that the emblems are gestures widely produced by these two children, especially the gesture of pointing, executed with referential purposes. It is quantitatively observed that each child has a specific emblematic production, since C1 has fewer emblems and a varied vocal production, whereas C2 produces more emblems (with emphasis on deictic gestures), there is an absence of vocal production and greater insertion in scenes of Joint Attention. At the end of the study, it is possible to verify that the emblems are gestures used by both children and therapists in a multimodal way. In addition, it was observed that the clinical context is a space that favors the interaction between the subjects. Each child participates in the communicative exchanges with the multimodal resources that are available to them, constituting themselves as interactive subjects in the scenes of Joint Attention.

Keywords: Down syndrome; Language acquisition; Multimodality; Emblems.

LISTA DE FIGURAS

Figura 1. Trissomia do cromossomo 21.....	8
Figura 2. Trissomia do cromossomo 21 por Translocação	9
Figura 3. Trissomia no cromossomo 21 por Mosaicismo.....	9
Figura 4. Produções Multimodais.....	30
Figura 5. A atenção conjunta em interação adulto-criança.....	29
Figura 6. Contínuo das produções vocais	33
Figura 7. Interface do <i>Elan</i>	42

LISTA DE GRÁFICOS

Gráfico 1. Gestos emblemáticos e produções vocais de C1	117
Gráfico 2. Tipologia das produções vocais de C1.....	118
Gráfico 3. Gestos emblemáticos e produções vocais de C2.....	119
Gráfico 4. Gestos emblemáticos e produções vocais de C2.....	125
Gráfico 5. Gestos emblemáticos e produções vocais de C2.....	127

LISTA DE QUADROS

Quadro 1. Gestos em Aquisição da linguagem.....	31
Quadro 2. Descrição dos gestos de apontar.....	37
Quadro 3. Exposição descritiva de C1 e estagiárias.....	50
Quadro 4. Exposição descritiva de C2 e estagiárias.....	50
Quadro 5. Dados da anamnese de C1.....	52
Quadro 6. Dados da anamnese de C2.....	53
Quadro 7. Fragmento de transcrição da primeira cena-C1.....	60
Quadro 8. Cenas de interação terapeuta-C1.....	62
Quadro 9. Excerto mescla da segunda cena-C1.....	63
Quadro 10. Fragmento de transcrição da segunda cena-C1.....	64
Quadro 11. Cenas de interação terapeuta-C1.....	67
Quadro 12. Excerto mescla da segunda cena-C1.....	68
Quadro 13. Fragmento de transcrição da terceira cena-C1.....	71
Quadro 14. Cenas de interação terapeuta-C1.....	72
Quadro 15. Excerto mescla da terceira cena-C1.....	73
Quadro 16. Fragmento de transcrição da quarta cena.....	75
Quadro17. Cenas de interação terapeuta-C1.....	77
Quadro 18. Excerto mescla da quarta cena-C1... ..	78
Quadro 19. Fragmento de transcrição da quinta cena-C1.....	81
Quadro 20. Cenas de interação terapeuta-C1.....	84
Quadro 21. Excerto mescla da quinta cena-C1.....	85
Quadro 22. Fragmento de transcrição da sexta cena -C1.....	86
Quadro 23. Cenas de interação terapeuta-C1.....	89
Quadro 24. Excerto mescla da sexta cena-C1.....	90

Quadro 25. Fragmento de transcrição da primeira cena-C2.....	93
Quadro 26. Cenas de interação terapeuta-C2.....	94
Quadro 27. Excerto mescla da segunda cena-C2.....	95
Quadro 28. Fragmento de transcrição da segunda cena-C2.....	96
Quadro 29. Cenas de interação terapeuta-C2.....	98
Quadro 30. Excerto mescla da segunda cena-C2.....	99
Quadro 31. Fragmento de transcrição da terceira cena-C2.....	102
Quadro 32. Cenas de interação terapeuta-C2.....	103
Quadro 33. Excerto mescla da terceira cena-C2.....	104
Quadro 34. Fragmento de transcrição da quarta cena-C2.....	105
Quadro 35. Cenas de interação terapeuta-C2.....	106
Quadro 36. Excerto mescla da quarta cena-C2... ..	106
Quadro 37. Fragmento de transcrição da quinta cena-C2.....	108
Quadro 38. Cenas de interação terapeuta-C2.....	110
Quadro 39. Excerto mescla da quinta cena-C2.....	111
Quadro 40. Fragmento de transcrição da sexta cena -C2.....	112
Quadro 41. Cenas de interação terapeuta-C2.....	113
Quadro 42. Excerto mescla da sexta cena-C2.....	114

LISTA DE TABELAS

Tabela 1. Quantificação e definição das produções de C1 na primeira sessão	57
Tabela 2. Quantificação e definição das produções de C1 na segunda sessão.....	70
Tabela. 3 Quantificação e definição das produções de C1 na terceira sessão.....	80
Tabela 4. Quantificação e definição das produções de C2 na primeira sessão.....	91
Tabela 5. Quantificação e definição das produções de C2 na segunda sessão.....	101
Tabela 6. Quantificação e definição das produções de C1 na primeira sessão	107
Tabela 7. Gestos emblemáticos de E1 em cenas de interação com C1.....	119
Tabela 8. Gestos emblemáticos de E2 em cenas de interação com C1.....	120
Tabela 9. Gestos emblemáticos de E1 em cenas de interação com C2.....	121
Tabela 10. Gestos emblemáticos de E2 em cenas de interação com C2.....	122
Tabela 11. C1 em contextos de Atenção Conjunta	124
Tabela 12. C2 em contextos de Atenção Conjunta	125

LISTA DE ABREVIATURAS

C1.	1ª Criança Pesquisada
C2.	2ª Criança pesquisada
CAPES	Coordenação de aperfeiçoamento de Pessoal de Nível superior
DT	Desenvolvimento típico
E1.	1ª Estagiária
E2.	2ª Estagiária
ELAN	EUDICO Linguistic Annotator
IFPB	Instituto Federal da Paraíba
INC	Enunciado incompreensível
LAFE	Laboratório de Aquisição da Fala e da Escrita
PROLING	Programa de Pós-graduação em Linguística
SCIELO	<i>Scientific Electronic Library Online</i>
SD	Síndrome de Down
UFPB	Universidade Federal da Paraíba

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	17
1.PRESSUPOSTOS TEÓRICOS	19
1.1.1 Estudos sobre a linguagem da criança com Síndrome de Down	22
1.2 Gestualidade	27
<i>1.2.1 A relação gesto e fala no contínuo de Kendon e em Aquisição da Linguagem</i>	30
<i>1.2.2. Emblemas</i>	34
<i>1.2.3. Gesto de apontar</i>	35
1.3 Atenção conjunta	42
1.4. O contínuo prosódico-vocal infantil	45
2. ASPECTOS METODOLÓGICOS	50
2.1 Definição dos sujeitos	50
2.2 Descrição das crianças	53
2.3 Procedimentos da coleta de dados	56
2.4 Procedimentos das análises dos dados	56
3. ANÁLISE DA PRODUÇÃO GESTO-VOCAL	57
3.1 Análise das produções multimodais de C1	58
3.2 Análise das produções multimodais de C2	92
3.3 Análises gerais das produções multimodais de C1 e de C2	116
3.4. Análise da tipologia emblema-gestual das terapeutas	118
3.5 Análise das cenas de Atenção Conjunta das crianças	123
CONSIDERAÇÕES FINAIS	128
REFERÊNCIAS	131

INTRODUÇÃO

Os estudos em aquisição da linguagem mais recentes apontam para uma multimodalidade linguística na relação gesto e fala em crianças com o desenvolvimento típico. Em crianças com Síndrome de Down (SD), os estudos sobre a linguagem e cognição enfatizam que a aquisição é um processo diferenciado e considerado mais lento no que se refere à expressão comunicativa por meio da fala.

Inicialmente, crianças com SD privilegiam o uso desses movimentos corporais nas interações, uma vez que apresentam dificuldades no momento da produção de enunciados (ANDRADE, 2006). Nesta pesquisa, temos como foco um estudo sob uma perspectiva multimodal do processo de construção dos gestos emblemáticos (produções gestuais determinadas culturalmente, tais como o uso em nossa cultura do apontar, do acenar, o menear a cabeça, etc.) produzidos por duas crianças com Síndrome de Down, em sessão fonoaudiológica.

Os gestos são movimentos corporais realizados com os braços, a cabeça e o corpo. Definindo o termo “gesto”, McNeill (2000) afirma que esses movimentos corporais devem ser nomeados de *gestos*, no plural, ou seja, há momentos em que devemos diferenciar esses movimentos. O autor apresenta um contínuo gestual elaborado por Kendon (1982), apresentando a gesticulação, emblemas, pantomimas, e línguas de sinais relacionados à fala. Nele, emblemas estão definidos enquanto produções marcadas culturalmente, que podem variar de acordo com cada cultura, sendo parcialmente convencionais. São formas de gestos emblemáticos o “ok”, o movimento manual de despedida “tchau”, o apontar, na cultura brasileira.

Na produção dos emblemas, de acordo com Kendon (1982), há a presença de algumas propriedades linguísticas, morfológicas, sintáticas e fonéticas. Scarpa (2009) salienta que as holófrases são os primeiros enunciados de entrada da criança (como o pedido de água, apontando com o dedo indicador no momento de produção do enunciado “aba” e que emergem atreladas aos gestos, como os gestos de apontar, vistos por Kendon (2000) como um gesto convencional e culturalmente marcado.

Diante disso, estudos recentes como o de Lima (2015) ao investigar o processo de construção dos gestos (gesticulação, emblemas e pantomimas) e a relação com os aspectos da

linguagem oral (prosódia e produções vocais), produzidos pela criança e terapeuta com SD no contexto clínico, observam que a criança com SD produz uma variedade de gestos, mas que os gestos emblemáticos são os mais evidentes no processo de interação terapeuta-criança.

Neste sentido, a presente pesquisa que está vinculada ao grupo de pesquisa do Laboratório de Aquisição da Fala e da Escrita (LAFE), objetiva investigar o processo de construção de emblemas produzidos por duas crianças com SD, no intuito de investigar os gestos mais evidentes e a construção da multimodalidade desses dois irmãos, em cenas de atenção conjunta com as terapeutas. Refletimos, ainda, sobre a produção dos emblemas de duas estagiárias de Fonoaudiologia no atendimento clínico, isto é, gestos que são dirigidos às crianças durante as trocas interativas, uma vez que se encontram em um espaço dialógico, em situações lúdicas, contextos que são utilizados na clínica visando provocar a interação.

Partimos da hipótese de que há uma diversidade de gestos emblemáticos produzidos pelas crianças com Síndrome de Down e, que essas produções dão sustentação às produções vocais (balbucio, holófrase, jargões e blocos de enunciados) e às trocas interativas, de modo a contribuir no processo de aquisição da linguagem.

Esperamos que este trabalho possa contribuir com os estudos em Aquisição da linguagem da criança com SD, e além disso, expandir a perspectiva multimodal da linguagem para o contexto clínico, caracterizando as produções linguísticas mais efetivas nos contextos interativos e os fins específicos dessas produções.

O objetivo geral que norteia esta pesquisa é analisar a relação entre os gestos emblemáticos e as produções vocais de duas crianças com Síndrome de Down em contexto clínico. Neste sentido, os objetivos específicos são : buscar mapear as produções gestuais e das produções vocais nas sessões terapêuticas; verificar a tipologia emblemática e a tipologia vocal (balbucio, jargão, holófrases e blocos de enunciados) das crianças e estagiárias nos contextos interativos; analisar as cenas de Atenção Conjunta durante os atendimentos clínicos e compreender como se dá a interação entre sujeitos com SD e terapeutas durante o processo de aquisição da linguagem.

O presente trabalho é constituído por quatro capítulos. No primeiro capítulo temos a fundamentação teórica e a revisão da literatura com as características gerais e da linguagem em Síndrome de Down, seguido de tópicos sobre a Multimodalidade da língua, que abrange a gestualidade, os emblemas, a produção vocal e a Atenção conjunta. No segundo capítulo descrevemos a metodologia adotada durante o processo de construção da pesquisa. No terceiro

capítulo apresentamos os resultados advindos das análises obtidas no estudo. E por fim, expomos nossas considerações finais acerca da pesquisa.

1.PRESSUPOSTOS TEÓRICOS

1.1Aspectos gerais da Síndrome de Down

A Síndrome de Down emerge em decorrência de uma alteração no cromossomo 21. É classificada como uma alteração genética que acomete a criança mesmo antes do seu nascimento. De acordo com Mustacchi (2009), a síndrome de Down teve a sua descrição por John Langdon Down, em 1986, um médico que tratava de crianças com transtornos mentais. No decorrer do tempo, os estudos de Jérôme Lejeune deram um grande salto para o que até então era chamando do mongolismo, pois se verificou que determinadas crianças tinham um cromossomo adicional, diferentemente de outras crianças, o cromossomo 21.

O ser humano possui 46 cromossomos, neles estão o núcleo das células que contêm as informações genéticas, assim, a Síndrome de Down é originada por uma trissomia, ou seja, um terceiro elemento no cromossomo 21 e nas células presentes no organismo. Neste sentido, de acordo com Stray-Gundersen (2007), há três tipos de anomalias cromossômicas: A trissomia simples, a translocação e o mosaicismo.

- A trissomia simples do cromossomo 21 ocorre a partir de um erro na divisão cromossômica resultando “em um zigoto que tem três cromossomos 21, em vez de dois. Quando o embrião recém-iniciado começa a crescer, por divisão e duplicação, o cromossomo extra também é copiado e transmitido a cada nova célula. A consequência é que todas as células contêm esse cromossomo *21 extra*” (p. 23).

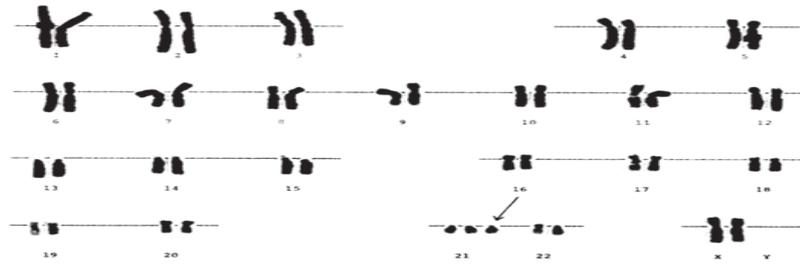


Figura 1: Trissomia do cromossomo 21 por não-disjunção

Fonte: (STRAY-GUNDERSEN, 2014 p.23)

- Na Translocação, diferentemente do que ocorre na trissomia simples é observado que “há três cópias do cromossomo 21. Entretanto, o cromossomo extra está conectado a outro cromossomo, geralmente o cromossomo 14, ou a outro cromossomo 21 (p.23).

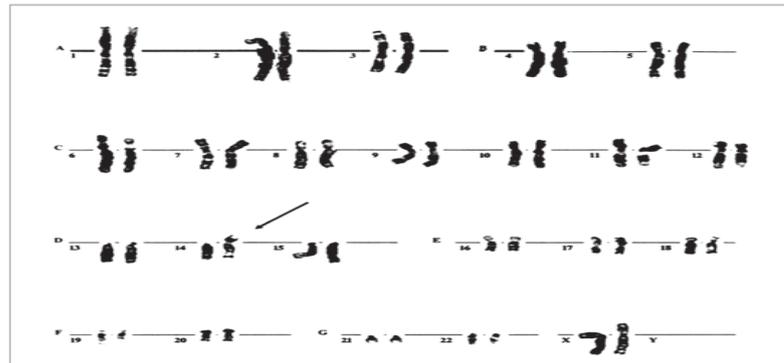


Figura 2: Trissomia do cromossomo 21 por Translocação

Fonte: (STRAY-GUNDERSEN, 2014 p.23)

- No Mosaicismo “ocorre uma divisão celular imperfeita, em uma das primeiras divisões celulares após a fertilização” (p. 25). Neste caso, as células não são afetadas de forma completa, algumas ficam com 47 cromossomos e outras com 46 cromossomos.

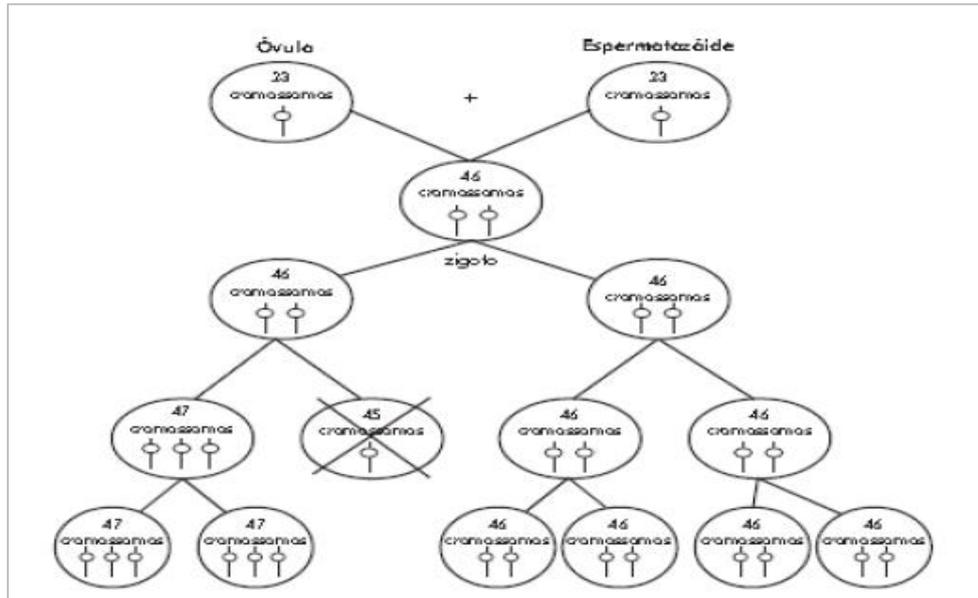


Figura 3: Trissomia no cromossomo 21 por Mosaïcismo

Fonte: (STRAY-GUNDERSEN, 2014 p.25)

A Trissomia Simples do cromossomo 21 é predominante, ocorre em 96% dos casos em pessoas com Síndrome de Down. Os casos existentes por meio da translocação abrangem cerca de (3,0-3,5), e o mosaïcismo, caso mais raro, têm (0,5 -1,0) de ocorrências (BURONI,1999). Os dados quantitativos apontam que no Brasil nascem cerca de 8 mil crianças com Síndrome de Down por ano (FRASÃO,2007).

Mustacchi (2009), em seus estudos, aponta algumas características clínicas típicas das pessoas com síndrome de Down, salientado que estes são aspectos que os diferenciam das pessoas que não tem essa alteração genética. São eles: pessoa que tem a face com semelhança a oriental e ocorre uma redução na força muscular- hipotonia (o abaixamento do tônus muscular é responsável por afetar os músculos do corpo). As vias respiratórias são afetadas, e bronquites asmáticas são comumente diagnosticadas nesses sujeitos, o que se dá devido à inflamação nas células dos brônquios.

A face dos indivíduos com Síndrome de Down tem características específicas. O desenho do olho tem a chamada prega epicântica, uma dobra na pele e um afastamento nos olhos. Há, ainda, aspectos físicos marcantes nas pessoas com Síndrome de Down, como o desenho da boca, em que o lábio superior é baixo e o inferior é em formato horizontal e reto, e ainda o pescoço mais curto (MUSTACCHI, 2009; STRAY-GUNDERSEN, 2007).

A pessoa com Síndrome de Down pode sofrer complicações auditivas. A perda da audição ocorre em alguns casos devido ao estreitamento das vias auditivas. Carrico e colaboradores (2014) em um estudo avaliativo com 15 crianças observou através de audiometria convencional e de altas frequências que a maioria das crianças apresentavam perdas auditivas em uma ou nas duas vias, principalmente perdas auditivas de grau leve.

Em relação às complicações cardiológicas, de acordo com Trevisan e colaboradores (2014), entre as síndromes que apresentam cardiopatia congênita, destaca-se a Síndrome de Down, o que acarreta em má formações extracardíacas, gerando um risco de morte e cirúrgico considerável aos pacientes. Problemas cardíacos afetam cerca de 50% dos sujeitos com SD (MUSTACCHI, 2009).

Atividades envolvendo raciocínio lógico são desempenhadas lentamente por crianças com SD. A doença mental é uma das marcas de alguns sujeitos, atuando como dificulto na aprendizagem e no desenvolvimento. No caso do cromossomo extra, como ocorre na Síndrome de Down, tanto o tamanho quanto a estrutura do encéfalo sofre alterações, o que pode ocasionar um atraso ou deficiência mental (SILVA; DENNSEN, 2002; STRAY-GUNDERSEN, 2007).

A Síndrome de Down pode, ainda, comprometer a criança cognitivamente, acarretando em um atraso na aprendizagem e no conhecimento. Segundo Frazão (2007), há dificuldades por parte dessas crianças em compreender conceitos como passado e futuro, ou seja, noções abstratas são mais difíceis de serem compreendidas, pois o processo de desenvolvimento do lado simbólico é mais lento. Para a referida autora, o sentido é uma via de aprendizagem mais fácil e a estimulação é crucial para um melhor desempenho dessas funções.

Diante dessas considerações acerca dos aspectos gerais da Síndrome de Down, faz-se necessário enfatizar algumas pesquisas sobre o processo de construção linguística dessas crianças. Desse modo, discutiremos a seguir as questões sobre a linguagem.

1.1.1 Estudos sobre a linguagem da criança com Síndrome de Down

Em crianças com Síndrome de Down a aquisição da linguagem é considerada mais lenta em relação às crianças com desenvolvimento típico, principalmente no que tange à linguagem oral, que é bastante comprometida se comparada às produções vocais de crianças sem Síndrome

de Down (ANDRADE; LIMONGI, 2007; SILVA; DESSEN, 2002; FERREIRA ; LAMÔNICA, 2012).

No que tange à linguagem, Mustacchi (2009) considera que essas crianças têm maior dificuldade em produção do que compreensão da fala, salientando que há uma lentidão na produção de palavras, considerando que por volta dos 20 a 24 meses surgem as simples e as primeiras palavras com sentido referencial e a estrutura frasal surge por volta dos 3 a 4 anos.

O processo de aquisição e da organização das sentenças gramaticais é considerado vagaroso, e a fala é muitas vezes ininteligível. “A linguagem é tida como a área mais atrasada da criança com SD, uma vez que o desenvolvimento fonológico, de vocabulário e de sintaxe é lento e difícil” (MUSTACCHI, 2009, p. 77).

Lima (2015), em revisão bibliográfica de estudos realizados nacionalmente sobre a aquisição da linguagem de crianças com Síndrome de Down a partir de 2000, utilizando os descritores “Síndrome de Down” e “linguagem” nas bases Lilacs, SciELO, Periódicos da CAPES, conclui que:

Pesquisas em aquisição da linguagem da criança com Síndrome de Down

- A Síndrome de Down é um assunto pouco estudado, pois, quantitativamente, de 69 artigos apenas 12 abordavam a temática;
- Há mais abordagens do tema em Fonoaudiologia, no total de 8 artigos, restando dois artigos em Psicologia e mais 2 em Educação;
- Quando se trata da temática em questão, há uma escassez em Linguística de estudos indexados nos periódicos;
- Há um consenso nas publicações de que a criança com Síndrome de Down tem um desenvolvimento mais lento da linguagem;
- As pesquisas mostram que a criança com síndrome de Down tem preferência na utilização dos gestos na interação;
- Poucos estudos foram realizados envolvendo a intervenção fonoaudiológica.

Fonte: Conforme LIMA(2015)

Diante do levantamento desse panorama de estudos em Aquisição da linguagem na Síndrome de Down, Lima (2015) considera que seriam relevantes mais estudos envolvendo essa temática, pois funcionariam como subsídios para orientar os profissionais, familiares e educadores de crianças com Síndrome de Down. Em contexto clínico, o referido autor analisa o processo de construção da matriz linguística (emblemas, pantomimas, gesticulação e voz) em cenas de atenção conjunta de duas terapeutas e uma criança dos 18 meses aos 21 meses de idade. O pesquisador observa que a criança, inicialmente, interage de forma mais evidente através da produção gestual, mas, ao longo da pesquisa, apresenta uma maior desenvoltura nas produções verbais. As produções verbais mais evidentes foram o balbucio, e no que tange aos gestos, há uma prevalência dos gestos emblemáticos, por parte da criança, principalmente do gesto de apontar, referenciando objetos.

No que se refere à produção dos gestos, Andrade (2006) aponta para estudos que enfatizam que as crianças com SD, inicialmente, privilegiam o tal uso nas interações, uma vez que apresentam dificuldades no momento da produção de enunciados. Elas podem usar a comunicação gestual atrelada à produção vocal.

Andrade (2006) ao estudar o uso dos gestos produzidos por crianças com SD:

- Quantifica e qualifica em representativos (gestos convencionais e gestos simbólicos) e dêiticos (gestos de referência).
- Busca compreender sua concomitância com as classes gramaticais: substantivos, advérbios, adjetivos, numeral, etc;
- Os resultados deste estudo apontam para o fato de que há uma simultaneidade da linguagem oral à comunicação gestual em todos os sujeitos da pesquisa.

Outro estudo realizado tendo como cerne a Síndrome de Down foi desenvolvido através da pesquisa de Castro, Panhoca e Zanolli (2011), com o objetivo de observar e realizar uma análise da interação entre duas crianças com SD e o autismo em contextos lúdicos. Neste contexto, observa-se a comunicação verbal e não-verbal em contações de "historinhas de faz-de-conta". O resultado da pesquisa aponta para o fato de que o desenvolvimento qualitativo das crianças foi melhor apresentado nos momentos interativos entre elas duas, ou elas e o terapeuta. O interesse da criança em se comunicar se deu por meio da linguagem não-verbal, seguindo da introdução da linguagem verbal; esta última ocorreu apenas em uma das duas crianças.

Castro, Panhoca e Zanoli (2011) consideram que um ambiente lúdico, formado por brincadeiras de faz-de-conta foi de suma importância para a interação das crianças com o outro, e entre si, e que as formas gestuais também foram utilizadas na interação, pois os sujeitos com síndrome de Down, em decorrência do autismo, apresentavam dificuldades na interação, na linguagem e no comportamento. Em contrapartida mostram que “mesmo crianças que apresentam um déficit de caráter biológico determinado por uma síndrome, no caso a síndrome de Down, podem apresentar bom desenvolvimento cognitivo se oportunidades forem dadas a elas para que possam superar suas dificuldades” (CASTRO; PANHOCA; ZANOLI, 2011, p 737).

Silva e Salomão (2002) realizaram uma pesquisa comparativa com o foco nas interações verbais e não verbais entre crianças com e sem Síndrome de Down e suas mães, em situações naturais. O estudo consistia na observação da comunicação entre doze díades (seis díades com Síndrome de Down dos 18 aos 24 meses e mais seis díades com desenvolvimento típico dos 12 aos 14 meses).

Partindo de uma perspectiva interacional da linguagem, as estudiosas fundamentam o trabalho mostrando a relevância da interação social para a construção dos significados entre a díade mãe-bebê. Neste sentido, os resultados da pesquisa mostraram que as mães das crianças com Síndrome de Down se comunicaram com as crianças por meio da linguagem não verbal em comparação com as mães das crianças com desenvolvimento típico.

Em relação à comunicação não-verbal infantil, as autoras observaram que nos dois grupos (crianças com SD e crianças com DT) não houve diferenças na forma de interação, o que é justificado pelas autoras, uma vez que, todas as crianças do estudo estavam em fase de aquisição da linguagem, sendo, portanto, natural que a linguagem não-verbal se torne mais evidente nesse período.

Acerca da linguagem verbal, é observado pelas autoras que as crianças com Síndrome de Down respondiam menos aos questionamentos maternos, se comparado aos dados referentes às crianças com desenvolvimento típico. As pesquisadoras consideram que foi relevante para esse fato, tanto a dificuldade de expressão verbal das crianças com SD, quanto a forma de interação mãe-bebê.

Observando o modo de construção da oralidade infantil na SD, em contextos de interação terapeuta- criança, em uma clínica de atendimento fonoaudiológico, Maldaner e

Massi (2010) realizaram um estudo de caso, com base na perspectiva Sóciointeracionista, os autores, mapearam os diálogos de uma criança em fase de aquisição da linguagem, e concluíram que, no acompanhamento longitudinal, metodologicamente desenvolvido no estudo, a criança, a princípio, apresentava uma relação de dependência do adulto, porém, ao longo da pesquisa, a criança avançava no que diz respeito à construção do discurso, ou seja, nas tomadas de turno, nas produções de sentenças, e nas formulações de questionamentos e negações.

Porto-Cunha e Limongi (2008) observaram as formas comunicativas da criança com SD em contextos de comunicação com adultos. Participaram do estudo 28 crianças. Os pesquisadores levaram em consideração os gestos, a fala em contextos lúdicos com o terapeuta, e trocas interativas lúdicas com o responsável incumbido de cuidar das crianças.

Os resultados desta pesquisa mostram que as crianças utilizaram a linguagem verbal para se comunicar com o cuidador e as produções gestuais para interagir com o terapeuta; na ausência ou no pouco índice de comunicação por meio da verbalização, as crianças interagem com os adultos via gestual ou gestual e verbal, mas a comunicação era sempre efetivada com a utilização de gestos.

Podemos observar que quando se trata de analisar a linguagem da criança com Síndrome de Down há sempre uma dissociação entre o que é produção vocal e o que é produção gestual, ou seja, a linguagem é sempre observada enquanto duas instâncias, ou o gesto ocupa a posição da produção oral ou vice-versa, ou em determinadas situações comunicativas há uma evidência do gesto ou da produção vocal em contextos de interação.

Diante do exposto, observa-se que há estudos sobre a linguagem das crianças com Síndrome de Down sob diversos olhares e perspectivas, sejam em atendimento clínico voltados à uma prática fonoaudiológica, ou no ramo da Psicologia relacionando ao desenvolvimento infantil. Observa-se, ainda, a escassez de estudos sobre gestos emblemáticos enquanto uma construção multimodal por esses sujeitos, e que há apenas estudos mais voltados aos gestos dêiticos de uma forma mais abrangente, sem relacionar às primeiras produções vocais infantis.

Finalizando, é necessário tornar evidente que o foco da pesquisa é buscar analisar a linguagem (emblema e produção vocal) enquanto instância multimodal, essa perspectiva está fundamentada na multimodalidade da língua McNeill (1985, 2000), em que gesto e produção vocal estão interligados no momento de produção.

Portanto, vale salientar que ao investigar os emblemas na aquisição da linguagem das crianças com SD, buscamos olhar a linguagem enquanto junção de produção vocal, olhar e gesto, para assim identificar e analisar a construção da tipologia emblemática construída em contextos lúdicos e interativos por esses sujeitos.

Partindo dessas considerações a respeito da linguagem da criança com Síndrome de Down, observa-se ainda que há um consenso no que tange ao atraso ou defasagem da linguagem oral desses sujeitos e, enquanto isso, o processo construção multimodal (gesto e fala integrados numa só matriz linguística) não é evidenciado nos estudos sobre a linguagem em crianças com SD. Diante disso, na próxima sessão discutiremos acerca dos conceitos da linguagem vista enquanto integração gesto-fala, e que um não precede o outro, mas sim, estão pareados enquanto construção linguística.

1.2 Gestualidade

Segundo Kendon (2011), os gestos são relevantes no sentido de que usamos para nos comunicar, saudando ou demonstrando sentimentos, por exemplo, nos relacionamentos com as outras pessoas. Os gestos se configuram enquanto movimentos corporais podendo ser da cabeça e dos braços e pode ser formado semiologicamente por alguns fatores como exprimir ideias, apresentar estruturas gramaticais em línguas de sinais, na apresentação de pantomimas.

Estudiosos como Knapp e Hall (2006) acrescentam que o gesto está ligado ao discurso de variadas formas, podendo substituí-lo, acompanhá-lo, auxiliar no entendimento e na construção do discurso. Os autores nomeiam dois principais grupos de gestos: Os gestos independentes, que são os movimentos que não mantêm relações com a fala, não necessitam de grandes esforços para a sua compreensão, pois estão inseridos de acordo com a cultura da sociedade, indicando até mesmo uma ou duas palavras, como o gesto de apresentar apenas o dedo polegar indicando “legal”; e os gestos ilustradores que são os que acompanham o fluxo da fala.

Kendon (1982) chama a atenção para esses gestos independentes classificados por Knapp e Hall (2006) definindo-os enquanto emblemas, além disso, que são gestos convencionais e variantes, pois têm uma relação de ligação com a cultura daquela comunidade.

Em busca de uma definição para os gestos, McNeill (2000) assegura ser este um termo que necessita ser explanado, uma vez que não temos gesto no singular, mas gestos, dando preferência ao termo no plural; o autor afirma que há vários momentos em que precisamos distinguir tais movimentos. McNeill (1992) considera que não há separação entre o discurso e os gestos, dessa forma aponta para quatro tipos de gestos:

- Gestos icônicos: relacionados às ações ou eventos concretos ou a semântica do discurso, para o entendimento do gesto é necessário que esteja interligado ao discurso;
- Gestos metafóricos: gestos ligados às ações não reais, à um conteúdo imaginário, abstrato;
- Gestos dêiticos: gestos que referenciam eventos, posições, pessoas, objetos.

São gestos dêiticos, de acordo com McNeill (1992), grande parcela de gestos emblemáticos, e os emblemas diferem da gesticulação, pois enquanto os gestos emblemáticos são codificados, como o levantamento do dedo polegar e o abaixamento dos demais dedos, indicando positividade, com a gesticulação ocorre uma idiosincrasia com a fala, sendo, portanto, gestos que podem ocorrer de forma momentânea sem relação com o significado do discurso.

Acerca dos gestos emblemáticos, Ivison e Goldean-Menandow (2005) os caracterizam enquanto gestos convencionalizados, partilhando da concepção de McNeill (1992) no que tange à produção dos gestos dêiticos enquanto inseridos na tipologia emblemática.

McNeill (1985) apresenta um contínuo composto por gestos elaborado por Kendon (1982), denominado “contínuo de Kendon”. Encontram-se inseridos nesse contínuo, os integrantes do conjunto gesticulatório, dentre eles estão: a gesticulação; a pantomima; os emblemas; a(s) língua(s) de sinais.

Kendon (1982) organiza seu contínuo a partir de quatro relações estabelecidas entre gesto e fala: relação com a produção de fala (1); relação com as propriedades linguísticas (2); relação com as convenções (3), relação com o caráter semiótico (4), conforme o quadro a seguir:

	Gesticulação	Pantomima	Emblemáticos	Língua de sinais
Contínuo 1	Presença obrigatória de fala	Ausência de fala	Presença opcional de fala	Ausência de fala
Contínuo 2	Ausência de propriedades lingüísticas	Ausência de propriedades lingüísticas	Presença de algumas propriedades lingüísticas	Presença de propriedades lingüísticas
Contínuo 3	Não convencional	Não convencional	Parcialmente convencional	Totalmente convencional
Contínuo 4	Global e sintética	Global e analítica	Segmentada e analítica	Segmentada e analítica

Extraído de McNeill (2000, p.5)

No contínuo de Kendon (1982) observamos que a relação entre o gesto e a presença da fala, na sequência definida pelo autor vai se estreitando, pois se analisarmos os tipos de gestos dentro dos contínuos da esquerda para a direita (Gesticulação – Pantomimas– Emblemáticos - Língua de Sinais), compreendemos que: a presença obrigatória de fala diminui; a presença de propriedades linguísticas aumenta; os gestos individuais são substituídos por aqueles socialmente regulados (CAVALCANTE 2012, p.10).

Ávila-Nobrega e Cavalcante (2012) ao estudar os gestos componentes do *continuum* de Kendon (1982) apresentam e aclaram as características dos gestos propostas pelo autor. O primeiro *continuum* se refere à presença obrigatória da fala, ou seja o gesto pode vir de forma simultânea à fala ou não simultânea à fala.

No segundo *continuum*, notamos que as propriedades linguísticas podem ser significações morfológicas, fonéticas e sintáticas presentes no momento da execução de algum gesto, caso seja obrigatória a presença dessas propriedades (ÁVILA-NOBREGA; CAVALCANTE, 2011, p.6).

O terceiro *continuum* se refere ao relacionamento com as convenções, ou seja, é convencional o gesto presente na cultura de um povo, os emblemas são convencionais, as pantomimas variam de acordo com cada indivíduo.

O quarto e último modelo apresenta o caráter semiótico dos gestos, a pantomima, por exemplo é considerada global e analítica, pois se dá de forma geral e não é específica simbolicamente.

O continuum de Kendon (1982) parte de uma proposta voltada às produções gestuais adultas. Em aquisição da linguagem é relevante observar como se dá a construção de um contínuo que envolva produções gestuais e produções vocais, assim como o papel que ambos desempenham quando produzidos no período da aquisição da linguagem.

1.2.1 A relação gesto e fala no contínuo de Kendon e em Aquisição da Linguagem

Várias discussões e estudos foram elaborados envolvendo a multimodalidade em aquisição da linguagem sob um olhar interacionista (CAVALCANTE, 1994; ÁVILA-NÓBREGA, 2010; CAVALCANTE; BRANDÃO, 2012). Tais investigações em aquisição da linguagem enfocam os aspectos multimodais da linguagem: gesto, olhar, prosódia e fala em contextos interativos diádicos, apresentam considerações acerca da aquisição da linguagem infantil, principalmente no que diz respeito à noção de que o gesto não é responsável por reservar o lugar para a fala, mas atua como co-participante da matriz da linguagem.

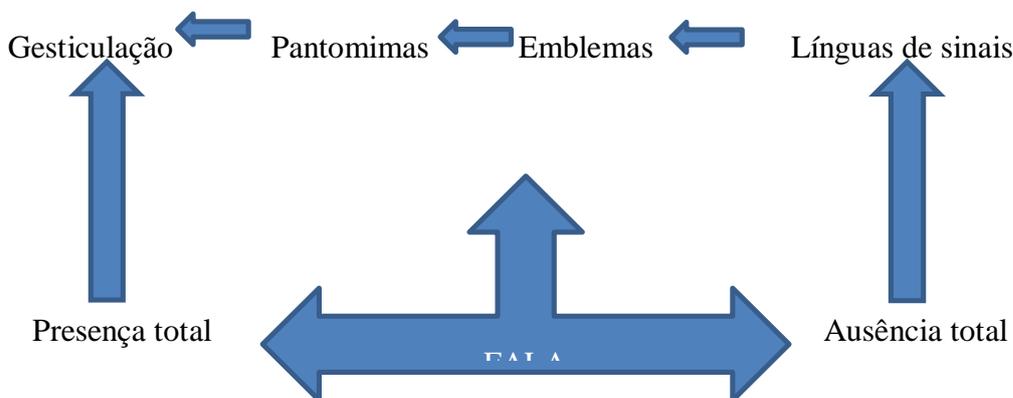
Os conceitos de que gesto e fala formam um conjunto indissociável, e a noção de que são integrantes da mesma matriz de significação se baseiam na concepção de que o funcionamento da língua é sempre multimodal (MCNEILL, 1985), ou seja, os enunciados

surtem concomitantemente com diversos gestos e não de forma isolada. Essa perspectiva se opõe a estudos que não se preocupavam em estudar a língua sob um olhar multimodal.

A junção gesto e fala permite que os significados sejam alcançados nas conversas, ambos estão juntos em um único plano global (KENDON, 2000). Os gestos são utilizados para a comunicação, a interação e são essenciais ao ato de comunicar não podendo dissociar-se da fala (MCNEILL, 1992). São esses alguns dos pressupostos que norteiam a concepção multimodal da língua, em que fala e gesto estão integrados, inseparáveis em uma matriz linguística.

Para Kendon (1982), a gesticulação envolve obrigatoriamente o fluxo de fala e são movimentos cuja propriedades linguísticas estão ausentes; sua principal função é acompanhar o discurso dos falantes. As pantomimas, diferentemente da gesticulação são simulações de ações do dia-a-dia, mantendo uma relação de não obrigatoriedade com a fala. Os emblemas são gestos determinados culturalmente, podendo ser acompanhado ou dissociado da produção vocal, enquanto que as línguas de sinais têm todas os atributos de uma língua de determinadas sociedades.

Figura 4: Produções Multimodais



Fonte: Conforme McNeill (2005)

McNeill (1982) considera a relevância de duas formas expressivas: a ação, representada pelo gesto e a fala representada pelo material linguístico. O gesto estaria associado a outros elementos, os chamados recursos multimodais como a postura corporal, o direcionamento do olhar, a prosódia, etc.

No contínuo de Kendon estão inseridos os componentes do contínuo gestual. Em Aquisição da linguagem, o aparato gestual relacionado à produção vocal têm características voltadas ao processo de construção linguística multimodal, assim descritas:

Quadro 1: Gestos em Aquisição da linguagem

GESTOS EM AQUISIÇÃO DA LINGUAGEM	
Gesticulação	Tipo de gesto que está atrelado ao fluxo da fala, ou seja, na medida em que o falante desempenha a gesticulação, a fala ocorre de forma simultânea (KENDON, 1982). Nos meses iniciais de vida da criança, a gesticulação ocorre atrelada à produção vocal, juntamente aos movimentos braçais, cabeça, postura corporal e pernas, demonstrando marcas da comunidade de fala e traços do estilo pessoal de cada indivíduo (SILVA, 2011).
Pantomimas	As pantomimas são simulações de ações cotidianas, emergem exclusivamente com a ausência da oralidade em sua produção (KENDON, 1982). Na aquisição da linguagem pantomima é um gesto que se desenvolve especialmente dentro de contextos lúdicos, nos quais a mãe interage com o bebê através de brincadeiras e objetos (CAVALCANTE, 2009). As pesquisas recentes apontam para a multimodalidade presente na produção das pantomimas, uma vez que estes gestos também ocorrem atrelados à produção vocal, especialmente às holófrases e blocos de enunciados.
Emblemas	Determinados culturalmente (são convencionais) tais como o uso em nossa cultura, por exemplo, do gesto que envolve

	a mão fechada e polegar levantado significando aprovação e o gesto de balançar a mão para se despedir de alguém. (CAVALCANTE, 2009).
--	--

O quadro acima expõe alguns componentes gestuais que estão presentes durante o processo de aquisição da linguagem. Ávila-Nóbrega (2010) ressalta que os gestos do contínuo de Kendon aparecem na primeira infância e estão integrados em um “envelope multimodal” em que a produção gestual está intrinsecamente ligada às outras modalidades como olhar, produção vocal, prosódia, etc.

No estudo, o autor investigou a simultaneidade da ocorrência dos gestos e da fala adotando a perspectiva da multimodalidade da língua proposta por McNeill(1985) e a relação com o olhar, a atenção de verificação, a atenção direta e a atenção de acompanhamento propostas por Tomasello (2003), visando mostrar tais aspectos em díades, dupla mãe-bebê, dos 07 aos 17 meses, ou seja, em fase de aquisição da linguagem.

Constatou-se que há de comum em todas as análises realizadas uma mescla dos gestos emblemáticos, pantomímicos e da gesticulação em cenas de interação, corroborando com a perspectiva multimodal em pesquisas com crianças.

Um outro estudo longitudinal sobre o papel dos gestos para a emergência da linguagem foi realizado por Bates, Camaioni e Volterra (1975), com crianças de 2, 6 e 12 meses. Foram observados que as crianças produziam dois tipos específicos de gestos de apontar: os *protodeclarativos*, que ocorriam nos momentos em que as crianças utilizavam objetos apontando, mostrando para chamar a atenção dos adultos, e os *protoimperativos* executados em tentativas de pedir determinados objetos.

Diante disso, durante o período aquisicional, a criança produz uma variedade de gestos emblemáticos, de gesticulação e de pantomimas; um gesto pode aparecer de forma aproximada ao outro, levando-nos a considerar que se trata de um contínuo gestual, ou seja, em determinada situação interativa a criança pode realizar, uma sequência diversificada de gestos, o que mostra que não são estanques.

Os emblemas são considerados uns dos primeiros gestos privilegiados pela criança no período de aquisição da linguagem, seu uso é saliente principalmente no ato de apontar para referenciar objetos, pessoas e situações abstratas, como veremos no próximo tópico.

1.2.2. Emblemas

Os gestos são partes integrantes da comunicação humana, estão inseridos nas relações interpessoais de diversas formas, em diferentes culturas. O gesto está relacionado ao estilo do indivíduo, cada pessoa ao produzir um gesto traz à baila a sua cultura, sua etnia (DAVIS, 1979, p.97).

Davis (1979) considera que os emblemas são gestos culturais, neste sentido, existe um repertório de gestos em cada cultura. A autora apresenta um estudo realizado por Paul Ekman, um dos precursores dos estudos gestuais, que mostra a existência entre dez e vinte emblemas universais no Japão, na Argentina e Nova Guiné, concluindo que mesmo em culturas diferentes há gestos que são executados transmitindo a mesma mensagem. A referida autora acrescenta que o pesquisador considera que em outras culturas os emblemas podem ser inexistentes, mas se houver um gesto relacionado às frases ou palavras encontradas pelo pesquisador, serão as palavras que foram investigadas na pesquisa.

Os emblemas também podem ser enfatizados pela face, como o sorriso para indicar felicidade, e o abaixamento da mandíbula indicado a ação da surpresa, assim, os emblemas estão associados à expressão facial na interação. Além disso, podem ser vistos em diversas culturas, variando de acordo com as ocasiões e lugares, como o gesto de fazer um círculo com o dedo polegar e com o dedo indicador que para os norte-americanos indicam a expressão “ok” e em outras culturas tem o sentido de órgão genital, assim, culturas diferentes usam o mesmo gesto, mas com significados diferentes (DAVIS, 1979).

A respeito desse gesto realizado com a junção do dedo polegar e o dedo indicador, Kita (2009) reitera que há um significado dominante na maioria das culturas europeias se referindo a “ok/bom” na Irlanda, Grã-Bretanha, Escandinávia, sul e centro de Espanha e sul da Itália, porém, em países como França, Grécia e Turquia, tem o sentido de orifício, parte do corpo, especificamente o ânus.

Kita (2009) concebe os emblemas enquanto gestos culturais, mostrando que há uma opacidade na relação gesto-significado em cultura. Mesmo que a relação gesto e fala seja universal, o uso pode variar de acordo com cada cultura. O autor enfatiza dois fatores responsáveis pela variação dos emblemas. Primeiramente, há uma relação com contato cultural, uma vez que os emblemas podem se expandir em diferentes regiões ao longo do tempo, por outro lado, algumas culturas têm condições físicas propícias para determinados tipos de gestos.

Kendon (2004) em suas pesquisas encontra um grande inventário de emblemas na cidade de Nápoles, na Itália, devido ao espaço físico propício para a comunicação. Uma característica dessa localidade é a junção trabalho e vida pessoal, pois as residências estão inseridas no mesmo ambiente que comércio local, é observado que há uma necessidade de comunicação de forma discreta em meio a agitação comercial, logo os emblemas são utilizados naquela localidade por serem gestos que têm o uso da fala opcional.

Explicando a dialética do gesto e da produção de fala, e estabelecendo uma diferença entre emblemas e gesticulação, McNeill (2002) afirma que a definição de gestos é imprecisa, e foram chamados de gesticulação por Kendon (1982), porém o termo mais adequado para tal é gesto, uma vez que a gesticulação difere dos emblemas. É importante destacar que os emblemas são sinais gestuais codificados, enquanto a gesticulação é criada no momento da fala (MCNEILL, 2002).

Dentre os gestos do contínuo de Kendon, os emblemas se destacam na Síndrome de Down, uma vez que essas crianças têm preferência na produção desses movimentos (LIMONGI, 2006; LIMA, 2015). Destaca-se na tipologia emblemática os gestos de apontar, pois com seu caráter de referenciação, estabelecem relações com objetos nas cenas interativas, conforme apresentaremos a seguir.

1.2.3. Gesto de apontar

A língua é forma de ação social constituída por convenções sociais para atingir fins sociais. Nessa relação com os indivíduos, é evidente o uso de recursos linguísticos para atingir determinados objetivos nos contextos de interação.

A cognição humana permite que os sujeitos realizem ações como nenhuma outra espécie, e o gesto de apontar é uma delas, pois aos 12 meses a criança é capaz de compartilhar

algum objeto por meio desse gesto. Ao apontar, a criança chama a atenção para algum evento ou até mesmo para si própria (TOMASELLO, 2003).

A forma de compartilhar a intenção com os adultos, segundo o referido autor, se apresenta em três módulos nomeados de engajamentos. O primeiro, o engajamento diádico, emerge por volta dos 6 meses, no momento em que a criança inicia a fase de compartilhar ações com os outros indivíduos; O segundo é o engajamento triádico, como a própria nomenclatura apresenta, trata-se de uma tríade, surge a partir dos nove meses, caracterizada por um novo elemento na interação, dessa vez é formado um triângulo referencial, no qual a criança compartilha evento com o adulto; e o terceiro momento é o engajamento colaborativo, que aparece por volta dos 14 meses a criança a criança compartilha eventos com seus co-específicos e planeja ações para alcançar determinados objetivos.

Dos 9 aos 12 meses de vida da criança, Tomasello (2003) enfatiza que há a revolução dos 9 meses, pois o que antes era engajado de forma diádica, dá lugar a uma novo engajamento bebê-objeto-cuidador, assim a intenção é compartilhada de forma triádica. É, ainda, por volta dos 9 meses que os bebês apontam para objetos e seguram para mostrar ao adulto, fazendo com que a atenção do adulto seja direcionada para o objeto intencionalmente compartilhado.

Autores como Werner e Kaplan (1964) concebem o gesto de apontar com uma função cognitiva exclusivamente humana. Neste sentido, ao apontar utilizando o dedo indicador para objetos externos, a criança age cognitivamente, uma vez que experimenta o mundo e interage com o outro diferenciando-o do objeto para qual aponta.

Estudos de Bates, Camaione e Volterra (1987) relacionam os gestos de apontar de forma conjunta à pragmática, envolvendo o estudo gestual à teoria de atos de fala e à dêixis. Atribui-se nessas pesquisas, um olhar dos gestos enquanto transitores da linguagem, vindo antes dos declarativos e imperativos, que são performativos linguísticos. De acordo com essa perspectiva, os gestos de apontar podem ser *protodeclarativos* e *protoimperativos*. Os gestos nomeados de *protodeclarativos* ocorrem quando a criança chama a atenção do adulto apontando para determinado objeto. Os *protoimperativos* acontecem em momentos nos quais criança utiliza o adulto para impetrar algum objeto.

Na concepção sócio-cognitiva de Tomasello (2003), os gestos de apontar podem ser aprendidos pelas crianças por duas formas: de forma ritualizada ou por imitação. Ao usar o dedo indicador para se direcionar obtendo um retorno dos adultos o gesto pode se ritualizar,

enquanto que por imitação ocorre quando a criança observa o adulto apontando e compreende que há algo a ser compartilhado, assim, entende que caso tenha os mesmos objetivos pode usar os mesmos meios para atingi-los e aprende o gesto por imitação dos adultos. O autor considera que aos onze meses a criança compreende que há algo a ser compartilhado através do gesto de apontar. Esse gesto de apontar é utilizado para chamar a atenção de outra pessoa, indicar direções e objetos a outras pessoas (LEGAL, 1979).

O gesto de apontar, principalmente com o uso do dedo indicador, é uma característica somente da espécie humana, os chimpanzés possuem um rico sistema gestual, mas raramente apontam com as mãos e braços como as crianças humanas apontam. O dedo indicador humano é o mais utilizado para apontar, sua anatomia é apropriada para a execução desses gestos (LEGAL,1997; TOMASELLO 2003).

No tocante à produção gestual do apontar nas primeiras interações mãe-bebê, observa-se que é uma construção, uma vez que esse gesto não é um gesto pronto, mas que vai se constituindo no decorrer do período de aquisição da linguagem.

Podemos notar uma evolução na função do gesto de apontar, uma vez que com 9 meses o bebê o utiliza como elemento comunicador, com o seu crescimento o gesto de apontar passa de elemento comunicador para elemento constituinte da comunicação. De forma que, ao utilizar o gesto de apontar ele não vem isolado, e sim acompanhado pela produção vocal que o bebê vai adquirindo com o passar dos meses. (LIMA,2014, p.91)

Objetivando definir de forma mais precisa os gestos de apontar, Cavalcante (1994) elabora uma descrição, mostrando que esses são gestos classificados enquanto emblemáticos, Isto é, se destacam em relação aos outros tipos de gestos, uma vez que suas produções são mais evidentes no início da construção multimodal.

O gesto de apontar se trata de um processo constituinte nas cenas de interação mãe-bebê, dessa forma, a autora nomeia os gestos mais frequentes de apontar em:

Quadro 2. Descrição dos gestos de apontar

Tipos de apontar	
Apontar convencional	Extensão do braço e do dedo indicador em direção ao objeto
Apontar com os dois dedos	Dedo indicador e dedo mediano na posição semifletida
Apontar com três dedos	Indicador, dedo mediano e anelar na posição semifletida
Apontar com a mão toda	Todos os dedos estendidos, com o indicador na posição maior de extensão em direção aos objetos
Apontar semi-estendido	Dedo indicador encontra-se semifletido em direção ao objeto
Apontar exploratório	Dedo indicador tocando no objeto apontado
Apontar com objetos entre os dedos	Função do dedo indicador é trocada pelo objeto que está entre os dedos
Apontar com dois braços para direção opostas	Apenas um dos apontares está direcionado para o objeto

Fonte: CAVALCANTE (1994)

Nos estudos de Cavalcante (1994) a criança utiliza o recurso gestual de apontar como co-construído pela díade, ou seja na dialogia presente nas interações mãe-bebê, em que a mãe ou a criança ao se referir para algum objeto, objetiva dizer algo sobre ele.

Em um estudo envolvendo díade mãe-bebê sobre o gesto de apontar no processo de aquisição da linguagem, Lima (2014) observou que na relação entre o gesto de apontar e as produções vocais, as crianças com a faixa etária de 9 a 12 meses produziam de forma alternada; em contrapartida, as crianças com idade entre 15 e 18 meses apresentavam essas produções de forma concomitante. Na conclusão do estudo foi ressaltado que as crianças com a idade entre 15 a 18 meses produziam os gestos de apontar de forma mais ordenada e precisa, além disso, essas crianças buscavam chamar a atenção do adulto de forma mais eficiente com a produção do gesto de da fala.

Em uma outra pesquisa sobre a construção do gesto de apontar em contextos interativos, Cavalcante(1994) observou a mudança nas ocorrências do gesto de apontar, distinguindo-os em três períodos descritos abaixo:

Quadro 2. Momentos dos gestos de apontar

Momentos	Descrição do gesto de apontar	Outros elementos multimodais
1º	Ocorrências de gestos de apontar, a morfologia do gesto convencional, a criança utiliza o dedo indicador ao apontar.	A produção vocal da criança em é forma de gritos, pois se encontra no início da aquisição da linguagem. O olhar é pouco direcionado ao outro, neste sentido, há poucas trocas comunicativas.
2º	A criança usa as duas mãos ao apontar, assim também como mais de um dedo, ou até mesmo todos os dedos.	As trocas comunicativas são mais frequentes, com a presença da relação produção vocal e resposta direcionada. O olhar já está se direcionando à mãe com uma certa frequência.

3°	O apontar se mostra de forma evidente no modelo convencional.	A produção vocal se aproxima das palavras mais completas e o olhar é ainda mais direcionado.
----	---	--

Fonte: CAVALCANTE (1994)

Observando o quadro anterior, percebe-se a relação entre o gesto de apontar e a produção vocal infantil. Nesse sentido, o gesto de apontar e os elementos como olhar e produção vocal estão efetivamente relacionados em contextos de interação. Nesta perspectiva, o apontar, como vimos, faz parte de um processo constitutivo da linguagem, é um elemento utilizado nas trocas interativas de forma diversificada e expandida pela díade (CAVALCANTE, 2012; LIMA, 2014).

Autores como Bates, O' Connel e Sthore (1987) consideram que o gesto de apontar ocupa um lugar de destaque nas produções infantis para o uso referencial, nesse sentido, a criança privilegia o apontar para fazer referências no contexto físico em que está inserida.

O gesto de apontar se presentifica nas interações mãe-criança como um elemento dêitico de caráter fundamental no estabelecimento da referência linguística, por intermédio dele, a criança estabelece uma interação chamando atenção para um elemento externo à língua, que assume o papel de elemento alvo da interação quando o bebê ainda não consegue se expressar através das produções vocais (LIMA, 2014).

Carmargo e colaboradores (2015) observaram a ocorrência dos gestos em cenas de interação mãe-bebê, em crianças com o desenvolvimento típico, partindo de uma metodologia longitudinal, mapeiam os gestos dêiticos (produções que estão relacionados à referência de objetos ou eventos, como o apontar, estender o braço para oferecer, pedir, mostrar, etc.).

Os referidos autores observam que nas interações sociais mãe-bebê, o gesto de apontar com o dedo é evidente nas sessões observadas a partir dos nove meses de idade da criança. Nesse processo, há uma substituição por parte da criança do gesto dêitico de estender o braço com a mão aberta para alcançar, referenciando algum objeto, e a criança passa a apontar estendendo o braço e um dedo. Essas alterações também foram observadas no comportamento materno.

O gesto de apontar é variante e construído de acordo com a cultura. Segundo Kita (2009) os gestos de apontar e os emblemas expressam conteúdos espaciais, temporais e culturais. Conforme Kendon e Versante (2003), em Napólis, e há formas distintas de apontar:

- a) Apontar com o dedo indicador com a palma na vertical;
- b) Apontar com o dedo indicador com a palma para baixo;
- c) Apontar com a mão aberta com a palma na vertical;
- d) Apontar com o polegar.

Os referidos autores afirmam que o apontar tem relação com o foco de referência. Ao apontar com o dedo indicador e palma da mão para baixo o foco do discurso é distinto de outros objetos, enquanto que apontando através da palma da mão para na posição vertical, indica uma referência que não é o foco da conversa. Nesse caso o uso do apontar difere de acordo com o objetivo dos falantes.

Kita (2009) apresenta outro estudo sobre as diferenças do gesto de apontar realizado por Wilnkins (2003) em uma língua da região da Austrália-Arrentes. Nesta região há alguns tipos de apontar:

- a) Apontar com o dedo indicador;
- b) Apontar com a mão aberta com a palma para baixo;
- c) Apontar com a mão aberta com a palma para a vertical;
- d) Apontar em forma de chifre (polegar, indicador e mindinho estendidos)
- e) Apontar com os lábios;
- f) Apontar com os olhos.

Um exemplo apresentado na discussão se refere à uma relação de indicação, pois ao apontar com a mão aberta e a palma voltada para baixo é indicada a posição de reta em uma rota, e ao apontar com a palma da mão voltada para a vertical indica o ponto final da rota (KITA,2009 p. 148).

No que se refere aos gestos dêiticos produzidos com o dedo e toda a mão, Flabiano-Almeida e Limongi (2010) consideram essas produções gestuais como a primeira manifestação da comunicação com intenções. Inicialmente, a criança apenas mostra o objeto que está em sua mão, em seguida, estende o braço mostrando-o para o adulto, oferece objetos, solicita objetos

próximos ou distantes e aponta para mostrar e pedir. Neste sentido, observamos a abrangência dos gestos dêiticos e a forma como se desenvolvem ao longo do percurso da aquisição da linguagem.

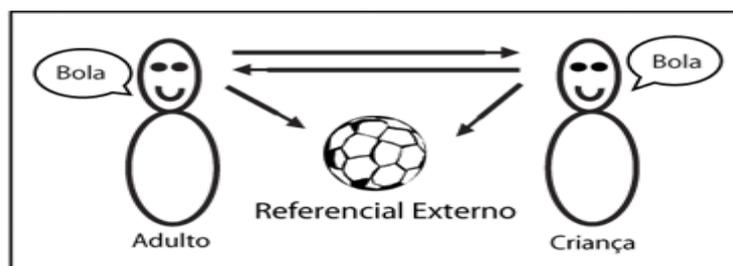
Lima (2015) realizou um estudo sobre os gestos e a produção vocal de uma criança com Síndrome de Down com faixa etária de 18 a 21 meses em atendimento clínico fonoaudiológico com duas terapeutas. O autor constatou que os emblemas como chamar, comer, pegar são gestos mais salientes em cenas de atenção conjunta, assim também como os gestos de apontar.

Nas trocas interativas as crianças e as terapeutas utilizaram emblemas (apontar, pedir, se despedir), pantomimas (beijar), e produções vocais como o balbucios e jargões. Inicialmente, as produções linguísticas não eram privilegiadas pelas crianças, mas no decorrer do estudo observa-se “a emergência de uma maior quantidade e diversidade de produções linguísticas, usadas para diversos fins interacionais, e aumento da participação das cenas de atenção conjunta” (LIMA, 2015. p. 79). Nas cenas de atenção conjunta os olhares são partes fundamentais do processo de construção da aquisição da linguagem.

1.3 Atenção conjunta

O termo atenção conjunta é definido por Tomasello (2003) como interações sociais nas quais a criança e o adulto prestam atenção de forma conjunta a um elemento externalizado por um período de tempo razoável. As cenas de atenção conjunta emergem em relações triádicas aos nove meses, período em que criança começa a compreender os outros como seres intencionais.

Figura 5: A atenção conjunta em interação adulto-criança



Fonte: ÁLLAN E SOUZA (2009)

O esquema acima parte das considerações de Tomasello (2003) acerca dos integrantes das cenas de atenção conjunta, a criança, o referencial externo e o adulto. Para o autor, a atenção conjunta é uma forma de interação social, assim, a criança observa o referencial externo, observa o olhar do adulto para o objeto e percebe que o adulto o observa. A cena de atenção conjunta é formada por objetos e atividades que a criança e o adulto sabem que participam de seu foco de atenção (TOMASELLO,2003).

Por meio da atenção conjunta que pode ser expressa por cada pessoa apontando para a mesma coisa, os participantes podem chegar a uma situação na qual cada um está prestando atenção para o mesmo objeto; este processo é facilitado se o objeto que seja o foco das atenções compartilhadas puder ser representado ou caracterizado por meio de uma ação que se refira a ele ou represente-o (KENDON, 2009).

Um estudo comparativo sobre o olhar dos símios (gorilas, chimpanzés, bonomos) e de bebês de 12 a 18 meses, realizado por Tomasello e colaboradores (2005), mostrou que o olhar cooperativo é exclusivamente humano. O posicionamento, as características dos olhos tais como coloridos, grandes, e a forma como os seres humanos olham para os outros seriam relevantes para a interação comunicativa. Metodologicamente, cada grande símio era colocado diante de um antropólogo, e geralmente só olhavam para cima nos momentos em que levantavam a cabeça, assim o olhar dos símios era basicamente influenciado pela direção do rosto. Os bebês, ao invés disso, eram influenciados pelo olhar, apenas com o movimento do olho, sem a elevação da cabeça.

Tomasello (2003) leva em consideração a interação da criança com outra pessoa e objetos, neste sentido, os bebês são seres sociais desde a mais tenra idade, e durante as interações sociais usam o olhar para expressar emoções e anseios. O autor apresenta os modos de interação em cenas de atenção conjunta que são:

- Atenção de verificação: Consiste em acompanhar/verificar a atenção do adulto para determinado evento ou objeto;
- Atenção de acompanhamento: Ocorre com o acompanhamento do olhar dos adultos de produções gestuais como o apontar para eventos ou objetos mais distanciados;
- Atenção direta: dá-se através do direcionamento do olhar do adulto para objetos os referenciando através dos gestos declarativos (como ocorre em situações em

que os bebês esperam que os adultos compartilhem a atenção que o mesmo dá aos objetos) e imperativos (como em ocasiões em que os bebês desejam que algo seja feito para eles e utilizam gestos dêiticos para tais fins).

Costa Filho e Cavalcante (2013) consideram que a Atenção conjunta é um processo relevante na rotina infantil, e mesmo que a criança já tenha adquirido a linguagem, esse processo é fundamental para a consolidação das noções de relações espaciais e referenciais. Os contextos de atenção conjunta são relevantes no sentido de que são nas cenas interativas que as ações verbais se aprimoram, assim, a criança pode realizar um paralelismo gradativo entre as ações, objetos e os referentes linguísticos (BRAZ ; SALOMÃO, 2002).

Em um estudo envolvendo situações naturalísticas da rotina infantil, com a presença do desenho animado em cenas de atenção conjunta, Costa Filho e Cavalcante (2013) observaram uma criança de três a quatro anos em interação com a mãe diante do desenho animado televisivo *Pocoyo*.

Os pesquisadores enfatizam que o trabalho com a criança após a emergência da atenção conjunta (o que ocorre por volta dos nove aos quinze meses) possibilita enxergar a aquisição e consolidação da referência linguística. Diante disso, é através da atenção conjunta que a criança tem a possibilidade de perceber as seguintes posições espaciais: “a posição que seu interlocutor ocupa em relação a ela e ao objeto sobre o qual estão engajados; a posição que o objeto ocupa em relação a ela e ao interlocutor e a sua própria posição em relação ao interlocutor e ao objeto foco da interação” (p. 161).

Se partimos de uma perspectiva sociocultural, a interação em cenas de atenção conjunta é fundamental para que a linguagem seja, de fato, consolidada. São em trocas interativas que as relações entre as tríades são construídas. Em Síndrome de Down a literatura aponta poucos estudos envolvendo a atenção conjunta.

No que se refere à atenção conjunta em atendimento clínico fonoaudiológico, Lima (2015) destacou em um estudo com duas terapeutas e uma criança com a faixa etária de 18 a 22 meses e que no decorrer das sessões houve uma maior inserção da criança em cenas interativas, e que, seguindo a classificação de Tomasello (2003) quanto à atenção de verificação, a atenção de acompanhamento e a atenção direta, constatou-se a presença da atenção de verificação em

todas as cenas interativas; por outro lado, foram escassas as cenas de atenção direta. Por fim, constatou-se que a atenção de acompanhamento é construída ao longo das interações.

Para Lima (2014), as cenas de atenção conjunta são fundamentais para o desenvolvimento cognitivo, gestual e vocal infantil, no sentido de que são nesses contextos que há trocas interativas por meio da parceria entre adulto e bebê, contribuindo para um desenvolvimento do bebê a partir da interação infantil.

É na cena de atenção conjunta que, a partir do olhar, da produção vocal, e dos gestos o processo de aquisição da linguagem é constituído. O gesto de apontar, por exemplo, referencia objetos e eventos, e através desse artefato, a criança compartilha informações antes mesmo de construir o vocabulário da língua materna e, dessa forma se insere nas relações sociais desde cedo.

Para Fonte e Cavalcante (2016, p.222) há uma relação estreita entre gesto e fala, e na clínica de fonoaudiologia é importante que o terapeuta dê esse espaço para a multimodalidade, uma vez que o gesto contribui para a fluência da fala. Neste sentido, através do planejamento terapêutico o profissional tem a possibilidade de elaborar atividades estratégicas que privilegiem o uso dos gestos e da fala de forma simultânea, “contribuindo para um melhor funcionamento da linguagem em sujeitos com distúrbios da linguagem”.

Gesto e produção vocal estão presentes concomitantemente nas cenas interativas, da mesma forma concebemos a língua, enquanto construto multimodal, em contextos de interação social. As produções gestuais são simultaneamente construídas com a produção vocal. Assim, vale ressaltar, que faz-se necessário uma explanação dessas produções vocais infantis, como apresentaremos na sessão que segue.

1.4. O contínuo prosódico-vocal infantil

Desde o nascimento a criança se insere em um universo de produções vocais. Com poucos dias de vida reconhece sons da fala que lhes são favoráveis, aos 3 meses inicia suas próprias produções vocais, o que se intensifica durante a trajetória do desenvolvimento linguístico (SCARPA, 2007).

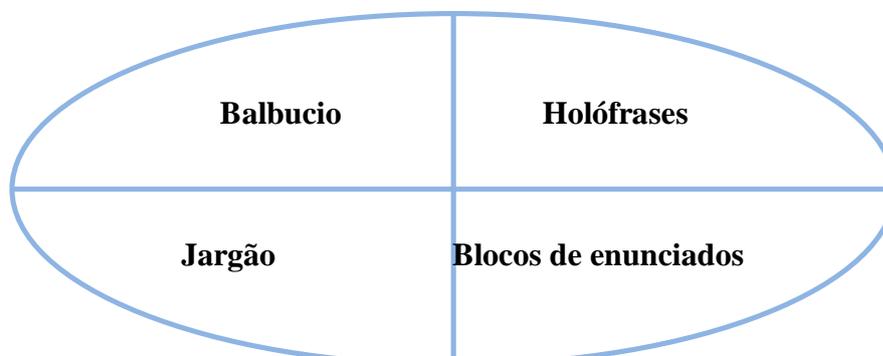
No que se refere a investigar a entrada da criança na língua, a literatura da área tem elaborado propostas de estágios do desenvolvimento da produção verbal produzida pelos infantes no decorrer do tempo. Há várias perspectivas de estágios de aquisição da língua materna.

Conforme Barros (2012), autores como Stern (1924) classificam quatro estágios de aquisição, que começa a partir da produção da primeira palavra produzida pelo bebê, por volta do primeiro ano de idade, até o período em que produz sentenças mais completas, aos quatro anos de idade. A autora apresenta outra proposta de estágio de aquisição da linguagem, criada por Nice (1995), que divide os estágios de acordo com o tamanho das sentenças produzidas pelos infantes, nessa perspectiva o desenvolvimento da linguagem emerge com a produção da primeira palavra, ao finalizar esse processo, a criança aos quatro anos apresenta uma produção de fala mais complexa e completa.

Barros (2012) considera que as propostas de Stern (1924) e Nice (1925) apresentam constatações preliminares sobre o comportamento linguístico das crianças nos meses iniciais de vida, mas tais comportamentos não mencionam e nem dão conta de aspectos prosódicos da aquisição da linguagem.

A perspectiva de Barros (2012) envolve uma tipologia vocal variada produzida pelas crianças ao longo do período de aquisição da linguagem. Nesse sentido, é que busca compreender a inserção da criança na língua materna e, para tanto, desenvolve uma proposta de estágios de desenvolvimento da linguagem. Tais elementos da tipologia prosódico-vocal¹ são assim nomeados:

Figura 6: Contínuo das produções vocais



Fonte: Conforme Barros (2012)

¹ A autora nomeia de estágio, neste estudo é usado o termo Tipologia prosódico-vocal.

O Balbucio é a produção de sílabas que têm, tipicamente, o formato consoante- vogal, por exemplo [ma, da,ba]; tais sílabas são muitas vezes repetitivas e ritimadas (LOCKE, 1997). Aí contidos também: o balbucio canônico (sequências repetidas de consoantes e vogais), o balbucio variado (sequências de consoantes e vogais que não se repetem, por exemplo [ada, ta, e], como se vê em OLLER, 1980) e o balbucio tardio (que se refere ao momento em que a criança é capaz de produzir diferentes contornos relacionados a diferentes atos de fala, possuindo material segmental constituído de palavras parecidas com as do adulto (DORE, 1975).

De acordo com Boysson-Bardies (2009) em crianças com desenvolvimento típico, o balbucio emerge por volta dos sete meses de idade, após o surgimento dos sons fisiológicos, comuns aos recém-nascidos, e de vocalizações que ocorrem a partir dos dois meses de idade.

Após a etapa de balbucio em forma silábica (CV/CV) como em “mamamama” e “papapapa”, que se estende até os nove/dez meses, o infante reduz a reduplicação para uma ou duas sílabas “pa” e “papa”, o que na língua materna está relacionado a algum significado. (SIM-SIM,1998)

Scarpa (2007) considera que o balbucio seja, a princípio, universal, pois os sons produzidos pela criança fazem parte do repertório de sua língua materna. A autora salienta que até mesmo as crianças surdas balbuciam, embora que mais adiante não sigam o mesmo ritmo em produção vocal que as crianças ouvintes.

Na Síndrome de Down, Lima (2015) observa que além do balbucio, é comum na produção vocal da criança, sons sem significado, como gritos e risos. De acordo com o autor, o balbucio pode ser produzido pela criança mais tardiamente se comparado com crianças com desenvolvimento típico.

Além do balbucio, há um seguinte elemento no contínuo prosódico vocal denominado de jargão, que ocorre quando o contorno entonacional se estende a uma cadeia de sílabas. Essas produções ainda podem emergir sob forma de longo fragmento composto por sílabas ininteligíveis. Passa de balbucio tardio a jargão quando a entonação é considerada mais madura e os contornos são preenchidos por sílabas tipicamente da fase do balbucio (SCARPA, 2007).

Para Dromi (2002) os jargões aparecem como produção vocal infantil por volta dos 12 meses, e tem como características uma sonoridade semelhante a de enunciados da língua materna, e apresenta-se sob forma uma cadeia de sílabas ininteligíveis variando os contornos

entoacionais. As produções do sujeito ao jargonizar são parecidas sonoramente com indagações e afirmações, mas linguisticamente não tem conteúdo.

Em Síndrome de Down não há registros na literatura acerca da produção de jargões. Nesta pesquisa, pretende-se observar a produção de jargão, a fim de contribuir com os estudos em produção vocal em crianças com a trissomia 21.

Um outro componente do contínuo vocal são as holófrases ou primeiras palavras reconhecíveis. Esses, por sua vez, são os primeiros enunciados da entrada da criança na sua língua materna (SCARPA, 1999). Na produção da holófrases, temos a presença de estruturas predicativas nas quais um dos termos é verbal e o outro buscado no contexto linguístico mais amplo, através de gestos corporais (olhar, apontar, por exemplo).

Para Cavalcante (2012), Os enunciados holofrásticos são produzidos em situações naturalísticas em concomitância com o apontar, o olhar, as expressões faciais. Observa-se que isto corre nas interações entre a dupla mãe-bebê. Neste sentido, as produções dos enunciados estão inseridas em todo um contexto interacional com a presença de trocas interativas da díade. O jogo dialógico é marcado pelas holófrases infantis, e a criança recorta muitas vezes a fala materna no momento da interação, deste modo, a situação comunicativa é relevante para a aquisição da linguagem, uma vez que são nesses contextos interativos que ocorrem a multimodalidade, em que as holófrases, a prosódia, os gestos e o olhar não estão dissociados, nem tampouco ocupam uma posição de precedente da fala, mas emergem concomitantemente na interação.

Em relação às primeiras palavras, de acordo com Lima (2015) aos 16 meses é esperado que as holófrases apareçam em crianças com desenvolvimento típico. Entretanto, crianças com Síndrome de Down, conforme Mustachi (2009), têm o desenvolvimento fonológico lento e difícil, dessa forma, as primeiras palavras só começam a aparecer a partir dos 20 e 24 meses.

Os blocos de enunciados são produções em que há alternância da produção de holófrases com enunciados completos. Nesse momento a criança já é capaz de fazer pedidos, perguntas e produzir respostas mais longas com significado completo, superando os enunciados holofrásticos. Neste sentido, a criança começa se arriscar a partir dos 18 meses juntando duas ou mais palavras observáveis (BARROS, 2012).

Em crianças com Síndrome de Down, Mustachi (2009) considera que há uma defasagem no que se refere à estrutura frasal. Para o autor, essas crianças iniciam produção de sentenças entre 3 e 4 anos de idade.

A proposta apresentada por Barros (2012) permite-nos compreender o funcionamento da produção vocal infantil no período de aquisição da linguagem em crianças com desenvolvimento típico. Neste estudo estendemos essa tipologia vocal para uma investigação envolvendo crianças com Síndrome de Down na finalidade de compreender o processo constitutivo dos emblemas, e assim observarmos as duas tipologias: a tipologia prosódico-vocal e a tipologia gestual-emblemática. Diante disso, podemos associar a proposta de Barros (2012) atrelada aos gestos e ao olhar, para corroboramos a multimodalidade da língua, nossa proposta neste trabalho.

2. ASPECTOS METODOLÓGICOS

A pesquisa está vinculada ao Laboratório de Aquisição da Fala e da Escrita (LAFE), situada na Universidade Federal da Paraíba (UFPB). O estudo é de cunho qualitativo, quantitativo e longitudinal. As sessões foram filmadas nos consultórios de fonoaudiologia da clínica-escola situada no campus I da UFPB, no município de João Pessoa. As cenas fazem parte das atividades do projeto “Letramento em Pauta: Intervenção fonoaudiológica na Síndrome de Down”, e as imagens pertencem ao Núcleo de Estudo em Linguagem e Funções Estomatagnáticas (NELF)². O projeto envolve ações que visam contribuir para o desenvolvimento da oralidade, escrita e interação de crianças, adolescentes e jovens, assim como beneficiar de forma ativa na aprendizagem.

Coordenam esse projeto dois professores fonoaudiólogos e quatro fonoaudiólogos, todos encarregados de supervisionar alunos extensionistas do curso de fonoaudiologia da UFPB, que semanalmente fazem a intervenção e o acompanhamento dos sujeitos com SD, cada sessão dura aproximadamente 30 minutos.

Outro aspecto metodológico da pesquisa está relacionado ao objetivo descritivo, uma vez que esse tipo de pesquisa permite a exposição de determinadas características de um fenômeno ou de uma população (VERGARA, 2000). No que tange aos procedimentos técnicos, a pesquisa se configura como um estudo de caso, no sentido de que contempla uma investigação profunda de um ou poucos objetos de maneira que permita seu amplo e detalhado conhecimento (GIL, 2008).

2.1 Definição dos sujeitos

Os sujeitos da pesquisa são dois irmãos (crianças) com Síndrome de Down e quatro terapeutas (extensionistas/estagiária). Cada criança tem atendimento individual, diante disso as

² As filmagens desta pesquisa estão vinculadas ao projeto Letramento em Pauta: intervenção fonoaudiológica em crianças com Síndrome de Down. nº 0386/15-CEP/CCS/UFPB.

interações são de forma triádica. No quadro abaixo apresentamos alguns aspectos referentes aos integrantes do estudo, a criança 1 (C1), a criança 2 (C2) e as terapeutas.

Quadro3. Exposição descritiva de C1 e estagiárias

CRIANÇA 1 (C1)	
Sessão	Participantes
Data	<i>Criança:</i> (2 anos,10 meses e 27 dias)
07/11/2014	Terapeutas extensionistas: Estagiária (E1) -20 anos Estagiária (E2) - 22 anos
14/11/2014	<i>Criança:</i> (2 anos,11 meses e 3 dias) Terapeutas extensionistas: Estagiária (E1) -20 anos Estagiária (E2) -20 anos
06/03/2015	<i>Criança:</i> (2 anos,11 meses e 25 dias) Terapeutas extensionistas: Estagiária (E1) - 20 anos Estagiária (E2) - 22 anos

Quadro4. Exposição descritiva de C2 e estagiárias

CRIANÇA 2 (C2)	
Sessão	Participantes
Data	<i>Criança:</i> (6anos,6 meses e 29 dias)

07/11/2014	Terapeutas extensionistas: Estagiária (E1) - 22 anos Profissional (P2) - 24 anos
14/11/2014	<i>Criança:</i> (6anos, 7 meses e 6 dias) Terapeutas extensionistas: Estagiária (E1) - 22 anos Estagiária (E2) - 24 anos
06/03/2015	<i>Criança:</i> (6anos,9 meses e 28 dias) Terapeutas extensionistas: Estagiária (E1) -22 anos Estagiária (E2) - 24 anos

Vale destacar que o pesquisador atuou apenas como observador do lado externo da sala de atendimento com o intuito de visualizar apenas através dos equipamentos de audição e do espelho espião, das salas de observação, pois a clínica-escola conta com uma estrutura organizada para estes fins. Dessa forma, o pesquisador não interrompeu as sessões de atendimento.

As profissionais são estudantes do curso de fonoaudiologia e através da prática desenvolvem ações de forma autônoma permitidas pelo projeto “Letramento em pauta”, como planejamento terapêutico e a realização das atividades, previamente orientados.

Não cabe nesse estudo avaliar a performance das extensionistas fazendo avaliações de suas práticas. O intuito é observar o processo constitutivo dos emblemas atrelado às produções vocais e ao olhar, considerados artefatos multimodais.

As crianças foram escolhidas para a pesquisa por uma questão de investigação em relação ao grau de parentesco, no sentido de que são irmãos com SD, fato que não é encontrado frequentemente na sociedade. Diante disso, busca-se observar e analisar a produção

multimodal, com ênfase no processo de construção dos emblemas em cenas de atendimento fonoaudiológico.

2.2 Descrição das crianças

Diante do que foi apresentado metodologicamente, é necessária uma caracterização dos sujeitos no que se refere às questões gerais, de linguagem e de convívio social. As informações descritas nas fichas abaixo são advindas da anamnese de cada criança, realizada antes do início das atividades na Clínica Escola de Fonoaudiologia. A anamnese oferece subsídios para o conhecimento dos sujeitos e para a organização das atividades a serem realizadas nas terapias.

Quadro 5. Dados da anamnese de C1

Dados pessoais (C1)

P.A.S

Sexo: Masculino

Data de nascimento: 11/01/2012

Idade na triagem: 02 anos

Composição familiar: Tem dois irmãos com Síndrome de Down, um menino de 6 anos e uma menina de 9 anos. A criança, diferentemente dos irmãos, é filho da mesma mãe, mas de pai diferente.

Queixa: Dificuldade na Fala e pequenos engasgos

Dados gerais

- Foi amamentado até os 4 meses de idade, em seguida, foi introduzido efetivamente os alimentos;
- A criança tem boa sucção, toma mamadeira 3 vezes por dia;
- A criança tem dificuldade na mastigação, com a presença de engasgos frequentemente;

- Andou com 1 ano e 3 meses;

Dados da linguagem

- A criança tem fala incipiente e é compreendida algumas vezes;
- Escuta e entende o que os outros falam;
- A criança não escreve e não lê.

Dados do convívio social

- A criança convive diariamente com os irmãos;
- Dorme com os pais;
- Gosta de dançar, jogar bola e imitar;
- Gosta de gritar e de cantar músicas infantis;
- Tem bom desenvolvimento intelectual, repete com facilidade, e cognitivamente é mais desenvolvido que os irmãos;
- Quanto ao humor geralmente é sorridente e não apresenta situações de agressividade;
- Tem boa relação com o pai e a madrasta;

Assim como apresentamos os dados da C1, faz-se necessário expor as informações coletadas através da anamnese da C2. Os dados expostos da criança abaixo, mostram algumas diferenças no que se refere ao comportamento da criança (2).

Quadro 6. Dados da anamnese de C2

Dados pessoais (C2)

P.A.A.F

Sexo: Masculino

Data de nascimento: 08/05/2008

Idade na triagem: 06 anos

Composição familiar: Tem dois irmãos com Síndrome de Down, um menino de 2 anos e uma menina de 9 anos. O irmão mais novo é filho de sua mãe, mas de outro relacionamento.

Queixa: Fala e aprendizagem restrita

Dados gerais

- Foi amamentado até 6 meses, em seguida, foi introduzido efetivamente os alimentos;
- A criança tem boa sucção, tomou mamadeira até os 3 anos;
- Andou com 1 ano e 4 meses;
- A criança apresenta estrabismo no olho esquerdo;

Dados da linguagem

- A criança troca poucos sons;
- Gagueja desde 2 anos de idade;
- Escuta e entende o que os outros falam;
- A criança não escreve e não lê.

Dados da escolaridade e convívio social

- A criança estuda em uma escola da rede privada;
- Ingressou no ensino escolar aos 3 anos de idade, e está em uma turma de pré II (infantil II);
- Tem comportamento tímido, reservado, pouco violento;
- Apresenta algumas oscilações de humor;
- Sorri frequentemente e na maioria das vezes não cumprimenta as pessoas;
- Não inicia o discurso, mas tem intenção comunicativa por gestos;

De uma forma geral, a C1 tem uma boa sociabilidade e relaciona de forma satisfatória com os amigos de faixa etária diferentes e com os familiares. A criança se expressa com gestos e com produções vocais no dia-a-dia. Gosta de atividades que envolvem a movimentação, dançar, imitar, pular. Em relação à fala, suas produções são geralmente ininteligíveis, assim como afirma Mustachi (2009), em crianças com Síndrome de Down a linguagem oral tem um desenvolvimento mais lento no período aquisicional.

A C2 já está inserida no contexto escolar há 3 anos, mesmo assim, ainda não foi alfabetizada, não compreende a leitura e nem a escrita. Tem sua comunicação mediada

geralmente por gestos e suas produções orais são mais escassas, o que corrobora com Andrade (2006), pois os gestos são mais utilizados para a expressão comunicativa que a linguagem oral em sujeitos com Síndrome de Down.

Após a apresentação de algumas informações sobre os sujeitos, a seguir descrevemos a forma de como os dados (filmagens) foram coletados para a realização desta pesquisa.

2.3 Procedimentos da coleta de dados

Quinzenalmente, o pesquisador coletou as filmagens da terapia. Ao longo do processo foram coletadas 12 sessões terapêuticas do projeto de extensão universitária. Os dados são filmagens realizadas com a câmera filmadora (Sony DSC- W800) e gravadas na mídia de formato DVD.

Os atendimentos ocorrem no próprio local do projeto de extensão. Não houve modificações na estrutura e nas atividades em detrimento das filmagens, pois os atendimentos ocorreram conforme o planejamento das extensionistas.

A supervisora /coordenadora, terapeutas e os pais foram informados dos procedimentos e objetivos da presente pesquisa, assim como para o fato de que não há intervenção por parte do pesquisador em nenhum tipo de atividade desenvolvida pelo projeto “Letramento em pauta”.

2.4 Procedimentos das análises dos dados

Após o período de coleta dos dados, segue-se para uma nova etapa: a transcrição. Os dados são transcritos no *ELAN (Eudico Linguistic Annotator)*, trata-se de um programa para anotação de arquivos de áudio e vídeo, desenvolvido pelo Instituto Max Planck de Psicolinguística. Esse *software* é de suma importância para esta pesquisa, pois permite a transcrição de vídeos e áudios de forma associada. Neste sentido, são criadas 4 trilhas (produção gestual, produção vocal, direcionamento do olhar e expressão facial) para cada integrante da pesquisa, criança 1(C1), criança 2(C2), estagiária 1 (E1), e estagiária 2 (E2).

Na imagem a seguir é possível visualizarmos a interface do ELAN. Em ordem alfabética, pontuamos os itens primordiais da área de trabalho.

- Espaço de apresentação da filmagem;
- Espaço de criação de grade, controle do vídeo, ativação e desativação de funções como: iniciar, pausar, selecionar, adiantar, retornar, modificar volume e velocidade do vídeo e etc.;
- Identificação das trilhas criadas de acordo como objetivo de análise no estudo;
- Espaço de transcrição dos dados, local em que a descrição do vídeo é realizada conforme a contagem do tempo.

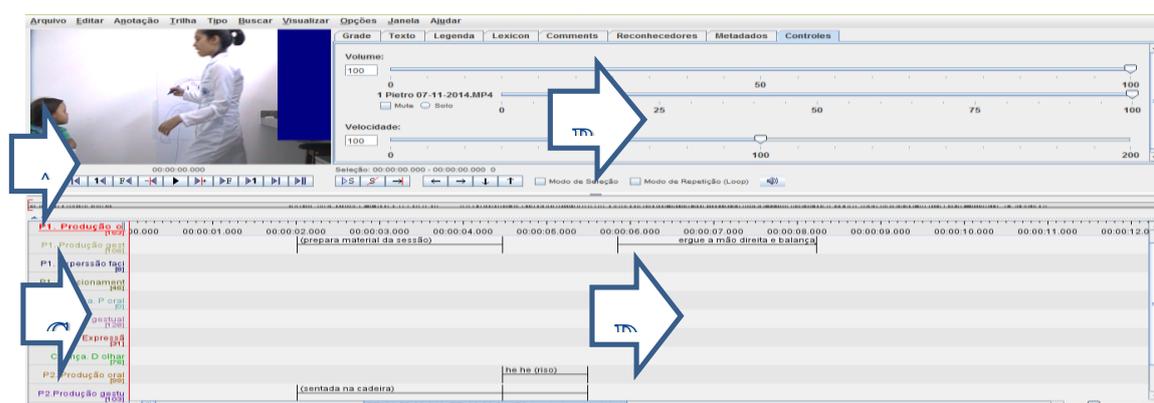


Figura 7. Interface do ELAN

Conforme a imagem acima, o item “A” permite a visualização da cena interativa, o item “B” é o local do painel de controle, permite a progressão, regressão e parada do vídeo, o item “C” mostra as grades que são criadas pelo pesquisador, de acordo com o objetivo de cada pesquisa, enquanto que o item “D” é o local da descrição dos dados, em que o pesquisador transcreve o a imagem e o áudio.

Diante do que se fundamenta teoricamente e da metodologia mencionada neste estudo, a seguir apresentaremos as análises do processo de construção dos gestos emblemáticos em contextos de interação terapeuta-criança, ressaltando a multimodalidade e a atenção conjunta nas produções linguísticas em crianças com Síndrome de Down.

3. ANÁLISE DA PRODUÇÃO GESTO-VOCAL

Primeiramente, partiremos das análises das produções emblemáticas e das produções vocais de C1 e terapeutas. Inicialmente, apresentamos uma tabela com as produções vocais e

gestuais da criança, logo após, expomos um fragmento da cena de interação e, por fim trazemos as imagens e mesclas recortadas do *elan* da cena apresentada.

Posteriormente, apresentamos os dados de C2 e terapeutas. Nesta primeira análise, de forma quantitativa, seguida de algumas situações comunicativas apresentamos os dados.

3.1 Análise das produções multimodais de C1

Primeira análise gesto-vocal de C1 - 2 anos, 10 meses e 27 dias

Tabela 1. Quantificação e definição das produções de C1 na primeira sessão

EMBLEMAS	CONSTRUÇÃO	PRODUÇÃO VOCAL	TRANSCRIÇÃO
Negar (2)	Bota os braços para trás e segura as mão., nega atender o pedido da P1. Cruza os braços se negando a continuar dançando	balbucio	Uma, Aun, Zê,Tá,la,Tu, Dat , iva

Mostrar (3)	<p>Levanta os dois dedos indicadores e mostra que está dançando.</p> <p>Aponta uma vez para o vídeo com o dedo indicador</p> <p>Aponta com a mão toda para o computador</p> <p>Estende a mão em direção ao brinquedo</p>	holófrases	<p>Dá !Bora ?Inão! (não)Tô (voltou) Sê (sei)Bobô (bolo)Bolo Aô! (alô) Não Alô Nã(não)Agou (desligou)Iô (alô)PetuCasa (casa)Tu ,Tal (tchal)</p>
Pedir (1)	fala ao telefone com a P2	Blocos de enunciados	<p>Queo exe ! (Quero esse)</p> <p>Foi imbola</p> <p>É bom!</p> <p>Alô Petchu!</p> <p>Petu vem a vem?</p> <p>Alô Talita!</p>
Telefonar (1)	beija a tela do celular como forma de despedida.		
Beijar (4)	Após coreografia, bate balmas		
Aplaudir (1)			

Nesta sessão, observamos que a criança com Síndrome de Down se comunica nas cenas interativas através de uma produção emblemática e vocal diversificadas. Além de emblemas, a criança produz gesticulação e pantomimas, principalmente envolvendo o telefonema em situações de simulação de atos rotineiros. A produção emblemática da criança envolve gestos executados com os braços, cruzando-os ou lançando-os para trás com as mãos juntas, como

forma de se negar a realizar determinadas atividades ou querer interromper o que estava sendo feito.

A criança faz uso do apontar convencional, mostrando para as terapeutas o desenho animado exibido pela televisão, com uma mão estendida a criança faz um pedido, com os lábios beija a tela do celular ao finalizar a “conversa” com o interlocutor, de uma forma geral, a produção emblemática infantil nessa sessão envolve mãos, lábios, dedo indicador, uma só mão, e pouco repetitivas no decorrer da terapia.

Assim como a produção emblemática, as produções vocais são diversificadas, e além disso, em maior quantidade. A criança produziu balbúcio canônico e variado, holófrases e blocos de enunciados. As holófrases se destacam quantitativamente, o “Alô”, enunciado em um contexto de simulação de comunicação por meio do celular é produzido pela criança de formas distintas “Aô”, “Iô”, “Alô”. Ainda foram produzidos, gritos, onomatopeias e palavras irreconhecíveis.

A criança interage espontaneamente com as terapeutas em contextos lúdicos como em atividades envolvendo dança. Nessas situações a interação é mediada por gestos e produções vocais, o recorte a baixo exemplifica a situação comunicativa extraída da primeira sessão de C1.

1ªAnálise C1- Sessão fonoaudiológica 1

Situação interativa 1- “palmas para a baratinha”

Contexto: A C1 e a E1 estão em pé no meio da sala. O Vídeo de um desenho animado é inserido no computador, em seguida a criança e a terapeuta começam a se movimentar para iniciar a dança.

Quadro 7. Fragmento de transcrição da primeira cena-C1

Tempo inicial	Tempo final	Trilha multimodal	Produção multimodal
08:33	08:34	P. oral E1	Vai?
08:33	08:36	P. gestural E1	Segura as mãos e balança os braços da criança
08:34	08:36	P. gestual C1	Se enclina de mãos dadas com a P1
08:37	08:42	P. gestual C1	Dança movimentando só os braços com a P1
08:42	08:44	P. oral E1	Eita aprendeu todinha num foi C1?
08:42	08:43	P. gestual E1	Para de dançar e vai soltando as mãos de C1
08:43	08:45	P. gestual E1	Bate palmas (emblema)
08:44	08:48	P. gestual C1	Mãos soltas, em seguida, nos bolsos da bermuda
08:45	08:48	P. oral E1	Ê ! Vamo bater palmas para P.!
08:46	08:48	Olhar C1	Olha para trás (vídeo)
08:46	08:48	P. gestual E1	Batendo palmas

08:49	08:52	P. oral P1	Bate palmas C1!
08:49	08:50	P. gestual C1	Estende o braço esquerdo para o computador apontar (emblema)
08:49	08:50	Olhar C1	Olha para o computador e para a P1
08:51	08:53	P. gestual C1	Bate palmas (emblema) e bota a mão na boca

Quadro 8: Cenas de interação terapeuta-C1

	
<p>⇒ C1 e E1 fazem a coreografia</p>	<p>⇒ Olhar de C1 direcionado para E1</p>
	
<p>⇒ aponta para o vídeo (emblema)</p>	<p>⇒ E1 bate palma (emblema) C1</p>
	
<p>⇒ C1 bate palmas direcionando o olhar à E1</p>	<p>⇒ C1 levanta os braços (gesticulação)</p>

Quadro 9. Excerto mescla da segunda cena-C1

EXCERTOS DO <i>ELAN</i>								
Grade	Texto	Legenda	Lexicon	Comments	Reconhecedores	Metadados	Controles	
▼ MESCLA C1								
>	N.	Anotação				Tempo Inic...	Tempo Final	Duração
	106	observa a P1 e dança				00:07:26.5...	00:07:30.5...	00:00:03.9...
	107	movimenta os braços, mãos abertas observa vídeo				00:07:31.9...	00:07:33.9...	00:00:02.0...
	108	para de dançar				00:07:34.0...	00:07:36.4...	00:00:02.3...
	109	dança lentamente	observa a P1	observa vídeo	balança braço esquerdo	00:07:38.5...	00:07:40.9...	00:00:02.4...
	110	dança	para e cruza os braços (emblema)	para e não dança mais	[Holófrase] bôbô!	observa a P1	[Holófrase] bolo!	00:07:40.9... 00:07:44.9... 00:00:03.9...
	111	se joga no chão estende os braços				00:07:45.8...	00:07:47.6...	00:00:01.8...
	112	levanta e de braços abertos dança expõe a língua				00:07:49.8...	00:07:54.5...	00:00:04.6...
	113	observa P1 mostra e movimenta os dedos indicadores				00:07:55.0...	00:07:57.4...	00:00:02.3...
PRODUÇÕES MULTIMODAIS C1								
PRODUÇÕES MULTIMODAIS E1								
Grade	Texto	Legenda	Lexicon	Comments	Reconhecedores	Metadados	Controles	
▼ MESCLA P1								
>	N.	Anotação				Tempo Ini...	Tempo Final	Duração
	95	[PV] vamo! assim ó com tia! balança os braços dançando				00:07:37...	00:07:40.4...	00:00:02.5...
	96	abre os braços estende as mãos (gesticulação)	enclina-se	[PV] bolo?	[PV] ó olha!	aponta para o vídeo (emblema)		00:07:42... 00:07:47.6... 00:00:04.7...
	97	de côcoras estende as mãos (gesticulação)	em pé	[PV] levanta levanta pra gente dançar em pé!	vamo dança	[PV] assim ó!		00:07:48... 00:07:57.4... 00:00:09.4...
	98	dança mostrando os dedos indicadores [PV] assim agora? o dedinho?				00:07:57...	00:07:59.5...	00:00:01.7...
	99	movimenta o dedo indicador enclina-se, põe a mão na cintura e dança [PV] ah barata diz que tem ó o vistido!				00:08:01...	00:08:05.7...	00:00:03.8...
	100	dançando, uma mão na cintura [PV] rarara rororo				00:08:08...	00:08:10.3...	00:00:01.5...
	101	[PV] vem pra cá Petros! estende a mão (emblema) chamando a criança				00:08:11...	00:08:13.6...	00:00:02.4...
	102	pega a criança pelo braço e puxa vamo dançar com tia!				00:08:13...	00:08:15.6...	00:00:01.9...

A transcrição da primeira cena mostra que a terapeuta inicia a interação questionando a criança se vai dançar e ao mesmo tempo, em 08:33, segura seus braços para começar a coreografia. A criança aceita a solicitação da P1, pega nas mãos e movimenta os braços de forma conjunta com a terapeuta. A criança interage satisfatoriamente com a P1 através dos movimentos executados na dança, e ao pausar a coreografia, a terapeuta solicita que a criança bata palmas, porém a criança olha para a tela do computador e em seguida aponta para o vídeo.

De acordo com Lima (2015) o gesto de apontar são emblemas produzidos com frequência em crianças com Síndrome de Down. Flabiano-Almeida e Limongi (2010) consideram que os gestos possibilitam que a criança faça referência aos objetos que não nomeiam, e que verbalmente não conseguem expressar. O gesto da criança é classificado por Cavalcante(1999) como apontar convencional, com a utilização do dedo indicador. Após o apontar, a criança olha para a tela do computador e para a P1, e em seguida bate palmas produzindo um gesto emblemático.

Na mescla de C1 a criança está com os braços cruzados indicando não continuar a dança, produzindo um emblema de negação. De acordo com Kendon (1982), os emblemas são gestos convencionalizados, ou seja, a produção desse tipo gestual está ligada intrinsecamente à cultura dos sujeitos. Posteriormente, a terapeuta pergunta se a criança aprovou o vídeo, e a criança responde “ôgoto”. A produção vocal infantil é denominada de holófrases, que segundo Scarpa (2007) são os primeiros enunciados da criança em sua língua materna.

Outros exemplos de holófrases são vistos na mescla da fala da criança no momento em que a criança fala “bôbo”, e em seguida, a terapeuta direciona a fala para a criança dizendo “bolo ?” e a criança produz “bolo”. Neste momento a criança observa a terapeuta que olha para o vídeo e aponta. O gesto de apontar de P1 com o dedo indicador é acompanhado de produção vocal “olha” e de atenção direta, definido por Tomasselo (2003) como um tipo de atenção conjunta que através de gestos dêiticos direciona o olhar do outro para determinado objeto. Diante disso, observamos a construção linguística envolvendo olhar, produção vocal e produção gestual em um só contínuo de produção.

Situação comunicativa 2- Alô !

Contexto: A criança e as terapeutas brincam com brinquedos e o celular na sala.

Quadro 10. Fragmento de transcrição da segunda cena-C1

Tempo inicial	Tempo final	Trilha multimodal	Produção multimodal

10:20	10:22	P. gestual E1	Mexe em brinquedos
10:22	10:22	P. gestual C1	Mexe em brinquedos
10:21	10:22	P. Oral E2	Ei Bebê!
10:23	10:24	P. oral E1	C1!
10:22	10:27	Olhar C1	Direciona aos brinquedos
10:27	10:28	P. oral E1	Olha tia falando contigo C1!
10:28	10:29	P. oral E1	Fala com ela!
10:32	10:32	P. gestual E1	Com brinquedo na mão aponta para a E2 (emblema)
10:33	10:35	P. oral E1	Fala com ela! ó tia E2!
10:33	10:33	P. gestual E1	Segura brinquedo e aponta para a E2 (emblema)
10:32	10:33	Olhar E1	Direciona à criança e à E2
10:34	10:34	Olhar C1	Olha para a E2
10:34	10:34	P. oral C1	Aô!
10:34	10:38	P. gestual C1	Abre a mão e bota no ouvido em forma de celular (emblema/pantomima). Pega um brinquedo e bota no outro ouvido como outro celular- as ações ocorrem simultaneamente.
10:34	10:35	Olhar E2	Olhar para a E1
10:35	10:36	P. oral E1	Alow!
10:37	10:39	P. oral E1	Tu tá falando com quem?

10:37	10:3	P. oral E1	Com quem é que fala? vou falar contigo C1 vou ligar pra tu
10:37	10:42	P. gestual E1	Pega a mão fechada e põe no ouvido (emblema) simulando telefonar com cabeça um pouco inclinada para a direita (pantomima)
10:46	10:46	P. oral E2	Alow!
10:42	10:48	P. vocal E1	Não quer mais falar no telefone?
10:42	10:48	Olhar E1	Olha para a criança
10:46	10:48	P. gestual C1	Mexe nos brinquedos
10:46	10:48	P. oral E1	Não quer mais falar no telefone?
10:46	10:48	P. gestual E1	Fecha as mãos em forma de palma (gesticulação)
10:44	10:48	P. gestual C1	Solta o brinquedo no chão e cruza os braços, não brinca mais. (emblema)
10:46	10:48	P. Oral C1	Não!

Quadro 11: Cenas de interação terapeuta-C1

C1 observa E2



A criança olha E1 apontar para E2(emblema)



A estagiária fala ao telefone (emblema)



Quadro 12. Excerto mescla da segunda cena-C1

EXCERTOS DO <i>ELAN</i>					
PRODUÇÕES MULTIMODAIS C1					
▼ MESCLA C1					
>	N.	Anotação	Tempo Ini...	Tempo Fin...	Duração
	173	mexe no celular e bota no ouvido	00:15:44....	00:15:45....	00:00:01.530
	174	[PV] aiô!	00:15:59....	00:16:00....	00:00:00.610
	175	[PV/INC] etutada vegegedudubotal	00:16:01....	00:16:04....	00:00:03.135
	176	com celular no ouvido de frente para a câmera	00:16:04....	00:16:13....	00:00:08.560
	177	simula telefonar, estira o braço na conversa (emblema/pant.gesticulação)[PV] aiô Talita! olhar distante [PV] aiô Talita (ri...	00:16:13....	00:16:16....	00:00:02.750
	178	anda pela sala [PV/INC] ah gê fespudoui conversando ao telefone (emblema) estende a mão (gesticulação)	00:16:16....	00:16:19....	00:00:03.440
	179	tira o celular do ouvido e beija a tela (emblema) o beijo parece indicar o final da conversa	00:16:21....	00:16:23....	00:00:02.270
	180	aiô! simula ligação(pantomima) senta no chão	00:16:26....	00:16:28....	00:00:02.395
▶	181	[PV/INC] tedhuzeis theduéis simula ligação dialogando sentado de frente para a P1 há tomada de turno típica da ligaç...	00:16:29....	00:16:46....	00:00:17.365
	182	tira o celular do ouvido e o beija(emblema)	00:16:49....	00:16:52....	00:00:02.860
▼ MESCLA P2					
>	N.	Anotação	Tempo Ini...	Tempo Fin...	Duração
	19	sai em direção à criança	00:15:35....	00:15:37....	00:00:01.560
	20	[PV] fala aiô!	00:15:37....	00:15:38....	00:00:00.990
	21	[PV] tudo bom Petrus?	00:15:39....	00:15:40....	00:00:01.190
	22	tirando foto! (risos)	00:15:46....	00:15:48....	00:00:02.290
	23	[PV] vai, aiô!	00:15:58....	00:15:59....	00:00:01.310
	24	[PV] tudo bom petrus? faz gesto de telefonar com as mãos - usa o dedo polgar e o dedo midinho (emblema)	00:16:00....	00:16:01....	00:00:01.220
	25	[PV] ondê qui você tá? faz gesto de telefonar com as mãos - usa o dedo polgar e o dedo midinho (emblema)	00:16:04....	00:16:05....	00:00:01.150
	26	[PV] você tá em casa?	00:16:07....	00:16:08....	00:00:01.140
	27	[PV] fala com Talita aiô!	00:16:11....	00:16:13....	00:00:01.590
▶	28	faz gesto de telefonar com as mãos - usa o dedo polgar e o dedo midinho (emblema)	00:16:14....	00:16:18....	00:00:03.700
PRODUÇÕES MULTIMODAIS E2					

O quadro da segunda cena apresenta uma situação de interação entre a criança e as terapeutas. Nesse contexto entra em cena um novo elemento, o celular. Inicialmente, E1 convida a criança à interação através da produção vocal “olha tia querendo falar contigo!” associada ao gesto de apontar com objeto direcionado à E2. Após a solicitação da E1, a criança abre toda a mão e aproxima da orelha, pega um objeto e coloca do outro lado sob formas de celular, e de forma simultânea produz a holófrase telefônica “Alo”. Em seguida, a criança

cruza os braços recusando dar continuidade ao diálogo, a E1 o questiona e tem como resposta de C1 “Não”.

Mais adiante, a criança cruza os braços novamente como forma de negação. Além disso, C1 produz um emblema de telefonema, ao abrir a mão e posicionar na orelha. Esse gesto é uma representação que ultrapassa um a apresentação de um objeto, está relacionado ação telefonar, uma vez que gesto é ação.

Nessa situação interativa observamos uma variação do emblema de telefonema, como mencionado acima, na construção gestual a criança abre a mão toda, E1 fecha a mão toda ou mostra apenas o dedo polegar e E2 deixa à mostra os dedos polegares e o mindinho.

Em relação à produção vocal, foram produzidas holófrases relacionadas ao diálogo de telefonema “alô”, um bloco de enunciado “alô Talita”, além de produções ininteligíveis. Para Barros (2012) Os blocos de enunciados são produções mais longas, ultrapassam as holófrases no sentido de que são enunciados mais completos.

De uma forma geral, durante a primeira sessão a criança e as terapeutas produzem uma série de gesticulações, que são movimentos acompanhantes do fluxo de fala e de pantominas, simulações de ações rotineiras, como o ato de telefonar (KENDON, 1982). As produções vocais infantis, muitas delas são ininteligíveis, como apresentamos no quadro mescla de C1. Pateiro (2013) destaca que em crianças com Síndrome de Down a produção vocal é executada com mais dificuldade que a produção gestual, a principal forma de comunicação dessas crianças é o gesto, e que a estimulação da oralidade numa fase inicial é relevante para o desenvolvimento global.

Por meio das mesclas e das imagens observamos que a construção dos gestos emblemáticos da criança e das terapeutas ocorrem em conjunto com produções vocais e olhar, dessa forma ressaltamos a multimodalidade (MCNEIL,2000) em contextos de atendimento clínico.

Segunda análise gesto-vocal de C 1- 2 a, 11 m e 3 d

Tabela 2. Quantificação e definição das produções de C1 na segunda sessão

EMBLEMAS	CONSTRUÇÃO	PRODUÇÃO VOCAL	TRANSCRIÇÃO
Telefonar (6)	Abre a mão em forma de celular ou com objeto dialoga com as terapeutas	Balucio jargão	Bobó Cocó Hoho Ah!É Bebedi bebedi
Apontar (2)	Aponta com o dedo indicador e com brinquedo na mão	holófrases	Oi Toca Bota Pato Alô Petu Celulá Foto Bola bobo Caiu Ôlá! Bou Cabou Gol Go Não Mim?
Beijar (1)	Beija a tela do celular em forma de despedida		
Aplaudir (1)			
Afirmar (1)	Bate palmas após fazer um gol Balança a cabeça para baixo indicando afirmação	Blocos de enunciados	Tu bom? Quem é? Tá bem? Me dá! De tia?

Nesta segunda sessão, as terapeutas selecionam alguns objetos para interagir com a criança. Os contextos giram em torno do celular, do vídeo com músicas, da bola e do fantoche. Observamos que a quantidade de gestos emblemáticos não se altera. O aspecto que diferencia da primeira sessão está relacionado à tipologia emblemática, uma vez que na primeira sessão as produções são mais variadas nas cenas de interação. Nesta sessão, a criança e as terapeutas, novamente, participam de trocas interativas em contextos com o artefato celular.

A criança participa ativamente, gesticula, produz holófrases, balbucios e blocos de enunciados em contextos de ligações telefônicas mediadas por E1 e E2. Em contextos em que as terapeutas interagem com a criança com brinquedos de montar e fantoche, foram encontradas poucas produções gestuais emblemáticas da criança e mais produções da E1.

Em situações envolvendo o telefonema, a criança produz gritos e enunciados ininteligíveis. Mais uma vez a criança produz um maior número de holófrases, menos balbucios e os blocos de enunciados. Dessa forma, comparativamente, houve uma pequena diminuição na produção vocal e menor variedade de emblemas.

3ª Análise C1- Sessão fonoaudiológica 2

Situação comunicativa 3 – Quer dançar?

Contexto: Após brincar com alguns brinquedos sentados no chão, a E1 levanta para inserir o vídeo no computador e convida a criança para dançar na sala.

Quadro 13. Fragmento de transcrição da terceira cena-C1

Tempo inicial	Tempo final	Trilha multimodal	Produção multimodal
05:16	05:18	P. oral E1	Vamos cantar a musiquinha vamos?
05:16	05:18	P. gestual E1	Anda pela sala
05:19	05:20	P. oral E1	Tu quer dançar C1?
05:16	05:21	P. gestual C1	Senta no chão e pega brinquedos
05:19	05:21	Olhar C1	Observa os brinquedos
05:19	05:21	P. oral E1	Tu quer dançar, C1?
05:22	05:24	P. oral E1	Quer dançar?

05:24	05:26	P. oral E1	Quer dançar?
05:24	05:26	P. gestual C1	Aponta para a P1 com objeto na mão

Quadro14: Cenas de interação terapeuta-C1



Olhar de E1 direcionado à criança



Olhar de C1 direcionado ao objeto



C1 aponta para E1

Quadro 15. Excerto mescla da terceira cena-C1

EXCERTOS DO <i>ELAN</i>				
▼ MESCLA C1				
N.	Anotação	Tempo In...	Tempo F...	Duração
64	levanta-se do chão [PV] INC	00:05:27...	00:05:30...	00:00:02...
65	caminha até o DVD	00:05:30...	00:05:32...	00:00:02...
66	olhando para o vídeo	00:05:49...	00:05:52...	00:00:02...
67	olha para o pé ergue o braço e balança	00:05:52...	00:05:55...	00:00:02...
68	olhando para o pé da P1	00:05:57...	00:05:58...	00:00:00...
69	olha para a P1 e em seguida para o próprio pé balança o pé de um lado para o outro	00:05:58...	00:06:03...	00:00:04...
70	olhando para P1 ergue a mão e balança o corpo de um lado para o outro batendo os pés	00:06:05...	00:06:07...	00:00:02...
71	olhando para as mãos da P1	00:06:09...	00:06:11...	00:00:01...
72	olhando para a P1 balança levemente a perna e junta as mãos	00:06:17...	00:06:20...	00:00:02...
73	Ao som da música olha para o vídeo toca no pé com a mão apontando (emblema)	00:06:25...	00:06:27...	00:00:02...
74	olhando para o chão bate o pé no chão caminha para o DVD	00:06:28...	00:06:32...	00:00:03...
75	[PV] Não	00:06:56...	00:06:57...	00:00:00...
76	olhando dentro da caixa abre a caixa [PV] INC	00:07:01...	00:07:05...	00:00:04...
77	abre a caixa	00:07:17...	00:07:19...	00:00:02...
PRODUÇÕES MULTIMODAIS C1				
▼ MESCLA P1				
N.	Anotação	Tempo In...	Tempo F...	Duração
84	olha o vídeo, aponta com dedo indicador para o vídeo (emblema) [PV]Fui ao mercado comprar café, veio ...	00:05:49...	00:05:57...	00:00:07...
85	[PV] fica em pé assim, ó!	00:05:57...	00:05:58...	00:00:00...
86	balançando o pé de um lado para o outro Eu sacodi, sacodi, sacodi. Mas a formiguinha não parava de sub...	00:05:58...	00:06:05...	00:00:06...
87	Fui ao mercado comprar batata roxa, veio a formiguinha e subi na minha coxa abaixa-se e balança as m...	00:06:05...	00:06:14...	00:00:09...
88	sacode a coxa balançando a perna de um lado para outro E a formiguinha não parava de subir	00:06:15...	00:06:20...	00:00:04...
89	balançando o corpo de um lado para o outro, batendo o pé no chão e balançando os braços com as mãos ...	00:06:20...	00:06:28...	00:00:07...
90	olha para a mão mostra a mão com o indicador de forma ritmada (emblema) Olha a mão, Petrus	00:06:28...	00:06:30...	00:00:01...
91	olha para o vídeo balança a mão, acenando sacodi, sacodi	00:06:30...	00:06:32...	00:00:02...
92	vai até Petrus Mas a formiguinha não parava de subir	00:06:32...	00:06:35...	00:00:03...
PRODUÇÕES MULTIMODAIS E1				

As cenas acima mostram o processo de construção do gesto de apontar pela criança e pela terapeuta. C1 é convidada a dançar por E1, porém desvia a atenção para os brinquedos que estão espalhados em cima do tapete. A criança utiliza o gesto de apontar com objeto direcionado a E1 no momento em que é questionada se quer participar da dança.

Posteriormente, a E1 aponta para o pé da criança de acordo com a música, em seguida, aponta para a sua coxa, e nesse momento aponta para a mão, como se encontra ilustrado na mescla de C1. A criança, neste momento, aponta em direção ao pé com a mão toda, enquanto a E1 aponta com o dedo indicador tocando na palma da mão. Nesta cena, a criança e a E1 produzem emblemas de forma sincrônica, cada um faz referência para uma região do corpo. Enquanto a criança retoma um gesto, a terapeuta chama a atenção da criança utilizando o apontar seguindo os comandos da música. A E1 aponta cantando a música, e a criança aponta com a ausência da produção vocal.

Segundo Cavalcante (2012), o gesto de apontar exerce uma posição de destaque em relação aos emblemas produzidos pela criança, inicialmente, o apontar ocorre de forma desordenada, assim como os demais emblemas, ao longo do tempo, vai se ajustando conforme as interações.

De acordo com Kendon (2004) o apontar pode ser realizado com distintas partes do corpo (a cabeça, a mão, o dedo, a face), e o que há em comum é a definição do movimento em forma de linha reta e mantida a posição por algum tempo endereçada ao alvo.

2ª Análise C1- Sessão fonoaudiológica 2

Situação comunicativa 4- A bola!

Contexto: A criança e as terapeutas estão no chão da sala. Inicialmente, a criança fala ao telefone, em seguida as terapeutas mudam o foco da cena utilizando dois fantoches, um para cada terapeuta. No final, a cena muda o foco outra vez e tem como objeto central a bola que é observada, primeiramente pela criança.

Quadro 16. Fragmento de transcrição da quarta cena

Tempo inicial	Tempo final	Trilha multimodal	Produção multimodal
15:11	05:12	P. oral C1	<i>Alô</i>
05:12	05:12	P. gestual C1	Com celular no ouvido(emblema/pant)
15:12	15:13	P. oral E2	<i>Tudo bom?</i>
15:12	15:13	P. gestual E2	Mão no ouvido em forma de telefone (emblema)
05:13	05:15	P. oral C1	<i>Dabeadeabola? (fala jargonizada)</i>
05:15	05:17	P. oral E2	<i>Você vai jogar bola com quem?</i>
05:15	05:17	Olhar E2	Olha para a criança
05:17	05:20	P. oral E2	<i>Você vai jogar bola com quem? Você vai jogar bola com quem?</i>
05:15	05:17	P. gestual E2	Afastando o celular do ouvido
05:17	05:19	P. oral E2	Abre a mão colocando sobre a mão da criança levando o celular até a orelha da criança
05:20	05:21	P. oral C1	(Enunciado Incompreensível)
15:20	15:21	P.gestual C1	Com celular no ouvido outra vez, levanta o outro braço conversando (gesticulação)
15:20	15:21	Olhar C1	Olhar distante, e ao gesticular olha para baixo
16:23	16:24	P. gestual C1	Sai de perto das terapeutas e se abaixa para pegar a bola
16:25	16:26	P. oral C1	<i>Booo! (pega a bola)</i>

16:26	16:28	P. oral E1/E2	<i>A bolaa!</i>
16:26	16:28	Olhar E1/E2	Observa a criança pegando a bola
16:46	16:50	P. oral E1	De quem é a bola, de C1 né?
16:50	16:51	P.oral C1	namm
16:50	16:51	P. gestual C1	Levanta o braço assustado em direção ao fantoche que está com a P2 (gesticulação)
17:18	17:20	P. gestual C1	Brinca com a bola batendo no chão
17:18	17:20	P.oral E2	<i>Vem joga pra mim!</i>
17:18	17:20	P.gestual E2	Estende o braço em direção à criança e fecha a mão, pedindo. (emblema)
17:21	17:22	P. oral C1	<i>Peguei!</i>
17:24	17:28	P.Oral E1	<i>Pegou! joga pra mim! Joga pra mim!</i>
17:24	17:27	P.gestual C1	Joga a bola para cima
17:27	17:29	P. oral E2	<i>Hehehe!</i> (levanta o braço em direção a bola)
17:29	17:30	P.gestual E2	Bate palmas (emblema)
17:30	17:31	P. gestual C1	Bate palmas (emblema)

Quadro17: Cenas de interação terapeuta-C1



Olhar de E1 e E2 em direção à C1



C1 insere a bola na cena



C1 se distanciando do fantoche



Sai em direção a porta



C1 joga a bola para cima



C1 bate palmas após E2

Quadro 18. Excerto mescla da quarta cena de C1

EXCERTOS DO <i>ELAN</i>							
PRODUÇÕES MULTIMODAIS C1							
Grade	Texto	Legenda	Lexicon	Comments	Reconhecedores	Metadados	Controles
▼ MESCLA C1							
>	N.	Anotação			Tempo Inici...	Tempo Final	Duração
	208	pega a bola [PV] peguei!			00:17:21.7...	00:17:22.3...	00:00:00.6
	209	joga a bola para cima			00:17:24.6...	00:17:27.0...	00:00:02.3
	210	caminha com a mão aberta até a P1			00:17:31.1...	00:17:34.0...	00:00:02.8
	211	olhando para a bola passando a bola de uma para outra			00:17:36.0...	00:17:39.0...	00:00:02.9
	212	[PV] bebebebedi			00:17:41.5...	00:17:44.0...	00:00:02.5
	213	caminhao em direção ao tapete segurando a bola			00:18:02.1...	00:18:04.0...	00:00:01.9
	214	joga a bola no chão			00:18:14.1...	00:18:16.0...	00:00:01.9
	215	segurando a bola			00:18:20.4...	00:18:23.9...	00:00:03.5
	216	balançando o pé			00:18:24.0...	00:18:27.0...	00:00:03.0
	217	bate palmas segurando a bola (emblema) [PV] uuuuu! (grito)			00:18:49.0...	00:18:52.9...	00:00:03.9
	218	[PV] bou			00:18:53.0...	00:18:55.0...	00:00:01.9
	219	olhando para bola segurando a bola com as duas mãos			00:19:01.9...	00:19:03.4...	00:00:01.4
PRODUÇÕES MULTIMODAIS DE E1							
▼ MESCLA P1							
	N.	Anotação			Tempo Inici...	Tempo Final	Duração
	121	olha para criança abre as mãos pedindo(emblema) [PV] Dá a tia a bola, joga			00:08:26.6...	00:08:28.9...	00:00:02.3
	122	mãos abertas			00:08:30.0...	00:08:32.0...	00:00:02.0
	123	ergue as mãos abertas (emblema) [PV] Joga pra tia			00:08:33.2...	00:08:34.2...	00:00:01.0
	124	aponta com indicador para a bola (emblema) [PV] A bola			00:08:34.3...	00:08:36.0...	00:00:01.7
	125	[PV] Petrus			00:08:36.1...	00:08:36.8...	00:00:00.7
	126	mãos abertas pedindo (emblema) [PV] Joga a bola pra tia			00:08:39.3...	00:08:40.9...	00:00:01.6
	127	[PV] Pegou, joga pra tia			00:08:45.2...	00:08:47.4...	00:00:02.1
	128	olhando para criança mãos abertas			00:08:50.0...	00:08:51.9...	00:00:01.9
	129	aproxima as mãos abertas da criança [PV] Joga pra mim não?			00:08:52.0...	00:08:54.0...	00:00:01.9
	130	[PV] Como é o nome?			00:08:57.2...	00:08:59.0...	00:00:01.8
	131	[PV] Cuidado			00:08:59.1...	00:09:00.6...	00:00:01.4

A partir desse excerto, visualizamos que a criança interage com as terapeutas com a utilização de três objetos na terapia (celular, fantoche e bola). Inicialmente, o diálogo se dá ao celular, e após a produção do enunciado da criança “bola”, entra em cena o próprio objeto. Observamos que criança ao interagir por meio da simulação da ligação telefônica, algumas características são apresentadas: olhar distante, tempo para a tomada de turno do interlocutor, produção vocal e gesticulação.

A criança se afastou do fantoche e, conseqüentemente das terapeutas, no entanto, voltou a participar da interação com o objeto celular e com o objeto bola. O extrato mostra que C1 e E2 produzem o mesmo emblema de bater palmas, e que assim como na primeira sessão, a tríade interage, principalmente, com a utilização do celular, em que o olhar e produção vocal estão voltados para essa tipologia emblemática.

Na mescla das produções linguísticas de E1, podemos observar o momento da produção do gesto de pedir com a mão estendida atrelado à produção vocal em sucessivas vezes. De acordo com Kendon (1982), os emblemas têm presença não obrigatória de fala e, nessa mescla, observamos que o mesmo gesto ocorre de forma simultânea à produção vocal consecutivamente, revelando que o gesto emblemático emerge atrelado aos enunciados nas cenas interativas.

Na mescla de produções linguísticas da E2, visualizamos onomatopeias ligadas ao som da chamada de celular. A terapeuta interage com a criança por meio da simulação da ligação telefônica, e utiliza a onomatopeia convidando C1 à interação.

A criança, geralmente, produz jargões, holófrases e enunciados ininteligíveis. Em relação aos jargões, Dromni (2002) aponta que são produções que tem o som de enunciados completos, e apresentam semelhança com afirmações e questionamentos, porém não contêm significado linguístico.

Terceira análise gesto-vocal de C1 – 2 a, 11 m e 25 d

Tabela 3. Quantificação e definição das produções de C1 na terceira sessão

EMBLEMAS	CONSTRUÇÃO	PRODUÇÃO VOCAL	TRANSCRIÇÃO
Telefonar (2)	Segura celular e bota diante do ouvido	Balbuício	Nananana Aah ooo bababau babau dindja bolindja /cantado
Apontar (6)	Aponta com o dedo indicador e com brinquedo na mão	Jargão	
Aplaudir (3)	Bate palmas	holófrases	Oi tia Bom Subi Tal(tchau)Banca(brincar) Exi (esse) Não Aqui Dois Dolta (solta) Carro Cainho (carrinho) Saiu Agola(agora) Moto Gato Tia Desligou? Alô Galinha
Despedir (1)	Movimenta a mão e dá tchau	Blocos de enunciados	A galinha Pintinho amarelinho A moto A bola Tudo bom?

Nesta sessão, observamos, de certo modo, uma estabilidade nas produções gestuais e produções vocais em relação à quantidade. O celular entra em cena novamente, e parte das produções gestuais e vocais mantêm ligação com o objeto. O gesto de apontar se encontra em evidência nesta sessão, produzido, geralmente, com a utilização do dedo indicador em direção a objetos e terapeutas. Assim como o apontar convencional, o gesto com significação em aplaudir-bater palmas, após determinada situação, está presente nas cenas de interação anteriores e nesta sessão.

A produção vocal infantil é variada, com um quantitativo expressivo em holófrases, assim como é visto na primeira e na segunda sessão. A criança, no decorrer da sessão, produziu uma quantidade maior de enunciados irreconhecíveis, superando, até mesmo, as produções classificadas acima. Dos enunciados compreensíveis, a criança produziu uma quantidade mínima de balbucios e jargões.

Em relação à interação, houve uma troca na sequência durante atendimento com as terapeutas, pois a criança, desta vez, inicia a terapia interagindo com a E2, e só mais adiante a E1 entra em cena. Novamente não houve rejeição por parte da criança em participar da terapia, do mesmo modo que ocorre nas sessões anteriores, de forma dinâmica, a tríade interage nesta sessão de terapia fonoaudiológica.

3ª Análise C1- Sessão fonoaudiológica 3

Situação comunicativa 5 –Dá tchau!

Contexto: A cena se passa no início da terapia. A criança entra na sala, é recebida pela E1 e inicia a sessão com a E2. A simulação de ligação telefônica é motivada pela E2, a criança fala ao celular, com uma produção vocal composta por enunciados ininteligíveis e de forma espontânea. Após a simulação do diálogo pelo celular, a E2 chama a atenção da criança para a câmera.

Quadro 19. Fragmento de transcrição da quinta cena-C1

Tempo inicial	Tempo final	Trilha multimodal	Produção multimodal
01:06	01:09	P. oral E2	<i>Ó a camera diga assim, oi</i>
01:06	01:08	P. gestual E2	Se aproxima da câmera e da criança
01:09	01:12	P. gestual C1	Se aproxima mais da câmera

01:11	01:12	P. oral C1	<i>oi</i>
01:12	01:12	P. oral E2	Tudo bom?
01:12	01:19	P. oral C1	Fala jargonizada
01:12	01:19	P. gestual C1	Se afasta da P2
01:16	01:18	P.oral E2	Vem pra cá vem pra cá
01:16	01:18	P. gestual E2	Estende o braço em direção a criança e flexiona os dedos chamando (emblema)
01:18	01:20	P. oral E2	Não não pode mexer não
01:18	01:20	P. gestual E1	Pega no braço da criança
01:20	01:22	P. oral E2	Olha aqui dá tchau
01:20	01:22	P. gestual E1	movimenta a mão em forma de tchal (emblema)
01:20	01:22	Olhar E2	Olha para a câmera de frente
01:20	01:22	P. gestual C1	Se aproxima da filmadora
01:20	01:22	Olhar C1	Olha para a câmera
01:22	01:24	P.gestual C1	Movimenta a mão em forma de tchau (emblema)
01:23	01:24	P. oral C1	<i>Oi!</i>
01:24	01:25	P. oral E2	<i>Tudo bom?</i>
01:25	01:25	P. oral C1	<i>Bom!</i>
01:25	01:26	P. gestual C1	Sai de perto da câmera

01:26	01:27	P.oral E2	<i>Tudo bom!</i>
01:26	01:27	P. gestual C1	Sai de perto da câmara
01:29	01:31	P. oral E2	<i>Vamos fazer?</i>
01:29	01:32	P.gestual P2	Caminha pela sala
01:29	01:32	P. gestual C1	Caminha pela sala com a mão na boca
01:29	01:32	Olhar C1	Olha para o chão
01:30	01:31	P. oral C1	vôoo
01:31	01:33	P. gestual C1	Apoia os dois braços na mesa
01:31	01:33	Olhar C1	Olhando para a mesa
01:31	01:33	P. oral E2	<i>vamo? não né pá subi aí não</i>
01:33	01:34	P. oral C1	<i>Subi!</i>
01:34	01:35	P. oral E2	<i>Subi!</i>

Quadro 20: Cenas de interação terapeuta-C1



A criança se aproxima da câmera



Finalização do emblema de chamar



C1 emblema de tchau da E2



C1 inicia o mesmo gesto



Emblema de tchau e olhar para a câmera



E2 direciona o olhar para C1

Quadro 21. Excerto mescla da quinta cena de C1

EXCERTOS DO <i>ELAN</i>				
PRODUÇÕES MULTIMODAIS C1				
MESCLA C1				
N.	Anotação	Tempo Inicial	Tempo Final	Duração
13	(coloca o celular em cima da mesa) tal tal	00:00:50.680	00:00:53.0...	00:00:02.3...
14	tchal (INC) bôta?	00:00:58.500	00:01:00.6...	00:00:02.1...
15	se aproxima da câmera oi	00:01:09.620	00:01:12.3...	00:00:02.7...
16	fala jargonizada (INC) se aproxima mais da câmera	00:01:12.320	00:01:19.7...	00:00:07.4...
17	olha para a câmera se aproxima da filmadora	00:01:21.131	00:01:22.5...	00:00:01.4...
18	olha para a câmera movimenta a mão em forma de tchal (emblema) [PV] oi	00:01:22.660	00:01:24.4...	00:00:01.8...
19	[PV] bom!	00:01:25.240	00:01:25.9...	00:00:00.7...
20	sai de perto da câmera	00:01:26.060	00:01:27.1...	00:00:01.1...
21	olha para o chão caminha pela sala com a mão na boca [PV] vôo	00:01:29.428	00:01:31.4...	00:00:02.0...
22	olha para a mesa apoia os dois braços na mesa	00:01:31.530	00:01:33.6...	00:00:02.1...
23	[PV] subi!	00:01:33.720	00:01:34.9...	00:00:01.2...
24	[Gargalhou] (virada a cabeça para tras)	00:01:44.230	00:01:47.0...	00:00:02.7...
25	[PV] bababau babau	00:01:56.760	00:02:00.3...	00:00:03.6...
26	[PV] Bancá	00:02:06.165	00:02:07.0...	00:00:00.8...

PRODUÇÕES MULTIMODAIS E2				
MESCLA P2				
N.	Anotação	Tempo Inicial	Tempo Final	Duração
13	[PV] Ó a câmera	00:01:06.790	00:01:07.6...	00:00:00.8...
14	[PV] Diga assim, oi"	00:01:07.690	00:01:08.9...	00:00:01.2...
15	[PV] tudo bom?	00:01:11.870	00:01:12.7...	00:00:00.9...
16	estende o braço em direção a criança e flexiona os dedos (emblema) chama [PV] vem pra cá v...	00:01:16.060	00:01:18.9...	00:00:02.8...
17	pega no braço da criança não não pode mexer não olha para a câmera olha aqui dá tchal! se ...	00:01:18.900	00:01:23.5...	00:00:04.6...
18	levanta e observa a criança [PV] tudo bom?	00:01:24.440	00:01:25.6...	00:00:01.2...
19	sai de perto da câmera [PV] tudo bom	00:01:26.060	00:01:27.1...	00:00:01.1...
20	caminha pela sala [PV] vamo fazer?	00:01:29.428	00:01:31.4...	00:00:02.0...
21	[PV] vamo? não né pá subi aí não	00:01:31.530	00:01:33.6...	00:00:02.1...
22	[PV] subi!	00:01:34.713	00:01:35.7...	00:00:01.0...

O excerto e as mesclas utilizadas nesta análise mostram que as produções vocais e gestuais da criança são estimuladas pela terapeuta em cenas de atenção conjunta. A E2 em todo momento interage fazendo perguntas para que a criança ocupe seu espaço na interação.

Visualizamos a criança observando o movimento corporal da terapeuta (levanta a mão, abre os dedos, balança para um lado e para o outro) e atenta à solicitação da E2. Em seguida, notamos a criança direcionando olhar para a E2 e para o mesmo objeto (câmera), construindo o gesto emblemático.

De acordo com Costa Filho (2011), no momento em que a criança observa o objeto e um adulto, dividindo a atenção no mesmo espaço, ocorre a atenção de verificação. Isso se dá em cenas que envolvem, conjuntamente, adulto e criança dando atenção para determinado objeto.

Nesta sessão observamos, novamente, que a criança comunica-se por meio gestos, mas há um número maior de holófrases e enunciados ininteligíveis. Observamos que a partir de enunciados da E2, a criança recorta a fala da terapeuta e produz holófrases, como em “tudo bom? / bom !” “né pá subi aí, não! /subi”.

3ª Análise C1- Sessão fonoaudiológica3

Situação comunicativa 6—cadê o carro?

Contexto: A criança e a E1 guardam brinquedos espalhados pelo chão. A terapeuta observa um carrinho entre os brinquedos e mostra à criança.

Quadro 22: Fragmento de transcrição da sexta cena de C1

Tempo inicial	Tempo final	Trilha multimodal	Produção multimodal
05:24	05:29	P. oral E1	<i>Cadê o carro? cadê o carro? Cadê o carro que eu te dei?</i>
05:25	05:27	P. gestual E1	Aponta em direção ao centro da sala com o dedo indicador (emblema)
05:25	05:27	Olhar E1	Olha em direção ao centro da sala

05:28	05:29	P. gestual C1	Se aproxima mais da câmara, dá as costas para a E1
05:26	05:29	P. oral C1	<i>Carru?</i>
05:29	05:30	P. gestual C1	Se afastando da E1 e aponta para trás com dedo polegar
05:29	05:30	P. oral C1	<i>Taiu..</i>
05:29	05:30	Olhar C1	Olha para trás
05:31	05:37	P. gestual C1	Fica de frente para a E1
05:29	05:32	P. oral E1	<i>Cadê o carro?</i>
05:30	05:33	P. oral C1	(<i>INC</i>)- entonação de explicação
05:30	05:33	Olhar C1	Olha para a E2
05:30	05:33	P. gestual C1	com as mãos fechadas arquea os braços em frente ao corpo e os balança rapidamente (gesticulação)
05:32	05:33	P. oral E1	Hã?
05:32	05:34	P. oral C1	(mesma produção <i>INC</i>)- entonação de explicação
05:32	05:34	P. gestual C1	aponta com o dedo indicador para a parede (emblema)
05:32	05:34	Olhar C1	olha para a parede e para a E1
05:30	05:34	Olhar E1	Olha para a criança
05:32	05:34	P.Oral E1	<i>Cadê o carro?</i>

05:34	05:36	P. oral C1	(produção INC) parecida com as vocalizações anteriores, porém, parecendo uma nova tentativa de explicação
05:34	05:36	P. oral E1	Aponta e direciona os dedos indicadores para frente. Toca um no outro movimentando o corpo para o lado (emblema/gesticulação)
05:36	05:38	P. gestual E1	Procura o carro aqui na sala!
05:38	05:39	P. gestual C1	Sai andando pela sala olhando para o chão
05:39	05:40	P.oral C1	<i>Brai?</i>
05:39	05:43	P. gestual C1	Se abaixa, pega o objeto com a mão esquerda e se aproxima da E1
05:41	05:48	P.Oral E1	<i>Issooo cadê ? dá pra mim? Dá pra mim o carro</i>
05:43	05:48	P. gestual E1	Estende a mão em direção a criança pedindo (emblema)
05:41	05:45	P. gestual C1	Segura o objeto com a mão esquerda sobre o peito, levanta a mão direita olhando para o espelho
05:45	05:47	P. gestual C1	Entregando o carrinho na mão da E1
05:47	05:48	P.oral C1	<i>Cainhu?</i>
05:47	05:47	P. gestual C1	entrega objeto a E1 e se aproxima do espelho
05:48	05:50	P.Oral E1	<i>Éé o carrinho!</i>
05:48	05:50	P. gestual E1	Levanta com objeto na mão

Quadro 23: Sexta cena de interação terapeuta-C1



A terapeuta aponta para objeto



A criança aponta para trás



C1 aponta em direção ao armário



C1 faz a gesticulação olhando para a E1



E1 aponta, faz movimento circular



P1 pede objeto a C1

Quadro 24. Excerto mescla da sexta cena de C1

EXCERTOS DO <i>ELAN</i>				
PRODUÇÕES MULTIMODAIS C1				
▼ MESCLA C1				
N.	Anotação	Tempo Inic...	Tempo Final	Duração
97	caminhando pela sala, abre as mãos em direção ao chão (gesticulação) [PV] cainho!	00:06:45.0...	00:06:45.8...	00:00:00...
98	(INC) aponta com o dedo indicador direito (emblema)	00:06:48.6...	00:06:50.1...	00:00:01...
99	(INC) aponta com o dedo indicador esquerdo (emblema)	00:06:50.3...	00:06:52.6...	00:00:02...
100	[PV] moto?	00:06:56.6...	00:06:57.7...	00:00:01...
101	(caminhando pela sala)	00:06:58.0...	00:07:01.1...	00:00:03...
102	aponta com o dedo indicador direito para o armário (emblema) (INC)	00:07:01.2...	00:07:04.3...	00:00:03...
103	(INC)	00:07:07.3...	00:07:10.3...	00:00:02...
104	[PV] cainho	00:07:35.0...	00:07:36.5...	00:00:01...
105	(senta-se no chão segurando um carro com a mão esquerda)	00:07:48.0...	00:07:50.2...	00:00:02...
PRODUÇÕES MULTIMODAIS E1				
▼ MESCLA P1				
N.	Anotação	Tempo Ini...	Tempo Fin...	Duraçã
73	[PV] A moto?	00:08:56....	00:08:57....	00:00:01.
74	olhando para a criança [PV] Tu sabe a música do pintinho amarelinho?	00:09:04....	00:09:08....	00:00:03.
75	[PV] como é a música do pintinho amarelinho?	00:09:08....	00:09:10....	00:00:02.
76	batendo palmas (emblema) [PV]meu pintinho amarelinho	00:09:10....	00:09:14....	00:00:03.
77	abre a mão esquerda e com o indicador direito aponta para o centro da mão (emblema) [PV]Cabe aqui ...	00:09:14....	00:09:18....	00:00:04.
78	[PV]Quando quer? canta!	00:09:18....	00:09:21....	00:00:02.
79	(**)olhando para a criança(**) batendo palmas (emblema) [PV] Meu pintinho amarelinho	00:09:23....	00:09:26....	00:00:02.
80	[PV] Vem cá. Olha	00:10:07....	00:10:10....	00:00:02.
81	[PV] Depois a gente brinca com a bola, senta aqui com tia	00:10:10....	00:10:14....	00:00:03.

Nesta situação comunicativa constatamos que a criança aponta convencionalmente e produz enunciados incompreensíveis ao explicar os questionamentos da terapeuta. Além de explicações, a criança faz questionamentos e afirmações ao produzir holófrases.

Observamos que a criança participa e interage com as terapeutas em um processo de construção linguística que envolve gestos, olhar, prosódia e produção vocal, constituindo a matriz multimodal em contextos de atenção conjunta. Ressaltamos que esse processo de interação terapeuta-criança favorece as produções linguísticas da criança, e que o emblema se encontra inserido como favorecedor para a comunicação entre a criança e a terapeuta.

Quantitativamente, os dados de C1 apontam que a produção emblemática-vocal da criança se manteve de forma linear. Ao longo das três sessões analisadas, a variabilidade se deu apenas na tipologia das produções emblemáticas, e qualitativamente não houve diferenças

significativas. Em relação às produções vocais, novamente há uma linearidade na relação entre a classificação, na qual as holófrases, em todas as sessões se manteve em evidência.

Nas próximas sessões observamos o processo de construção dos emblemas em C2, em cenas de atendimento fonoaudiológico, para que mais adiante possamos analisar e representar os resultados globais dos dois irmãos com Síndrome de Down.

3.2 Análise das produções multimodais de C2

Primeira análise gesto-vocal de C2- 6 a, 6 m e 29 d

Tabela 4. Quantificação e definição das produções de C2 na primeira sessão

EMBLEMAS	CONSTRUÇÃO	PRODUÇÃO VOCAL
Apontar convencional (16) Apontar com objeto (1) Pedir (2) Aplaudir (1)	Aponta com dedo indicador para o cartaz e para si mesmo. Com a caneta em mãos aponta para o cartaz Estende o braço em direção às terapeutas Bate palmas após realização da atividade	Não apresenta produção vocal

Para esta sessão as terapeutas planejaram uma atividade envolvendo um cartaz com o desenho de uma pessoa faltando o desenho das partes do corpo e recortes de roupas para

trabalhar as partes do corpo humano com a criança. Por motivo de doença a estagiária 2 faltou no atendimento anterior, a E1 faz alguns questionamentos, mas a criança não responde, apenas observa a organização dos recortes da atividade.

Durante toda a sessão, a criança algumas vezes tenta sair da cena de interação, se afasta do cartaz de atividade e das terapeutas e da câmera. Em alguns momentos as terapeutas vão até a criança, pegam em sua mão e a aproxima da atividade para dar continuidade ao atendimento.

Como é apresentado na tabela acima, notamos que a criança produz emblemas, principalmente, o gesto de apontar classificado como convencional. Em relação às produções vocais, a criança, durante toda a sessão, percebemos a ausência dessa produtividade por parte da criança.

No fragmento abaixo, observamos a produção emblemática e a interação entre C2 e as terapeutas em um contexto de atendimento clínico.

1ª Análise C2- Sessão fonoaudiológica 1

Situação comunicativa 1 “o olho do palhaço”

Contexto: A C1 e a E2 estão diante do desenho a ser preenchido com recortes e desenhos das partes do corpo. As terapeutas chamam a atenção da criança para a realização da atividade.

Quadro 25. Fragmento de transcrição da primeira cena de C2

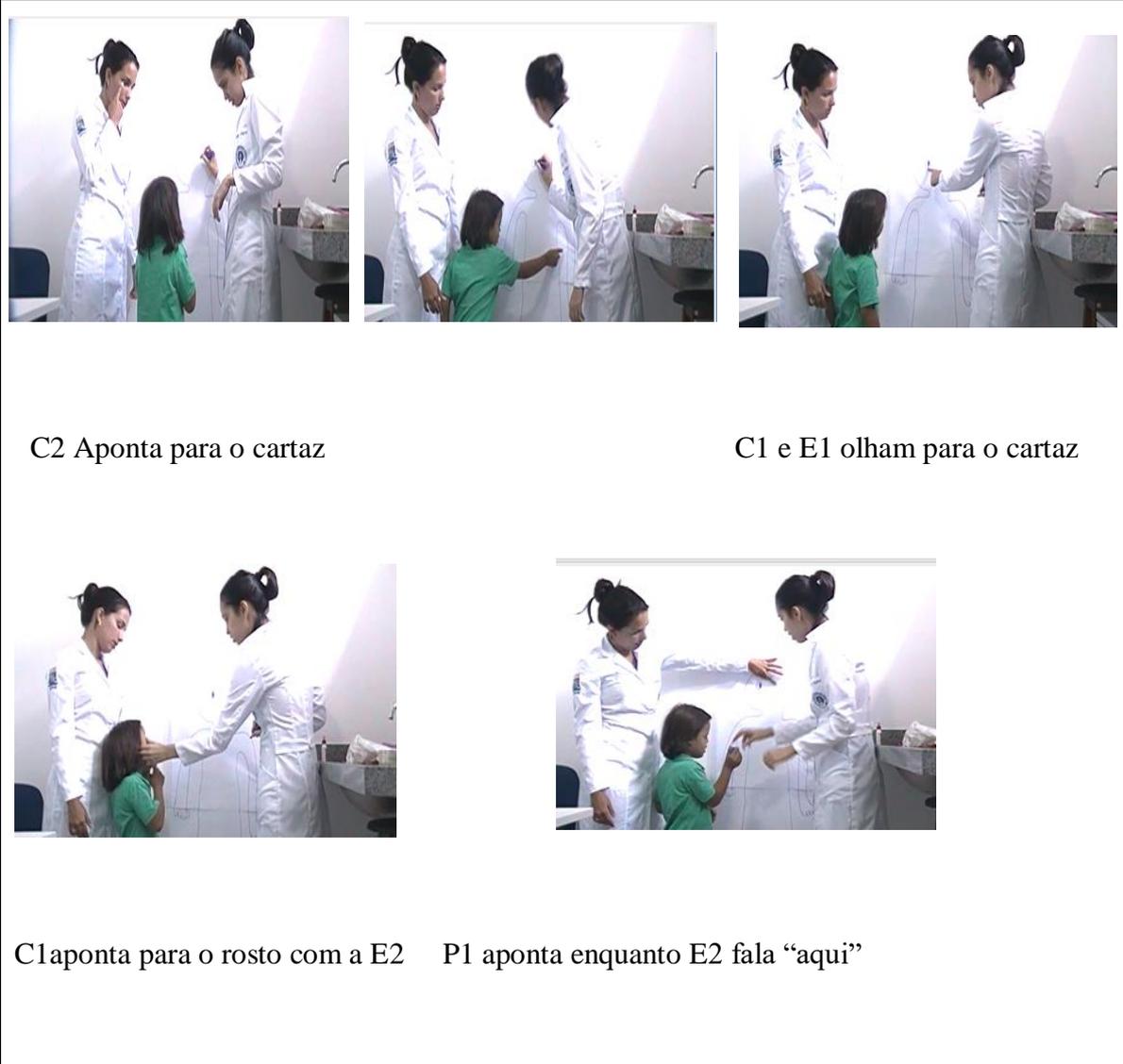
Tempo inicial	Tempo final	Trilha multimodal	Produção multimodal
07:26	07:36	P. oral E2	<i>Ó vamo fazer o olho do palhaço? vamo fazer eu vou fazer um e você vai fazer outro. Presta atenção!</i>
07:28	07:36	P. gestual E2	Bota a mão no peito e depois estende em direção à criança. Se aproxima do cartaz e encosta o braço

07:28	07:36	Olhar E2	Olha para a criança
07:29	07:30	P. gestual E2	Em frente ao cartaz, bota as mãos nos seus olhos no momento em que a P2 fala “ <i>olho do palhaço</i> ”.
07:31	07:33	P. gestual E1	Aponta para seu próprio olho -movimenta o dedo (emblema)
07:28	07:37	Olhar E1	Em direção à C2
07:37	07:47	P. gestual E2	Desenhando o olho no cartaz
07:45	07:53	P. gestual C1	Aponta para um lado e para o outro (emblema) na "cintura" do palhaço, bota os dedos indicadores no rosto (emblema) apontando e segura caneta para desenhar
07:45	07:53	P. oral E2	<i>Tá vendo C2, eu fiz um olho agora desenha o outro olho</i>
07:45	07:53	P. gestual E2	Desenha o olho, aponta para o olho desenhado (emblema) põe o dedo polegar no olho fechado da criança (emblema) entrega caneta para a criança
07:53	07:53	P.oral E2	<i>Aqui ó !</i>
07:53	07:54	P. gestual E1	Aponta com dedo indicador para o local no cartaz (emblema)
07:53	07:54	Olhar C1	Olhando para o cartaz com caneta que recebe da E2 na mão

Quadro 26. Excerto mescla da primeira cena de C2

EXCERTOS DO <i>ELAN</i>							
ade	Texto	Legenda	Lexicon	Comments	Reconhecedores	Metadados	Controles
▼ MESCLA C2							
N.	Anotação				Tempo Inicial	Tempo Final	Duração
10	olha para baixo (cartaz)				00:05:21.812	00:05:24.032	00:00:02.22
11	olha para a parede				00:05:28.440	00:05:30.350	00:00:01.91
12	baixa e levanta-se pega algum objeto		olha para a parede (desenho)		00:05:38.290	00:05:43.070	00:00:04.78
13	olha para a P2				00:05:56.960	00:05:59.230	00:00:02.27
14	olha para os objetos mostrados pela P1				00:06:26.240	00:06:28.700	00:00:02.46
15	olha para a P2				00:06:37.570	00:06:38.790	00:00:01.22
16	aponta para desenho- para o rosto do palhaço com dedo indicador (emblema)				00:06:40.060	00:06:43.790	00:00:03.73
17	olha para a P2 aponta para seu nariz (emblema) boca aberta levanta a cabeça para cima, abre a boca e sopra				00:06:43.900	00:06:53.520	00:00:09.62
18	levanta as sobrancelhas, abre bem os olhos e a boca olha para o desenho assopra observa desenho na parede				00:06:55.720	00:07:01.770	00:00:06.05
PRODUÇÕES MULTIMODAIS C2							
PRODUÇÕES MULTIMODAIS P1							
Grade	Texto	Legenda	Lexicon	Comments	Reconhecedores	Metadados	Controles
▼ MESCLA P1							
N.	Anotação				Tempo Inicial	Tempo Final	Duração
25	olha para a criança (baixo)				00:05:38.190	00:05:39.850	00:00:01.66
26	olha para a criança se aproxima do desenho na parede por tras da criança				00:05:39.860	00:05:43.070	00:00:03.21
27	segurando mão da criança a outra mão na parede				00:05:43.560	00:05:46.080	00:00:02.52
28	olha para a criança olha para o desenho na parede olha para a criança [PV] vamo esperar que a gente vai fazer ...				00:05:46.220	00:05:53.550	00:00:07.33
29	bota a mão no desenho apontando (emblema) [PV] ó o palhaço!				00:05:56.960	00:05:59.230	00:00:02.27
30	fica por trás da criança, segura sua mão e guia desenham o dedo				00:06:00.880	00:06:04.410	00:00:03.53
31	olha para o desenho [PV] a máaa				00:06:05.300	00:06:06.750	00:00:01.45
32	aproxíma-se da mesa com a criança [PV] a roupa				00:06:08.530	00:06:10.580	00:00:02.05
33	por trás da criança mostra o objeto, inclina-se para a esquerda [PV] a calça!				00:06:11.870	00:06:14.790	00:00:02.92

Quadro 27: Cena de interação terapeutas-C2



No extrato acima, observamos umas das primeiras produções gestuais emblemáticas da criança ao fazer uso do gesto dêitico na interação. Assim como a criança, as terapeutas fazem uso do gesto de apontar chamando a atenção para o cartaz, fazendo referência para a própria parte do corpo, para a figura que representa o corpo a ser desenhada e para o outro sujeito na interação.

Observamos que em 07:53 a E1 fala “aqui ó” e a E2 aponta direcionado ao cartaz fazendo uma sustentação na produção vocal da E2, olhando em direção ao mesmo objeto. Segundo McNeill (1992), os gestos dêiticos têm essa característica de acompanhar os

demonstrativos “aqui” “ali”, assim como fazer uma referência ao “eu” ou ela”. Pode ser feito com parte do corpo (queixo, mão braço) ou com objeto manipulado.

Em relação à semântica do gesto de apontar, Vesali (2012) reitera que os gestos dêiticos têm modalizações semelhantes aos dêiticos verbais, como por exemplo, a produção dos *pointings* no lugar de pronomes pessoais “eu-você/tu”. No exemplo acima, o gesto e a fala das terapeutas se complementam fazendo referência a um objeto concreto na interação.

1ªAnálise C1- Sessão fonoaudiológica 1

Situação comunicativa 2- cadê tua orelha?

Contexto: Após iniciar a atividade desenhando os olhos, C1 e E2 passam a desenhar as orelhas. Enquanto a terapeuta chama a atenção da criança para a atividade, seu o olhar é direcionado à caneta que se encontra com a E2. A E1 se mantém distanciada da câmera nesta cena de interação.

Quadro 28. Fragmento de transcrição da segunda cena de C2

Tempo inicial	Tempo final	Trilha multimodal	Produção multimodal
11:00	11:01	P. gestual C2	Estende o braço em direção à caneta que está com a E2 parece pedir (emblema)
11:00	11:01	Olhar C2	Olha para a caneta
11:01	11:03	P. oral E1	Olha pra mim, Pietro
11:02	11:03	P. gestual E2	Aponta com caneta na mão para a E2 (emblema)
11:02	11:04	Olhar E2	Olha para a E2 e para a criança
11:02	11:04	P. oral E2	<i>Olha pra ali</i>

11:02	11:04	Olhar C2	Vira e olha para a E1
11:03	11:04	P. oral E1	<i>Cadê tua orelha?</i>
11:03	11:05	P. gestual C2	Aponta para a sua bochecha encosta bem coloca o dedo (emblema)
11:03	11:05	Olhar C2	Olha para a E2
11:03	11:05	Ex. Facial	Abre a boca
11:05	11:07	P. oral E2	<i>A orelha, a orelha né aqui não</i>
11:05	11:07	P. gestual E2	Aponta para sua orelha encosta o dedo e balança a cabeça -parece negar (emblema)
11:06	11:08	P.oral E2	<i>Olhe pra lá pra E1</i>
11:06	11:08	P. gestual E2	Aponta com dedo indicador para terapeuta (E2)
11:09	11:11	P. gestual C2	Estende o braço esquerdo -parece pedir a caneta que está com a E2 (emblema)

Quadro 29: Segunda cena de interação terapeutas-C2



apontar/pedir-emblemas/dêixis



Apontar simultâneo E2 e C2



C2 observa o gesto da E2



Olhar em direção à C2 e apontar para a E1

Quadro 30. Excerto mescla da segunda cena de C2

EXCERTOS DO <i>ELAN</i>							
PRODUÇÕES MULTIMODAIS E2							
Grade	Texto	Legenda	Lexicon	Comments	Reconhecedores	Metadados	Controles
▼ MESCLA P2							
>	N.	Anotação			Tempo Inicial	Tempo Final	Duração
	84	[PV] mais embaixo olha e ajusta o desenho com a criança			00:13:51.200	00:13:52.690	00:00:01.49
	85	bate palmas - parece elogiar a criança (emblema) aiiiii!			00:13:57.340	00:13:59.470	00:00:02.13
	86	destaca durex			00:14:02.595	00:14:04.095	00:00:01.50
	87	cola durex no desenho			00:14:08.090	00:14:09.650	00:00:01.56
	88	segura durex			00:14:27.040	00:14:28.900	00:00:01.86
	89	destaca durex e guarda na mesa P1			00:14:31.970	00:14:34.330	00:00:02.36
	90	observa P1 e criança colando			00:14:43.685	00:14:45.675	00:00:01.99
	91	[PV] aí tá certo Pietro! bate palmas (emblema) parabeniza a criança/olha para a criança e junta os lábios para dentro			00:14:45.685	00:14:50.520	00:00:04.84
	92	[PV] cabeça ombro Joelho e pé Joelho e pé			00:14:53.470	00:14:58.050	00:00:04.58
	93	observa a criança [PV] tem mais o que aí? num tem mais falta o sapato o palhaço			00:14:58.107	00:15:02.367	00:00:04.26
PRODUÇÕES MULTIMODAIS C2							
Grade	Texto	Legenda	Lexicon	Comments	Reconhecedores	Metadados	Controles
▼ MESCLA C2							
>	N.	Anotação			Tempo Inicial	Tempo Final	Duração
	80	cola objeto com P1			00:14:43.775	00:14:45.095	00:00:01.32
	81	observa a P2 batendo palmas bota a língua para fora e ri bate balmas (emblema)			00:14:47.815	00:14:49.905	00:00:02.09
	82	pega durex em cima da mesa			00:14:51.445	00:14:53.265	00:00:01.82
	83	se aproxima do desenho			00:14:53.415	00:14:55.505	00:00:02.09
	84	se afasta do desenho e sai em direção à mesa			00:14:58.720	00:15:01.500	00:00:02.78
	85	abaixa-se perto do desenho de costas para a câmara			00:15:01.585	00:15:03.465	00:00:01.88
	86	levanta-se mexe no desenho			00:15:05.990	00:15:08.090	00:00:02.10
	87	levanta o antebraço - gesticulação abre a boca ao correr			00:15:12.405	00:15:14.535	00:00:02.13
	88	perto do desenho onha para a P1			00:15:19.335	00:15:21.485	00:00:02.15

A cena mostra uma situação que ocorre em alguns momentos durante a atividade elaborada pelas terapeutas, pois a criança trocava a posição das partes do corpo ao ser questionada. Nos recortes visuais observamos que a criança olha atentamente para a caneta, ao apontar abre a boca, mas não produz som ou enunciado.

As terapeutas antes de desenhar as partes do corpo no cartaz, perguntam à criança a respeito da localização da parte a ser representada no cartaz e apontam como indicação. Nesta cena, observamos mais emblemas, além do apontar convencional a criança produz o dêitico de

pedir estendendo o braço, e a terapeuta produz o emblema de negação balançando a cabeça para um lado e para o outro.

De acordo com Lima (2014), os gestos de apontar são produzidos pelas crianças em contextos de interação, com o passar do tempo, não desaparecem, pois a criança passa a produzir com mais intensidade, combinando-os com maior frequência visando estabelecer a interação com o parceiro.

Nas mesclas observamos que, ao término da sessão, a criança observa os aplausos das terapeutas elogiando a participação na atividade e produz o mesmo gesto, batendo palmas e olhando para E1 e E2. Durante toda a sessão, a criança, em alguns momentos, sai de cena e as terapeutas se dirigem até o local em que ela se encontra e pegam em sua mão para que possa retornar ao atendimento. Percebemos que as profissionais tentam chamar a atenção da criança, mas apenas chegando ao término da sessão, no desenrolar da atividade da colagem, a criança fica mais atenta e mais participativa na interação.

Segunda análise gesto-vocal de C2- 6 a, 7m e 6d

Tabela 5. Quantificação e definição das produções de C2 na segunda sessão

EMBLEMAS	CONSTRUÇÃO	PRODUÇÃO VOCAL
Apontar convencional (8)	Aponta com dedo indicador para o cartaz	Não apresenta produção vocal
Apontar tocando no objeto (9)	Aponta para o cartaz com a mão toda e com dedo indicador tocando-o	
Pedir (3)		
Afirmar (1)	Estende o braço em direção às terapeutas	

	Balança a cabeça para cima e para baixo afirmando	
--	---	--

A atividade planejada para esta sessão envolve novamente um cartaz exposto na parede da sala. Apenas a E1 participa do atendimento, a E2 estava na clínica e precisou se ausentar no momento da terapia. A atividade consiste em observar e colar as partes da face de um desenho em um rosto feminino e no rosto masculino. Abaixo dos desenhos a ser preenchidos com os recortes tem um desenho completo de uma pessoa.

A terapeuta deixa os recortes em cima da cama e solicita que a criança pegue um recorte de cada vez. A criança não se dispõe a atender os pedidos da E1, sentada na cama apenas observa o cartaz, e após a insistência da E1 é que começa a participar da atividade. Daí em diante, C1 apresenta uma interação mais evidente, algumas vezes sai do foco de atenção, porém demonstra mais interesse pela atividade se comparado com a primeira sessão, na qual a C2 saía da cena de atendimento se negando interagir com as terapeutas.

2ª Análise C2- Sessão fonoaudiológica 2

Situação comunicativa 3- qual é a menina?

Contexto: Após pegar a criança que estava sentada na cama e colocá-la no chão, a terapeuta inicia uma atividade de colagem.

Quadro 31. Fragmento de transcrição da terceira cena de C2

Tempo inicial	Tempo final	Trilha multimodal	Produção multimodal
----------------------	--------------------	--------------------------	----------------------------

04:33	04:35	P. oral E1	<i>Qual é a menina, é essa ou essa?</i>
04:33	04:35	Olhar E1	Olha para o cartaz
04:33	04:35	P. gestual E1	Aponta para um lado e para o outro tocando no cartaz com as pontas dos dedos
04:33	04:35	Olhar C2	Observa o cartaz
04:35	04:36	P. gestual C2	Aponta para as duas figuras com a mão aberta utilizando a ponta dos dedos
04:35	04:36	Olhar C2	Olha para cada figura no cartaz
04:36	04:38	P.oral E1	<i>é só um, diz pra mim qual é..</i>
04:36	04:38	Olhar E1	Olha para a criança
04:36	04:38	P. gestual E1	Mostra o dedo indicador e movimenta-o se referindo ao número 1 (emblema)
04:36	04:38	Olhar C2	Olha para a E2
04:40	04:42	P. gestual C2	Aponta para as duas figuras com o dedo indicador, e em seguida olha para a E1

Quadro 32: Terceira cena de interação terapeutas-C2

E1 aponta e C2 observa



O apontar de C1 observado pela terapeuta



C2 observa o gesto da E2



Olhar de E1 em direção ao apontar de C1

Quadro 33. Excerto mescla da terceira cena de C2

EXCERTO DO <i>ELAN</i>					
PRODUÇÕES MULTIMODAIS C2 E P1					
▼ MESCLA C2 P1					
>	N.	Anotação	Tempo Ini...	Tempo Final	Duraçã
	11	[PVP1] tu cola pra mim? observa atento a ação da P1 boca aberta se aproxima da P1	00:02:10...	00:02:11.7...	00:00:01.1
	12	passando cola na figura [PVP1] cola?	00:02:12...	00:02:14.7...	00:00:01.5
	13	observando a ação da P1 [PVP1] onde é que a gente vai colá o short do buneco?	00:02:16...	00:02:18.9...	00:00:02.1
	14	[PVP1] onde é?	00:02:19...	00:02:20.5...	00:00:00.8
	15	[C2] observa cartaz se aproxima do cartaz [PVP1] aponta!	00:02:20...	00:02:22.6...	00:00:01.8
	16	[P1] com figura na mão também se aproxima do cartaz [PVP1] aponta pra mim onde é	00:02:22...	00:02:24.1...	00:00:01.4
	17	[C2] olha o cartaz de perto	00:02:24...	00:02:25.3...	00:00:01.1
	18	[PVP1] é aqui? P1 aponta para uma figura (emblema) usa o dedo indicador	00:02:26...	00:02:28.3...	00:00:01.5

Nesta situação comunicativa, notamos que a criança através do olhar observa toda a ação da terapeuta. Mesmo observando atentamente, muitos dos questionamentos feitos pela E1 não são respondidos adequadamente pela criança como em “qual é a menina, é essa ou essa?”, em que a terapeuta de forma associada à pergunta utiliza o recurso gestual dêitico referenciando o objeto, mas mesmo assim a criança aponta para as duas figuras. Percebe-se uma dificuldade por parte da criança em distinguir o gênero masculino e feminino nesse fragmento. A produção gestual da terapeuta é atrelada à produção vocal, em que uma não ocupa o lugar da outra, mas se complementam linguisticamente na cena interativa, uma vez que o gesto e a fala estão integrados em uma única matriz de significação (MCNEILL, 1982).

A criança faz uso do apontar com a mão aberta e tocando com a ponta do dedo indicador no objeto. Observamos que em muitos momentos a terapeuta aponta para o objeto, solicita que a criança mostre determinado espaço e, em seguida, a criança aponta. Percebemos que geralmente C1 recorta o gesto da terapeuta, utiliza o emblema de apontar como forma de interação associado ao olhar.

2ª Análise C2- Sessão fonoaudiológica 2

Situação comunicativa 4- cadê tua orelha?

Contexto: Após pegar a criança que estava sentada na cama e colocar no chão, a E1 interage com C2 com a utilização de um cartaz exposto na parede da sala. São exploradas nesta sessão as partes do corpo humano.

Quadro 34. Fragmento de transcrição da quarta cena de C2

Tempo inicial	Tempo final	Trilha multimodal	Produção multimodal
21:15	21:20	P. oral E1	<i>colá aqui ó.. aqui.. certo?</i>
21:15	21:20	Olhar E1	Olha para o cartaz
21:15	21:20	P. gestual E1	bate com a mão aberta no cartaz apontando (emblema)
21:15	21:17	Olhar C2	Observa o cartaz
21:15	21:18	P. gestual C2	levanta o braço em direção ao cartaz e abaixa
21:17	21:19	Olhar C2	Olha para a terapeuta
21:20	21:21	P.oral E1	<i>Tá certo?</i>
21:20	21:21	Olhar E1	Olha para a criança
21:21	21:22	Olhar E1	Olha para a câmera
21:21	21:22	P. gestual C2	Balança a cabeça para cima e para baixo três vezes indicando positividade(emblema)
21:21	21:22	Olhar C2	Olha para a E1

21:23	21:24	P. gestual E1	posiciona figura no cartaz
-------	-------	---------------	----------------------------

Quadro 35: Quarta cena de interação terapeutas-C2



C2 observando a terapeuta



C2 afirma e E1 observa

Quadro 36. Excerto mescla da quarta cena de C2

EXCERTO DO <i>ELAN</i>					
PRODUÇÕES MULTIMODAIS C2 E E1					
▼ MESCLA C2 P1					
>	N.	Anotação	Tempo I...	Tempo Fi...	Duração
▶	248	[P1] mostra figura [C2] toca na figura com dedo indicador e aponta para o cartaz (2x emblema) [OC2] cartaz P1 aponta para ...	00:22:39...	00:22:42...	00:00:03...
	249	[OC2] observa a figura [P1] segura e mostra figura à criança [C2] aponta para cartaz com dedo indicador (emblema)	00:22:42...	00:22:44...	00:00:01...
	250	[PVP1] éé vamo colá? [OC2] observa a ação da P1 que está passando cola na figura	00:22:44...	00:22:48...	00:00:03...
	251	[OC2] P1 figura [PVP1] cola a barriga!	00:22:55...	00:22:56...	00:00:01...
	252	[PVP1] vamo colá.. cola pra mim...	00:23:27...	00:23:29...	00:00:01...
	253	dá recorte à criança	... 00:23:30...	00:23:36...	00:00:06...
	254	observa a ação da P1	... 00:23:39...	00:23:42...	00:00:02...
	255	[C2] observa cartaz	... 00:23:42...	00:23:49...	00:00:07...
	256	[P1] aponta com as pontas dos dedos e mão completa para o cartaz (emblema) a cabeça?	... 00:23:50...	00:23:52...	00:00:02...

Nesta situação comunicativa, notamos que a criança através do olhar observa toda a ação da terapeuta. Mesmo observando atentamente, muitos dos questionamentos feitos pela E1 não são respondidos adequadamente pela criança como em “qual é a menina, é essa ou essa?”, em que a terapeuta de forma associada à pergunta utiliza o recurso gestual dêitico referenciando o objeto, mas mesmo assim a criança aponta para as duas figuras. Percebe-se uma dificuldade por parte da criança em distinguir o gênero masculino e feminino nesse fragmento. A produção gestual da terapeuta é atrelada à produção vocal, em que uma não ocupa o lugar da outra, mas se complementam linguisticamente na cena interativa, uma vez que o gesto e a fala estão integrados em uma única matriz de significação (MCNEILL,1982).

A criança faz uso do apontar com a mão aberta e tocando com a ponta do dedo indicador no objeto. Observamos que em muitos momentos a terapeuta aponta para o objeto, solicita que a criança mostre determinado espaço e, em seguida, a criança aponta. Percebemos que geralmente C1 recorta o gesto da terapeuta, utiliza o emblema de apontar como forma de interação associado ao olhar.

Segunda análise gesto-vocal de C2 – 6 a, 9 m e 28d.

Tabela 6. Quantificação e definição das produções de C2 na terceira sessão

EMBLEMAS	CONSTRUÇÃO	PRODUÇÃO VOCAL
Apontar convencional (12)	Aponta com dedo indicador para as figuras	Não apresenta produção vocal
Indicar mau odor (4)	Movimenta a mão toda para frente e para trás na altura do ombro	
Indicar calor(2)	Cruza os braços	
Indicar frio (2)	Dedo indicador na frente dos lábios	
Pedido de silêncio (9)	Beija a palma da mão e direciona à figura	
Beijo (1)		

Para esta sessão as terapeutas selecionaram um conteúdo relacionado aos contrastes em sensações, como frio, calor, e de tamanho como alto baixo, etc. Esta sessão ocorre logo após o recesso estabelecido no calendário do ano letivo, e a primeira filmada do ano de 2015. A criança interage com as terapeutas de forma mais atenta e observadora, os recortes com as figuras que são apresentados são mostrados à criança que observa sentada perto de uma terapeuta e de frente a outra estagiária.

Nesta sessão, a criança produz uma maior quantidade de emblemas e de forma variada, envolvendo o contexto interacional nos quais as produções são em grande parte indicação de contraste frio, quente, cheiro, mau odor. Mesmo com o aparecimento dessas novas produções, o apontar convencional continua presente na tipologia gestual emblemática.

3ª Análise C2- Sessão fonoaudiológica

Situação comunicativa 5- A meia suja... A meia limpa!

Contexto: A cena de interação abaixo envolve a criança e as terapeutas. Após apresentar os recortes expondo-os na mesa, é solicitado que a criança identifique a figura que mostra uma meia suja e a meia limpa. Neste contexto, a terapeuta identifica e a criança produz o emblema acompanhado das interjeições e emblemas das terapeutas.

Quadro 37. Fragmento de transcrição da quinta cena de C2

Tempo inicial	Tempo final	Trilha multimodal	Produção multimodal
01:39	01:43	Olhar E1	Observa C2
01:39	01:43	Olhar C2	Olha para as figuras que estão na mesa
01:39	01:43	P. oral E1	Olha pra mim, Pietro
01:39	01:43	Olhar E2	Olha para a criança

01:39	01:43	P. oral E2	<i>A meia sujaa meia limpa... Num é?</i>
01:39	01:43	P. gestual E2	Aponta para uma figura e aponta para outra figura na mesa com dedo indicador (emblema)
01:43	01:46	Exp. Facial C2	Faz careta fechando o olho e estirando os lábios indicando o mau odor
01:43	01:46	P. gestual C2	Levanta a mão e balança para frente e para trás (esboça gesto de sensação de mau odor) emblema
01:45	01:47	P. oral E2	<i>humm. Tá suja!</i>
01:45	01:47	P. gestual E2	Levanta a mão e balança para frente e para trás (gesto de sensação de mau odor) emblema
01:46	01:48	P. oral E1	<i>hunhummmm (mau odor)</i>
01:46	01:48	P. gestual E1	Aproxima a mão do nariz e a movimenta (mau odor) (emblema)
01:45	01:48	Olhar C2	Olha para a E2 e depois observa a figura

Quadro 38: Quinta cena de interação terapeutas-C2

E2 aponta para a figura e C2



C2 aproxima o rosto do da figura



C2, E1 e E2 fazem o mesmo gesto



Riso de C2 diante do gesto de E2

Quadro 39. Excerto mescla da terceira cena de C2

EXCERTO DO <i>ELAN</i>					
PRODUÇÕES MULTIMODAIS C2 E E2					
>	N.	Anotação	Tempo Inic...	Tempo Final	Duraçã
	24	[CRIANÇA] observando as figuras apresentadas braço encostado na mesa e mão para baixo [P2]criança	... 00:01:56.7...	00:02:02....	00:00:06
	25	a criança observa a figura	00:02:02.8...	00:02:05....	00:00:03
	26	a criança observa a figura [PVP2] cadê a suja? oia a suja Pietro ?/aponta para criança com dedo indicador(emblema)	00:02:05.6...	00:02:08....	00:00:03
▶	27	aproxima a mão do nariz e a movimenta (mau dor) (emblema)[PVP2] meia suja óoo meia suja humm fedendo [OC2]P2	00:02:08.4...	00:02:14....	00:00:06
	28	coloca uma mão em cima de uma figura e a outra mão aproxima do nariz e a movimenta (mau dor) (emblema) hu...	00:02:16.3...	00:02:23....	00:00:07
	29	[PVP2] huhum tá bem limpinho pra Pietro usar figura [OC2] P2	00:02:23.8...	00:02:26....	00:00:03
	30	olhe Pietro aqui em João Pessoa tá ó ó como tá ó caloor	... 00:02:29.6...	00:02:41....	00:00:11
	31	calor ó a gente usa ventilador vai pra piscina tá calor ó mostra a figura a criança leva...	00:02:41.4...	00:02:49....	00:00:08
	32	pega outra figura mostra na mesa à criança e aponta com o dedo indicador (emblema) mais depois.... fica...	00:02:54.6...	00:03:01....	00:00:07
	33	como é? Pietro tá com frio Pietro tá... ufufuff (sopro) friol risos abre bem a boca e juntas os dentes inferior...	00:03:03.6...	00:03:08....	00:00:05

A cena apresentada ocorre no início da sessão, a criança interage com as terapeutas observando o gesto de mau odor e produzindo o mesmo gesto, de forma um pouco desordenada, abrindo a palma da mão e fazendo um movimento na altura do ombro para frente e para trás. A terapeuta faz uso do apontar convencional, com a função de mostrar à criança as figuras expostas na mesa. Esses movimentos gestuais da criança e das terapeutas compõem a tipologia gestual emblemática que, em concomitância com o olhar e a expressão facial, são construídos de um matiz multimodal.

As terapeutas ao movimentar a mão aberta na altura do nariz produzem interjeições “Hum” e uma expressão facial específica de sensação de mau odor direcionadas à criança como forma de exemplificação de estado do objeto sujo em comparação ao objeto limpo. Neste sentido, observamos, novamente, a multimodalidade em contexto de atendimento fonoaudiológico, em que mesmo com a ausência da produção vocal, a interação da criança com as terapeutas não é comprometida.

3ª Análise C2- Sessão fonoaudiológica 2

Situação comunicativa 6- Deixa ele dormir !

Contexto: A cena abaixo envolve a criança e a terapeuta E1. Após apresentar os recortes expondo-os na mesa, a terapeuta pede que a criança mostre a figura que tem um homem sentado, em oposição ao homem que se encontra em pé.

Quadro 40. Fragmento de transcrição da sexta cena de C2

Tempo inicial	Tempo final	Trilha multimodal	Produção multimodal
06:14	06:17	P.oral E1	<i>cadê ? pega pra mim o homem que tá sentado sentado igual você tá</i>
06:14	06:17	Olhar C2	Olha para as figuras que estão na mesa
06:22	06:24	P. oral E1	<i>cadê?</i>
06:22	06:24	Olhar E1	Olha surpresa para a criança
06:22	06:24	P.gestual C2	balança a mão com a palma voltada para dentro e em seguida aponta três vezes para a figura com dedo indicador -rapidamente (emblema)
06:22	06:24	Olhar C2	Olha para a E1
06:23	06:24	P.gestual E1	<i>tá dormindo, ele tá dormindo..cadê o que tá sentado?</i>
06:23	06:24	Olhar E1	Olha para a figura e depois para C2
06:25	06:27	P. gestual C2	Fecha a mão bota dedo indicador na frente dos lábios e encosta- pede silêncio (emblema)
06:25	06:27	P. vocal C2	<i>pxiu</i>
06:25	06:27	Olhar C2	Olha para a E1

06:31	06:33	P. gestual E1	fecha a mão bota dedo indicador na frente dos lábios e encosta- pede silêncio (emblema)
06:31	06:33	P.oral E1	<i>Pxiu. Deixa ele dormir..</i>
06:31	06:33	Olhar E1	Figuras
06:31	06:33	Olhar C2	Observa a E1

Quadro 41: Sexta cena de interação terapeutas-C2



⇒ E2 aponta para a figura e C2 ⇒ C2 aproxima o rosto do da figura

observa



⇒ C2, E1 e E2 fazem o mesmo gesto ⇒ Riso de C2 diante do gesto de E

Quadro 42. Excerto mescla da sexta cena de C2

EXCERTO DO <i>ELAN</i>				
N.	Anotação	Tempo Inic...	Tempo Final	Duraçã
24	[CRIANÇA] observando as figuras apresentadas braço encostado na mesa e mão para baixo [P2]criança	00:01:56.7...	00:02:02....	00:00:05
25	a criança observa a figura	00:02:02.8...	00:02:05....	00:00:03
26	a criança observa a figura [PVP2] cadê a suja? oia a suja Pietro ?/aponta para criança com dedo indicador(emblema)	00:02:05.6...	00:02:08....	00:00:03
27	aproxima a mão do nariz e a movimenta (mau dor) (emblema)[PVP2] meia suja óoo meia suja humm fedendo [OC2]P2	00:02:08.4...	00:02:14....	00:00:06
28	coloca uma mão em cima de uma figura e a outra mão aproxima do nariz e a movimenta (mau dor) (emblema) hu...	00:02:16.3...	00:02:23....	00:00:07
29	[PVP2] huhum tá bem limpinho pra Pietro usar figura [OC2] P2	00:02:23.8...	00:02:26....	00:00:03
30	olhe Pietro aqui em João Pessoa tá ó ó como tá ó caloor	00:02:29.6...	00:02:41....	00:00:11
31	calor ó a gente usa ventilador vai pra piscina tá calor ó mostra a figura a criança leva...	00:02:41.4...	00:02:49....	00:00:08
32	pega outra figura mostra na mesa à criança e aponta com o dedo indicador (emblema) mais depois.... fica...	00:02:54.6...	00:03:01....	00:00:07
33	como é? Pietro tá com frio Pietro tá... ufufuff (sopro) frio/ risos abre bem a boca e juntas os dentes inferior...	00:03:03.6...	00:03:08....	00:00:05

PRODUÇÕES MULTIMODAIS C2 E E2

A cena apresentada ocorre no início da sessão, a criança interage com as terapeutas observando o gesto de mau odor e produzindo o mesmo gesto, de forma um pouco desordenada, abrindo a palma da mão e fazendo um movimento na altura do ombro para frente e para trás. A terapeuta faz uso do apontar convencional, com a função de mostrar a criança as figuras expostas na mesa. Esses movimentos gestuais da criança e das terapeutas compõem a tipologia gestual emblemática, que em concomitância com o olhar e a expressão fácil são construídos de um matiz multimodal.

As terapeutas ao movimentar a mão aberta na altura do nariz produzem interjeições “Hum” e uma expressão facial específica de sensação de mau odor direcionadas à criança, como forma de exemplificação de estado do objeto sujo em comparação ao objeto limpo. Neste sentido, observamos, novamente, a multimodalidade em contexto de atendimento fonoaudiológico, em que mesmo com a ausência da produção vocal, a interação da criança com as terapeutas não é comprometida.

Diante das análises apresentadas, constatamos que as crianças e as terapeutas constroem de forma contínua a multimodalidade, em contextos interativos. Cada criança interage de

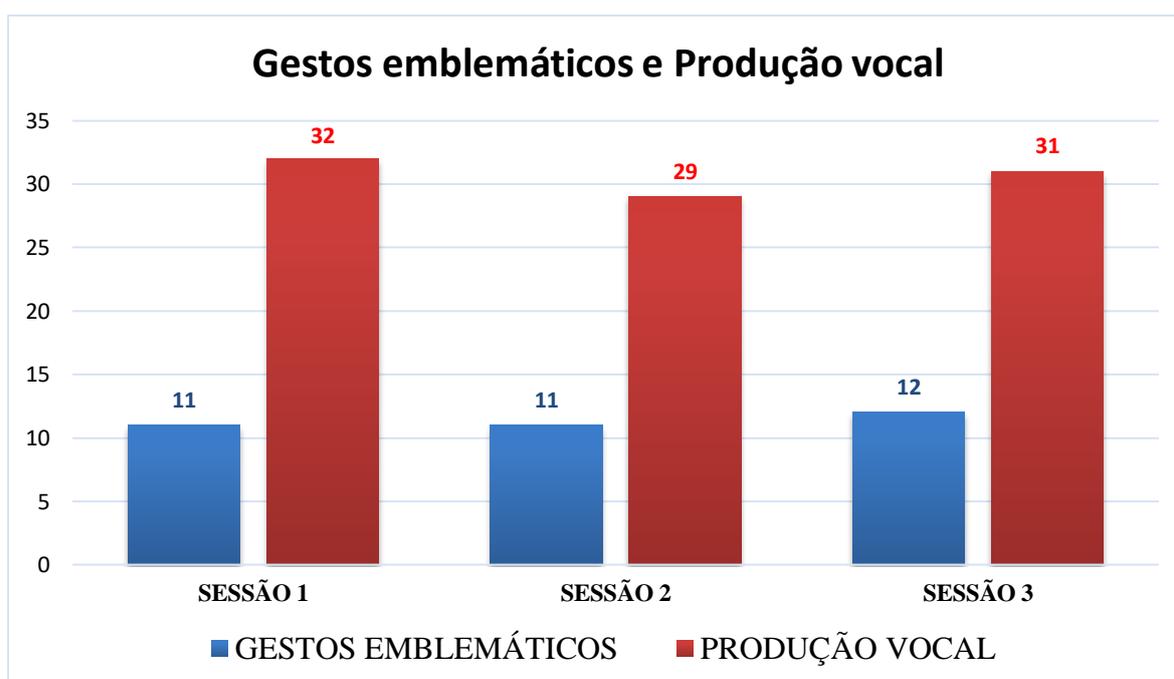
maneira específica no atendimento fonoaudiológico, visto que, utilizam os recursos multimodais disponíveis às trocas interativas.

Neste sentido, os gráficos a seguir apresentam o processo de construção multimodal nas sessões analisadas, expõem a relação entre emblema e produção vocal e emblema e ausência de produção vocal das crianças com Síndrome de Down.

3.3 Análises gerais das produções multimodais de C1 e de C2

No primeiro gráfico, analisamos de forma sistematizada as produções gestuais emblemáticas e as produções vocais ao longo das sessões. Notamos o processo de construção desse tipo gestual atrelado à produção vocal de modo contínuo na terapia fonoaudiológica, dessa forma, observamos que a produção vocal de C1 é mais elevada que a produção de emblemas em todas as sessões, a criança apresenta uma variedade de produções vocais nas interações com as terapeutas, como balbucio, holófrases e blocos de enunciados, e enunciados ininteligíveis, que, por sua vez, quantitativamente se mantêm constantes nas cenas interativas.

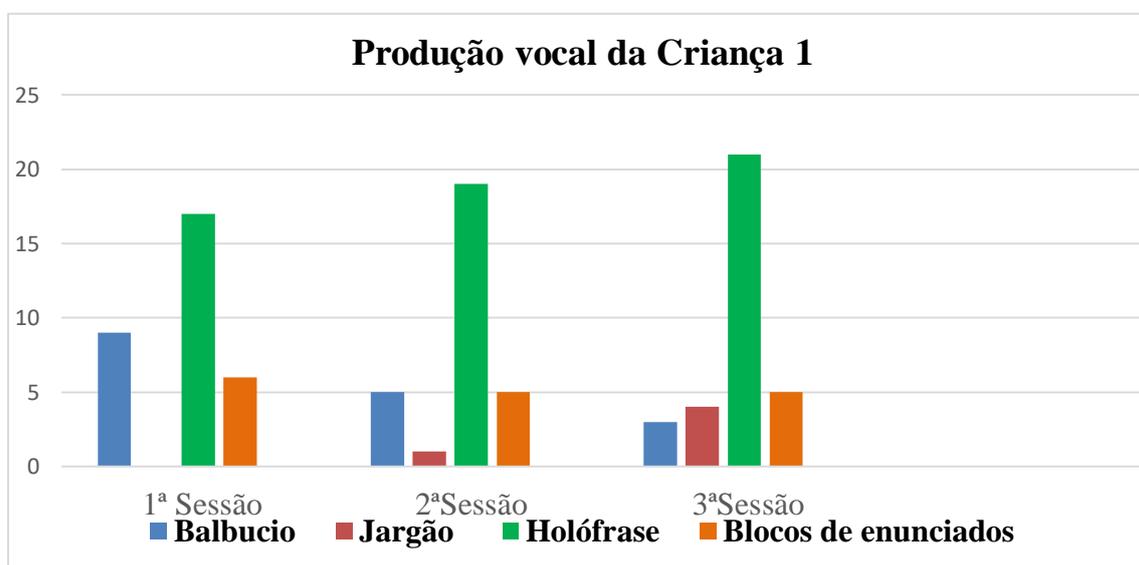
Gráfico 1. Gestos emblemáticos e produções vocais de C1



Fonte: elaborado pela autora

No segundo gráfico, observamos a produção vocal ao longo das sessões, e constatamos uma diminuição de balbucio à medida em que as holófrases se tornam mais efetivas nos contextos de interação. O balbucio diminuiu a cada atendimento, em contrapartida, os jargões emergiram a partir da segunda sessão. A criança, de uma forma geral, não produz onomatopeias, e em todas as sessões produz de forma acentuada enunciados ininteligíveis, cabendo às terapeutas indagá-la para o entendimento dos enunciados.

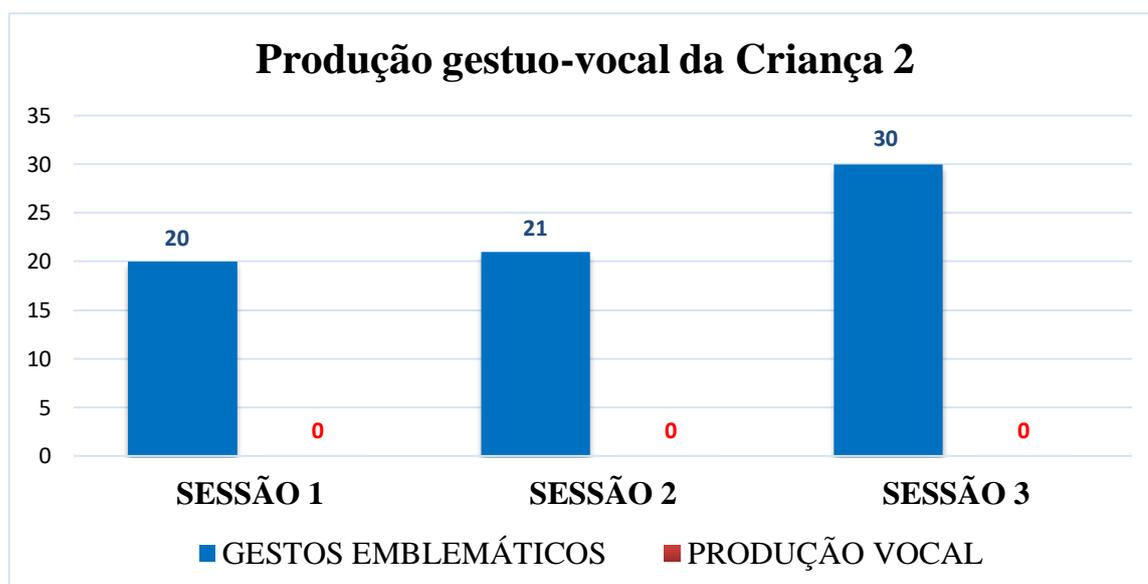
Gráfico 2. Tipologia das produções vocais de C1



Fonte: elaborado pela autora

No terceiro gráfico, apresentamos as produções gestuais do tipo emblemáticas de C2, ressaltamos que a criança interage com as terapeutas por meio de recursos multimodais como o olhar e as produções gestuais, principalmente, os gestos dêiticos. Observamos a ausência de produções vocais e uma evolução nas produções gestuais, no sentido de que a criança se insere no contexto clínico de forma mais participativa e interativa com as terapeutas.

Como não há tipologia vocal produzida pela C2, expomos apenas o gráfico da produção gestual.

Gráfico 3. Gestos emblemáticos e produções vocais de C2

3.4. Análise da tipologia emblema-gestual das terapeutas

Ao fazer um levantamento dos gestos emblemáticos das terapeutas, levamos em consideração que o atendimento é um espaço para as produções dos sujeitos em contextos de interação. Assim como as crianças desempenham uma tipologia emblemática, as terapeutas utilizam recursos gestuais nas trocas interativas. Nas tabelas abaixo, apresentamos um levantamento desses gestos direcionados às crianças com Síndrome de Down, que são os componentes da tipologia emblemática das terapeutas.

A tabela apresenta gestos em três formatos, na primeira parte se encontram os tipos de apontar, como o apontar com um dedo ou a toda a mão, na segunda estão os gestos produzidos com a utilização da mão toda, e na terceira se apresentam os gestos emblemáticos em que os sujeitos utilizam, principalmente, o aparato facial.

As tabelas a seguir mostram os gestos mais evidentes produzidos por cada estagiária nas cenas de interação. Na primeira e segunda tabela veremos os dados das duas estagiárias durante as três sessões de atendimento a C1; nestas tabelas os dados correspondem a produções gestuais das terapeutas em interação com C2, com a ausência de E2 na segunda sessão.

Tabela 7: Gestos emblemáticos de E1 em cenas de interação com C1

TIPOLOGIA GESTUO-EMBLEMÁTICA E1	SESSÃO 1	SESSÃO 2	SESSÃO 3
Apontar convencional	12	10	8
Apontar com a mão toda	6	1	0
Apontar com objeto	3	0	1
Estende a mão/acenar	1	1	2
Estende a mão/pedir	10	8	0
Estende a mão/chamar	1	4	4
Estende a mão/pós-beijo	1	0	0
Encosta as mãos/aplaudir	1	3	0
Mão semifechada no ouvido ou com objeto/telefonar	3	3	0
Movimenta os lábios-beijar	3	0	2
Movimenta a cabeça/negar-afirmar	0	0	0
TOTAL	41	30	17

Tabela 8: Gestos emblemáticos de E2 em cenas de interação com C1

TIPOLOGIA GESTUO-EMBLEMÁTICA E2	Sessão 1	Sessão 2	Sessão 3
Apontar convencional	0	0	1
Apontar com a mão toda	0	0	0
Apontar com objeto	2	0	0
Apontar tocando	0	0	0
Estende a mão/acenar	0	0	1
Estende a mão/pedir	0	1	0
Estende a mão/chamar	1	0	1
Estende a mão/pós-beijo	0	0	0
Encosta as mãos/aplaudir	0	2	0
Mão semifechada no ouvido ou com objeto/telefonar	4	1	0
Movimenta os lábios-beijar	1	0	0
Movimenta a cabeça/negar-afirmar	1	0	1
TOTAL	9	4	4

Observamos que os gestos dêiticos são os mais salientes produzidos pela terapeuta 1 nas sessões de atendimento fonoaudiológico de C1. De acordo com a literatura, o apontar é utilizado para criar referências em determinados espaços (MCNEILL; CASSELL, LEVY, 1993), e as atividades explorando as referências foram executadas pelas terapeutas no atendimento clínico.

Lima(2015) constata que o apontar é o recurso gestual mais utilizado nas interações entre criança e terapeutas no ambiente clínico. Nesse contexto, notamos que há uma terapeuta que interage de forma mais efetiva e participativa, a terapeuta 1, e que a produção gestual está relacionada diretamente a essa interação entre o paciente e a estagiária, uma vez que E1 atuou mais efetivamente, e enquanto as produções gestuais de E2 se apresentam de modo subjacente, estando relacionados, geralmente, com o contexto de ligação telefônica, em que incentivava a criança a se inserir neste contexto.

Ressaltamos o papel dos gestos para a interação entre as terapeutas e crianças com Síndrome de Down, uma vez que são partes integrantes das cenas de atenção conjunta.

Tabela 9: Gestos emblemáticos de E1 em cenas de interação com C2

TIPOLOGIA GESTUO-EMBLEMÁTICA E1	Sessão 1	Sessão 2	Sessão 3
Apontar convencional	6	39	5
Apontar com a mão toda	3	10	3
Apontar com objeto	0	2	0
Apontar tocando	33	62	8
Estende a mão/acenar	0	1	0
Estende a mão/pedir	0	0	0
Estende a mão/chamar	0	10	4
Estende a mão/pós-beijo	0	0	0
Encosta as mãos/aplaudir	2	2	0
Movimenta a mão/odor	2	0	7
Mão semifechada no ouvido ou com objeto/telefonar	0	0	0
Movimenta mãos e braços/calor frio/sono	0	0	4
Movimenta os lábios-beijar	0	0	0
Movimenta a cabeça/negar-afirmar	1	5	1
Dedo indicador diante dos lábios/silêncio	0	0	5
TOTAL	47	131	37

Tabela 10: Gestos emblemáticos de E2 em cenas de interação com C2

TIPOLOGIA GESTUO-EMBLEMÁTICA E2	SESSÃO 1	SESSÃO 2	SESSÃO 3
Apontar convencional	7		6
Apontar com a mão toda	1		2
Apontar com objeto	0		0
Apontar tocando	18		0
Estende a mão/acenar	0		0
Estende a mão/pedir	0		0
Estende a mão/chamar	1		0
Estende a mão/pós-beijo	0		0
Encosta as mãos/aplaudir	2		0
Mão semifechada no ouvido ou com objeto/telefonar	0		0
Movimenta mãos e braços/calor/frio/sono	0		3
Movimenta os lábios-beijar	0		0
Movimenta a cabeça/negar-afirmar	1		1
Movimenta a mão/odor	0		7
TOTAL	30		19

Nas sessões de atendimento de C2 foram produzidos mais gestos emblemáticos que nas sessões de atendimento de C1. Destas sessões, a E2 esteve ausente em um atendimento, e do mesmo modo como ocorre nas sessões de C1, a E2 produz emblemas de forma mais reduzida se comparado à E1. Os gestos dêiticos de apontar, novamente, são os mais efetivos nas cenas de atenção conjunta.

Nas cenas de atenção conjunta envolvendo C2, entra em cena, o tocar em objetos ou em partes do corpo. Segundo Fonte (2015), esse tipo de gesto se caracteriza como o apontar tátil,

um gesto dêitico espacial que possibilita que a criança perceba a localização do referente no espaço

Neste mesmo viés, Bates, O'Connell e Shore (1987) acrescentam que o apontar é a essência da referência, de modo que a criança destaca um objeto no espaço, em seguida, o oferece para que o outro possa observá-lo. Nas análises quantitativas constatamos a saliência do gesto de apontar multimodal tanto por parte das crianças, quanto por parte das terapeutas, ao apontar, a produção vocal, e, principalmente, o olhar direcionam a atenção do sujeito ao objeto compartilhado, desse modo, as cenas de atenção conjunta são meios de interação e de construção contínua da linguagem.

Nas próximas tabelas e gráficos apresentamos as cenas de atenção conjunta das crianças em interação com as terapeutas ao longo das sessões analisadas.

3.5 Análise das cenas de Atenção Conjunta das crianças

Diante dos contextos interativos nos quais estão inseridas as crianças e as terapeutas, faz-se necessário analisar o direcionamento do olhar de C1 e de C2, assim como a atenção atribuída às profissionais e aos artefatos inseridos no contexto interativo. Para tanto, seguimos a classificação de Tomasello (2003): Atenção de verificação, Atenção de acompanhamento e Atenção Direta.

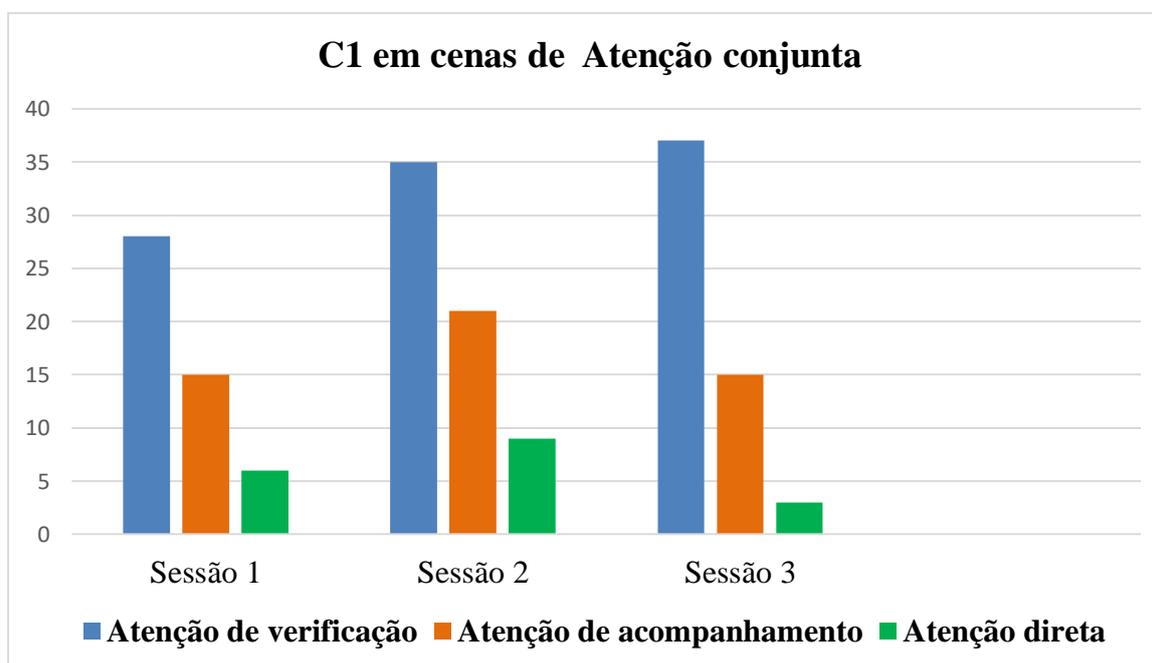
Para as análises são construídos uma tabela e um gráfico para cada criança, respectivamente, gráficos (3 e 4) e tabelas (7 e 8).

Observamos de maneira geral, que em C1 há um aumento, inicialmente, e na última sessão há um decréscimo nas cenas de atenção conjunta. Neste sentido, se destaca a Atenção de Acompanhamento que na sessão 2 se eleva e na sessão 3 retorna ao mesmo quantitativo.

Em C2, temos um aumento nas cenas de atenção conjunta, em sua totalidade, porém, nas cenas de atenção de acompanhamento constatamos a diminuição ao longo das sessões.

Tabela 11: C1 em contextos de Atenção Conjunta

SESSÕES	ATENÇÃO DE VERIFICAÇÃO	ATENÇÃO DE ACOMPANHAMENTO	ATENÇÃO DIRETA	TOTAL
Sessão 1	28	15	6	49
Sessão 2	35	21	9	65
Sessão 3	37	15	8	60
TOTAL	100	51	23	174

Gráfico 4. C1 e a Atenção conjunta

Constatamos a ascendência das cenas de atenção de Verificação em todas as sessões de C1. Em relação as cenas de Atenção de Acompanhamento, o quantitativo é elevado, mas em seguida retorna ao ponto inicial, a criança, na segunda sessão, produziu uma variedade de gestos

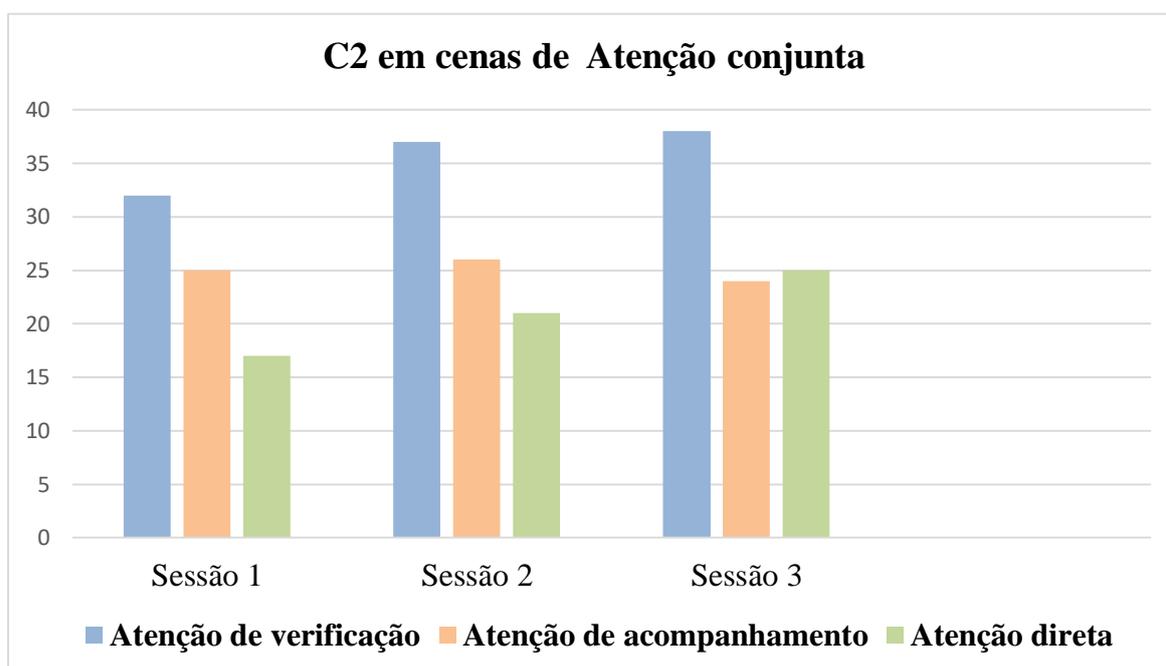
emblemáticos, principalmente voltados à tipologia de ligações telefônicas, dessa forma, C2 acompanha a ação das terapeutas e se insere no processo de construção de emblemas.

Na última sessão, apenas a atenção de verificação se eleva, a de acompanhamento se mantém e a de atenção direta diminui. Ressaltamos que no período da terceira sessão, as atividades foram retomadas na clínica, logo, a criança e as terapeutas estavam se inserido novamente em contextos interativos pós recesso, observamos que nessa sessão temos uma ocorrência de mais gestos de apontar, e que mesmo com um número reduzido de atenção direta, o esse gesto dêitico emerge em todos os tipos de cenas de Atenção Conjunta, e que quanto mais elevada a idade da criança, maior é a produção do apontar nos contextos interativos com os adultos (LIMA,2015).

Em atendimento clínico, Lima (2016) constata que os emblemas são os gestos produzido mais frequentemente pela criança, considerando que por se tratar de um gesto convencional e diretamente ligado à cultura, a criança tem mais acesso e facilidade em executar os tais movimentos. Entre todos os gestos, recebe destaque o apontar, pois aparece em momentos de referenciação e interação multimodal. Diante disso, ressaltamos a presença dos emblemas como elementos composicionais das cenas de atenção conjunta no atendimento fonoaudiológico. Nas tabelas abaixo observamos as cenas de Atenção Conjunta de C2 em interação com as terapeutas.

Tabela 12: C2 em cenas de Atenção Conjunta

SESSÕES	ATENÇÃO DE VERIFICAÇÃO	ATENÇÃO DE ACOMPANHAMENTO	ATENÇÃO DIRETA	TOTAL
Sessão 1	32	25	17	74
Sessão 2	37	26	21	84
Sessão 3	38	24	25	87
TOTAL	107	75	63	245

Gráfico 5. C2 e a Atenção Conjunta

Nas cenas de atenção conjunta de C2 constatamos que a Atenção de Verificação é mais efetiva em todas as sessões. A atenção direta se eleva e na última sessão diminui, diferentemente da Atenção Direta que aumenta a cada sessão, e ultrapassa a atenção de acompanhamento na última sessão.

Constatamos, comparativamente, uma inserção maior de C2 em cenas de Atenção conjunta em relação a C1. Ao longo das sessões, C2 interage com as terapeutas através de uma produção multimodal com a predominância do gesto e do olhar, principalmente do apontar em atividades de referenciação. Partimos da hipótese de que aumento das cenas de Atenção Conjunta de C2 se dá devido a forma de interação da criança com as terapeutas, uma vez que esta criança ao utilizar o olhar como umas das principais formas de interação, se insere em um número mais elevado de cenas de Atenção Conjunta.

No decorrer dos atendimentos, C1 se inseriu em menos cenas de Atenção Conjunta, neste sentido, percebemos que o olhar da criança em muitos momentos é mais disperso, e a produção vocal mais efetiva na interação. C2 não apresenta produção vocal, porém o olhar se destaca como forma de interação com as terapeutas.

A Atenção Conjunta é fundamental para o processo de construção da multimodalidade infantil, no sentido de que são em momentos de interação que a criança é inserida em trocas

interativas com os adultos, levando a um desenvolvimento das produções linguísticas (LIMA, 2015). Dessa forma, podemos considerar que são em cenas de Atenção Conjunta que cada criança constitui o contínuo multimodal, em que gestos, produções vocais e olhar se associam para essa construção em contextos interativos.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Vários estudos tiveram como foco a linguagem da criança com Síndrome de Down. Pesquisas abordaram o desempenho lexical, semântico e vocabular das crianças; outros estudos consistiam na observação e comparação do desenvolvimento cognitivo das crianças com síndrome de Down e das crianças com desenvolvimento típico. No que se refere ao estudo dos gestos produzidos pelas crianças com Síndrome de Down, durante o processo de aquisição da linguagem, observa-se que há uma dicotomia, uma divisão nos conceitos de gesto e produção vocal enquanto linguagem verbal e linguagem não verbal. Os gestos, nessa visão, ocupam um espaço de precedentes à fala. Em contrapartida, poucos trabalhos priorizam a perspectiva multimodal, em que as produções vocais, os movimentos corporais e o olhar são constituintes de uma matriz linguística.

Nossa motivação partiu de um estudo envolvendo a perspectiva multimodal da linguagem, que identificou os gestos emblemáticos como os mais salientes nas interações terapeuta-criança. Partindo dessa pesquisa, buscamos através de um mapeamento de forma mais aprofundada, investigar a tipologia gestual emblemática das crianças e das terapeutas. Por isso, nosso objetivo foi analisar a relação entre os gestos emblemáticos e as produções vocais de duas crianças com Síndrome de Down em contexto clínico.

Diante das análises realizadas nesse trabalho, observamos que a construção gestos emblemáticos, em contexto clínico, é um processo que envolve, efetivamente, a interação entre os sujeitos. Os emblemas, geralmente, estão relacionados às atividades de referenciação, e a criança pode utilizá-los atrelados ou dissociados da produção vocal. É nesse sentido que ressaltamos o papel da multimodalidade na aquisição da linguagem, uma vez que a criança com Síndrome de Down, cuja linguagem, ao longo do tempo, é definida pela literatura como adquirida de forma gradativa, se insere nas cenas de atenção conjunta com recursos linguísticos gestuais, vocais e olhar, possibilitando as trocas interativas entre terapeuta-criança.

Observamos que a criança 1 ao utilizar todos os elementos do contínuo gestual (produção vocal variada, olhar, gesticulação, pantomimas e etc.), para fins interacionais, produz menos emblemas que a criança 2, em contrapartida, nas trocas interativas, a criança 2 participa das cenas de Atenção Conjunta com uma maior produção de emblemas, principalmente de gestos dêiticos. Percebemos que no decorrer do processo terapêutico, as produções

emblemáticas de C2 são mais diversificadas e recorrentes no contexto interativo, e que a terapia favorece o desenvolvimento linguístico da criança.

No que se refere à produção vocal das crianças, constatamos em C1 a presença de produção vocal variada, de balbucios, jargões, holófrases e blocos de enunciados, dentre estas tipologia vocal a criança fez uso, principalmente, das holófrases. Acreditamos que as holófrases são de fundamental importância para o contínuo gestuo-vocal, pois durante período de aquisição da linguagem a criança ao produzir esses enunciados produz concomitantemente gestos variados, facilitando a comunicação e interação terapeuta-criança.

Observamos que a C2 não produziu enunciados durante as sessões, os gestos e o olhar foram predominantes nas trocas comunicativas durante o atendimento clínico. Ressaltamos que mesmo sem se comunicar através de uma produção vocal variada, a criança se inseria nas terapias através de emblemas do tipo apontar (gestos dêiticos), realizando, assim, atividades de referenciação.

Observamos que enquanto o uso do gesto de apontar foi privilegiado por C2, em C1 ocorreu de forma diferenciada, pois o apontar não constituía a maioria dos gestos produzidos como ocorreu no caso de C2. Percebemos em C2 um maior interesse em se inserir nas cenas de atenção conjunta, e que as cenas de atenção direta aumentam a cada sessão; observando as sessões, constatamos uma ligação entre crescimento da quantidade de cenas de atenção conjunta (direta) e o gesto de apontar, pois a medida que a criança dirigia a atenção do adulto para o “cartaz”, por exemplo, fazendo o uso dos gestos dêiticos se inseria ainda mais nas cenas de atenção de atenção conjunta (direta).

Em relação às terapeutas observamos que fizeram uso de uma produção gestual emblemática variada e associada à produção vocal e ao olhar para fins interacionais. Durante o atendimento clínico, notamos que houve um privilégio na produção dos gestos dêiticos, e que as atividades desenvolvidas pelas terapeutas na clínica contribuíram para que as crianças se expressassem tanto através da produção vocal, quanto pela forma gestual. No atendimento clínico, ressaltamos a importância de olhar à língua enquanto uma construção multimodal, em que gesto e produção vocal se aprimoram de forma concomitante no processo de aquisição da linguagem.

Esperamos que este trabalho contribua para os familiares das crianças com Síndrome de Down, para os estudos linguísticos, em Fonoaudiologia e em áreas afins. Esperamos, ainda, dar

contribuições aos estudos com ênfase na perspectiva multimodal da linguagem e que essa abordagem favoreça os trabalhos na clínica de Fonoaudiologia, suscitando mais discussões e ampliação das pesquisas acerca da temática.

REFERÊNCIAS

- ALLAN, S.; SOUZA, C. B. A..O modelo de Tomasello sobre a evolução cognitivo-linguística humana. **Revista online- Psicologia: Teoria e Pesquisa**, v.25, n.2, p.161-168, 2009.
- ANDRADE, R.V. **A emergência da expressão comunicativa na criança com síndrome de Down**. 2006. 258 f. Tese (Doutorado em Ciências) - Faculdade de Medicina da Universidade de São Paulo, São Paulo. 2006.
- ANDRADE RV .; LIMONGI S.C.O. A emergência da comunicação expressiva na criança com síndrome de Down. **Pró-fono Revista de Atualização Científica**, v.19, n.4, p.387-92, 2007.
- ÁVILA-NÓBREGA, P. V. **Dialogia mãe-bebê: a Emergência do Envelope Multimodal em contextos de Atenção Conjunta**. Dissertação (Mestrado em Língua) Universidade Federal da Paraíba, João Pessoa. 2010.
- BATES, E.; O'CONNELL, B.; SHORE, C. **Language and Communication in Infancy**. Development. New York: Wiley, p. 149-191, 1987.
- BRAZ, F. S.; SALOMÃO, N. M. R. A fala dirigida a meninos e a meninas: um estudo sobre o input materno e suas variações. **Psicologia: Reflexão e Crítica, Porto Alegre**, v.15, n.2, p.333-344, 2002.
- BISSOTO, M. L. Desenvolvimento cognitivo e o processo de aprendizagem do portador de síndrome de Down: revendo concepções e perspectivas educacionais. **Revista Ciências & Cognição**, v. 4, p. 80-88,2005.
- CAMARGO, J. F. et al. Os gestos na comunicação mãe-bebê: um estudo longitudinal. **Estudos e pesquisas em psicologia**. v.15, n.2, p. 652-670,2015.
- CASTRO, G. S., PANHOCA, I., ZANOLLI, M. L. (2011). Interação Comunicativa em Contexto Lúdico de Duas Crianças com Síndrome de Down, Comportamentos Autísticos e Privação de Estímulos. **Psicologia: Reflexão e Crítica**,v. 24, n.4, p. 730-738, 2010.
- CAVALCANTE, M. C. B. **O gesto de apontar como processo de co-construção nas Interações mãe-criança**. Dissertação (Mestrado em Língua) Universidade Federal de Pernambuco.1994.

_____. Hologestos: produções linguísticas numa perspectiva multimodal. **Revista de Letras**, v. 1/2, n. 31, p. 9-16, 2012.

_____. Rotinas interativas mãe-bebê: constituindo os gêneros do discurso. **Revista Investigações**, v. 21, n. 2, p.165-169,2008.

CAVALCANTE, M.C.B.; BRANDÃO, L.W.P. Gesticulação e fluência: Contribuições para a aquisição da linguagem. *Cadernos de estudos linguísticos*, v.54, n.1, p. 55-66, 2012.

COSTA FILHO.; CAVALCANTE, M. C. B. Atenção conjunta e referência linguística em contextos interativos com um desenho animado. **Revista Signo**, Santa Cruz do Sul, v. 38, n. 65, p. 143-163, 2013

DAVIS, Flora. **A Comunicação Não-Verbal**. Trad. Antonio Dimas. 6.ed. São Paulo: Summus, 1979.

DROMI, E. Babbling and early words. In: SALKIND, N.J. (ed). **Child development**. Macmillan psychology reference series. MCmillan, 2002.

FLABIANO-ALMEIDA, F.C.; LIMONGI, S.C.O. O papel dos gestos no desenvolvimento da linguagem oral de crianças com desenvolvimento típico e crianças com síndrome de Down. **Revista da Sociedade Brasileira de Fonoaudiologia**, São Paulo, v.15, n. 3, p.458-64, 2010.

FEITOSA, R. M.; TRISTÃO, R. M. Linguagem na Síndrome de Down. **Psicologia: teoria e pesquisa**, Brasília, vol. 14, n. 2, p.121-126, 1998.

FONTE, R. Aquisição da linguagem e cegueira: uma abordagem multimodal. In: CAVALCANTE, M.C. B.; FARIA, E.B (Orgs.) **Cenas em Aquisição da linguagem: Multimodalidade, atenção conjunta e subjetividade**. 1ed. João Pessoa: Editora da UFPB, 2015, p.125-139.

FONTE, R.; CAVALCANTE, M.C. B.; Abordagem Multimodal da linguagem: Contribuições à clínica de Fonoaudiologia. In: MONTENEGRO, A.C.A (Orgs.) **Fonoaudiologia e Linguística: Teoria e prática**. 1ed. Curitiba: Editora Appris, 2016, p.205-223.

GIL, A.C. **Como elaborar projetos de pesquisa**. 4. ed. São Paulo: Atlas, 2008.

IVERSON, J. M.;GOLDIN-MEADOW, S. Gesture paves the way for language development. **Psychological Science**, v.16, n.5, p. 367- 371, 2009.

KENDON, A.; VERSANTE, L. Pointing by hand in 'Neapolitan. In S. Kita (Ed.), **Pointing: Where language, culture, and cognition meet**. Mahwah, NJ: Lawrence Erlbaum Associates, p.109-137, (2003)

KENDON, A. **Gesture: Visible Action as Utterance**. Cambridge: Cambridge University Press, 2004.

_____. Language and gesture: unity or duality? In: MCNEILL, D. (ed.). **Language and gesture**. Cambridge University Press, p.47-63, 2000.

_____. Language's matrix. **Gesture**, v.9, n.3, p.355-372, 2009.

_____. The Study of Gesture: some remarks on its history. **Recherches sémiotiques/semiotic inquiry**, v. 2, p. 45-62, 1982.

KITA, S. (2009) Cross-cultural variation of speech-accompanying gesture. **Language and Cognitive Processes**, v 24, n.2, p. 145-167.

KNAPP, M.L. & HALL, J.A. **Nonverbal Communication in Human Interaction**. California: Thomson Wadsworth, 6.ed, 2006.

LAMÔNICA, D.A.C.; et al. Avaliação do processo receptivo: investigação do desenvolvimento semântico em indivíduos com síndrome de Down. **Revista Brasileira de Educação Especial**, Marília, v.11, n.1, p.81-96, 2005.

LEGAL, E. J. O gesto de apontar na comunicação humana: algumas considerações onto e filogenéticas. **Biotemas**, v. 10, n. 2. P. 47-59, 1997

LIMA, I. L. B. **Interações Multimodais Na Clínica De Linguagem: A Criança Com Síndrome De Down**. 2016. 137 f. Dissertação (Mestrado em Linguística) – Universidade Federal da Paraíba. 2015.

LIMA, K.A. **Estudo comparativo do uso do apontar e sua relação com a produção vocal infantil, em cenas de atenção conjunta**. 2015. 99 f. Dissertação (Mestrado em Linguística) – Universidade Federal da Paraíba. 2015.

MASSI.G.; MALDANER, R.D. O processo de aquisição da oralidade: análise da linguagem de uma criança com Síndrome de Down. **Tuiuti: Ciência e cultura**. Curitiba. n.43, p. 95-112, 2010.

MCNEILL, D.; CASSELL, J; LEVY, E.T. Abstract deixis. In: **Semiotica**, v. 95, n.1. Berlin: Walter de Gruyter, 1993, p. 5-19.

_____. So you think gestures are nonverbal?. **Psychological Review**.v. 92, n.3, 350-371, Jul., 1985.

_____. Introduction. In: MCNEILL, D. (ed.) **Language and Gesture**. Cambridge University Press, Cambridge, UK, 2000.

MELO, E. S. **Gestos pantomímicos e produção vocal na aquisição da linguagem**. Trabalho de conclusão de curso (Graduação em Letras) Universidade Federal da Paraíba, 2014.

MUSTACCHI, Z. **Guia do bebê com Síndrome de Down** .São Paulo, 2009.

NICE, M. **Length of sentences as a criterion of child's progress in speech**. Journal of Educational Psychology, n16,v.3, p.70-9, 1925.

OLLER, D. K. The emergence of the sounds of speech in infancy. In: YENI-KOMSHIAN, G.; KAVANAGH, J.; FERGUSON, C. (Eds.). **Child phonology**, New York: Academic Press, p. 93-112,1980.

PORTO-CUNHA, E.; LIMONGI, S.C.O. Modo comunicativo utilizado por crianças com síndrome de Down. **Pró-Fono Revista de Atualização Científica**, Barueri (SP), v.20, n.4, p. 243-8, 2008.

REVISAN, P.; et al. Congenital heart disease and chromossomopathies detected by the karyotype. **Revista paul pediatr**. v.32, n.2, p.262-271,2014.

RICO, Barbara e col. Avaliação auditiva periférica em crianças com síndrome de Down. **Audiol Commun**. v.19, n.3, p.280-285,2014.

SCHWARTZMAN, J. S. **Síndrome de Down**. São Paulo: Memnon, 2003.

SILVA, N.L.P.; DESSEN, M, A. Síndrome De Down: Etiologia, Caracterização e Impacto na Família. **Interação em Psicologia**, v.6, n.2, p.167-176, 2002.

SILVA, M.P.V.; SALOMÃO, N.M.R. Interações verbais e não-verbais entre mães-crianças portadoras de Síndrome de Down e entre mães-crianças com desenvolvimento normal. **Estudos de Psicologia**, v.7, n.2, p.311-323, 2002.

SILVA, P.M.S. **Gesticulação e holófrases infantis**. Trabalho de conclusão de curso (Graduação em Letras) Universidade Federal da Paraíba, 2011.

SIM-SIM, I. **Desenvolvimento da linguagem**. Lisboa,1998.

STRAY-GUNDERSEN, Karen. **Crianças com Síndrome de Down: guia para pais e educadores**; tradução: Maria Regina Lucena Borges-Osório. Porto Alegre, 2007.

TOMASELLO, M. Um enigma e uma hipótese. **Origens culturais da aquisição do conhecimento humano**. São Paulo,2003.

VERGARA, Sylvia C. **Projetos e relatórios de pesquisa em administração**. 3.ed. Rio de Janeiro,2000.

VEZALI, P. O corpo e as considerações acerca da relação gesto e fala. **ILINX-Revista do Lume**, São Paulo, v. 2, n. 1, p.1-15, 2012.

WERNER, H.; KAPLAN, B. **Symbol formation: An organismic-developmental approach to language and expression of thought**. New York,1964.